

ATHENAS

Revista do Maranhão Para o Brasil

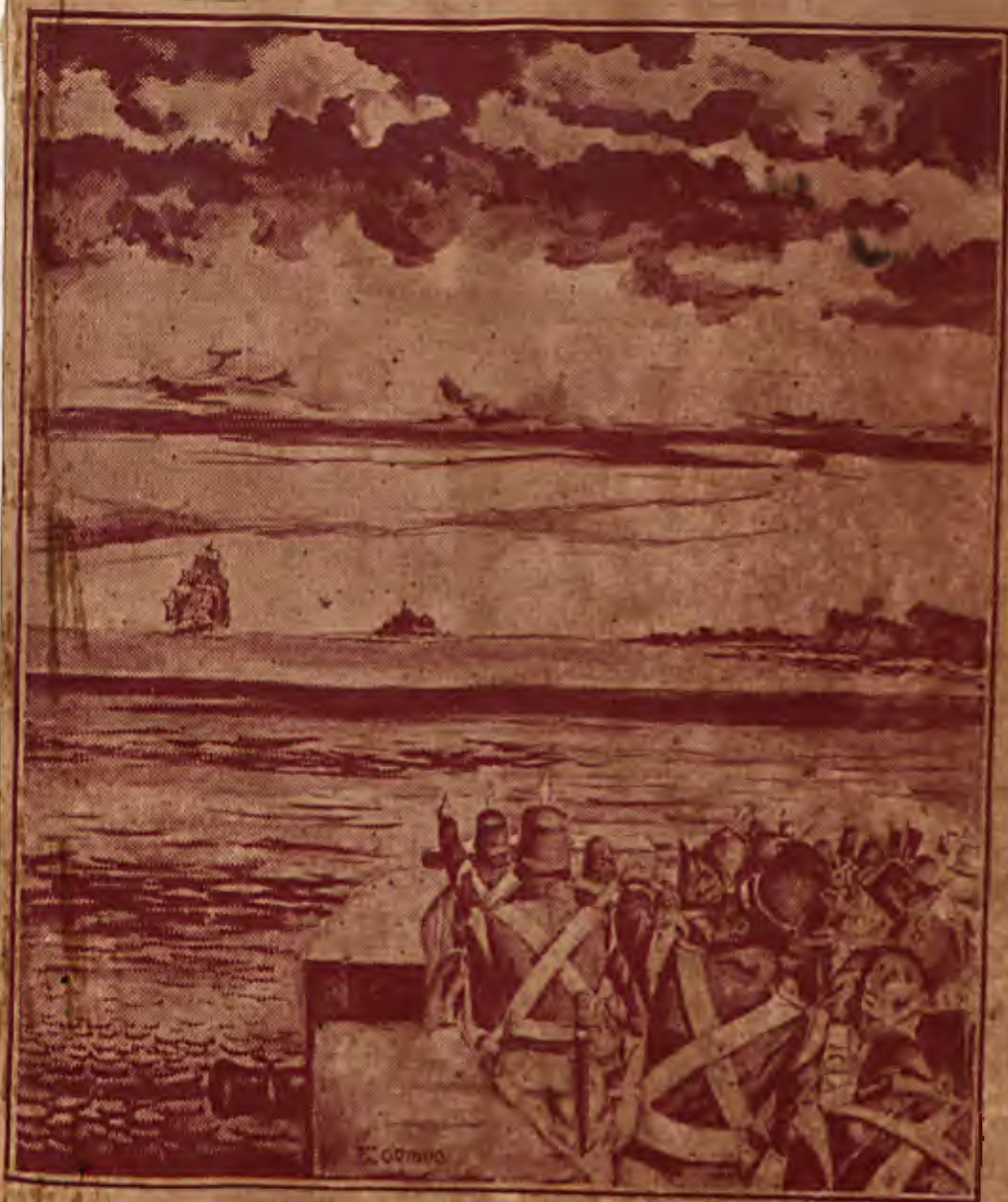
Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

ANNO III

AGOSTO — 1941

NUM. 20



INDA DOIRADA DOS TEMPOS HÉROICOS DE NOSTRA TERRA, NA ALÉGORIA DE
QUADRO DE EPOPEAS. O MAR, VELA, ARROJADAS E A GRAVURA DOS PRIMEI-
ROS PASSADORES DO SELO VIRGEN

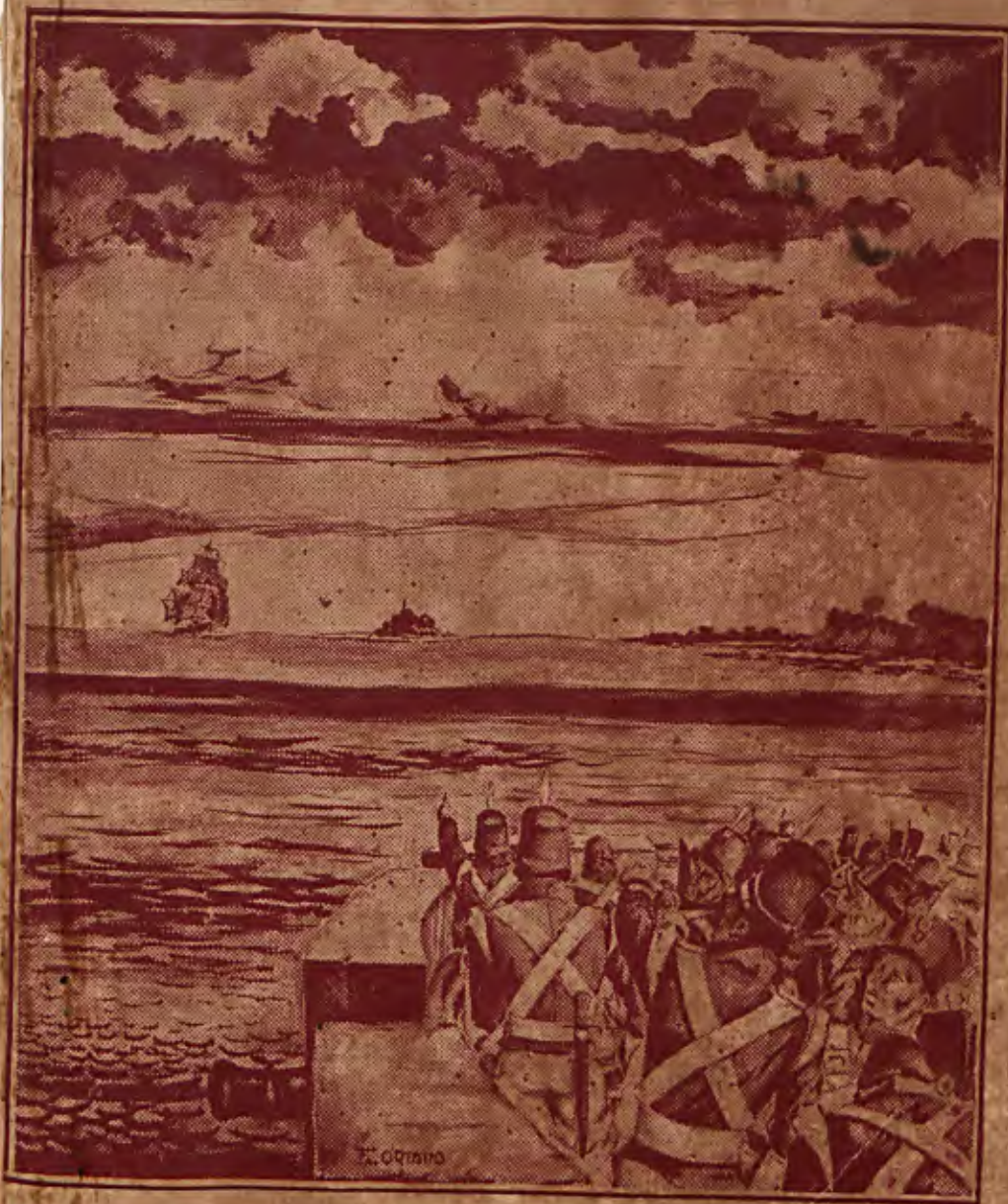
Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

ANNO III

AGOSTO — 1941

NUM. 30



ENDA DOIRADA DOS TEMPOS HERÓICOS DE NOSSA TERRA, NA ALEGORIA DE
QUADRO DE EPOPEAS. O MAR, VELAS ARROJADAS E A BRAVURA DOS PRIMEI-
ROS POSSUIDORES DO SOLO VIRGEM

O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

Agencia Nacional

United Press

Inter-Americana

British News Service

Agencia Transocean

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Diretor

DUACAÇÃO 303m

Em 14 de Junho 1954 RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-
MENTO, etc, procure **FOTO-GRÁFICO**
O IMPARCIAL
e de **Athenas**
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO
- RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) - FONE, 1501



Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

Director — A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO

ERASMO DIAS

Propriedade da Empresa
IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUES, 176

NUMERO AVULSO

Na Capital 30

Por via postal 30

ASSIGNATURAS

Por 6 mezes 180

Por 1 anno 360

O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

Agencia Nacional

United Press

Inter-Americana

British News Service

Agencia Transocean

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Diretor

Em 14 de Junho 1954 RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-
MENTO, etc, procure **FOTO-GRÁVADOR**
O IMPARCIAL
e de **Athenas**
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO
- RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) - FONE, 1501



Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

Director — A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO

ERASMO DIAS

Propriedade da Empresa
IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUES, 176

NUMERO AVULSO

Na Capital 30

Por via postal 30

ASSIGNATURAS

Por 6 mezes 180

Por 1 anno 360

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

REGISTRO SETORIAL

Sociedade Clara Rara

N.º 29
Data 23/11/73

VALERIO SANTIAGO

Quando Artur Dias conseguiu ser recebido por Adélia, depois de três dias de espera, estava com o espírito profundamente combalido. Anoitecia. Na rua da Estrela, hoje Candido Mendes, cessava o movimento intenso. Na esquina com a rua de Nazaré conversavam alguns caixeiros que moravam nos andares dos sobrados, por cima dos armazens em que eram empregados. Vinham, do jantar e iam a recolher. A luz mortíça do gaz bruxoleava nos lampeões. Os ultimos carregadores, descalços, de camisa curta, começavam a passar, a passos lentos, fatigados. Conversavam em altas vozes, pilheriavam uns com os outros, e de vez em quando soltavam gargalhadas que subiam até as janelas dos sobrados que se enfileiraram de ambos os lados da rua estreita.

Artur Dias que passeava na sala de visita, nervoso, a fumar o habitual cigário, encaminhou-se para a janela do sobrado e lançou o olhar pela rua abafada e sombria. Os caixeiros recolhiam-se e os carregadores se separavam na esquina da rua de Nazaré. Uns continuavam pela rua Candido Mendes, passavam pela porta do sobrado em que morava Adélia, e alcançavam o Largo do Palácio. Outros tomavam a ladeira da Nazaré para atingir momentos depois o velho prédio que o povo chamava Palácio dos Holandeses. Poucos tomaram a outra ladeira da mesma rua: eram os que moravam numas portas e janelas do lado esquerdo de quem sóbe para a Travessa de Palácio.

Anoitecia... E Adélia não vinha ao seu encontro na sala. Artur Dias encostou-se á sacada, e ficou de frente para a sala que já estava meio mergulhada nas sombras da noite. Examinava mais uma vez a mobília rica, o espelho de cristal, o tapete que se estendia entre as cadeiras que ladeavam o espaçoso sofá, quando uma mulatinha que o recebera acodindo ás suas palmas fortes na escada, entrou na sala, sobraçando um banco alto. Sem nada lhe dizer, colocou o banco no centro da sala, e trepando com agilidade, com os braços estendidos para cima, com um deles pegou o bojo do candieiro de prata lavrada e com o outro colocou o pavio em condições de pegar fogo.

Equilibrou-se de novo, abrindo a caixa de fósforo que trazia presa na mão esquerda, com a direita tirou um palito e riscou. Levou-o ao pavio e no mesmo instante uma luz forte iluminou

a sala, que era um primor de arrumação.

Artur Dias acompanhava, contrito, os trejeitos da mulatinha desde o momento que ela entrara na sala, sobraçando o mocho. Não lhe escapara á observação, desde o primeiro dia em que a vira naquela casa, o rosto bem desenhado oval, os olhos languidos, o nariz de asas empinadas e dilatadas, os cabelos castanhos pardos, o pescoço bem posto, elevado, que lhe dava a fronte de curvas suaves um ar senhoril, uma expressão cativante. E depois que ela trepou no mocho, e que seus braços se alongaram para fazer luz no candieiro, fitaram-se seus olhos no seu corpo bem proporcionado de formas harmoniosas. Retesados os músculos das pernas, das côxas e do tronco, os quadris, o ventre e os seios da mulatinha se projetaram, se delinearam com a imobilidade do tronco numa invulgar perfeição de plástica. Artur Dias entregou-se á admiração daquela estátua de carne. E só voltou á sua aflição depois que ela saltou do mocho, e com êle debaixo do braço, entrou, a quebrar-se, com o passo cadenciado, pela alcova.

Artur Dias, pela primeira vez, vira aquela sala. Partilhara várias vezes, do leito de Adélia, mas alta noite. Entrára na alcova, por uma das portas laterais que se abriam para o corredor.

A primeira vez, ali fôra ter a seu chamado, que recebera num cartão artistico que ela lhe mandára levar no escritório do armazem de ferragem de L. Peixoto & Cia., na mesma rua Candido Mendes, no qual, havia quatro anos, trabalhava como correntista. O cartão convidava-o para um chá, ás 10 horas da noite.

Naquela tarde, ao ler a sobrecarta, sentira a maior sensação de sua vida. Um convite da mais formosa mundana de S. Luiz! Adélia era, de fato, um esplendor de graças. Branca, de cabelos côr de azeitona, alta, esbelta, espaçosa fronte, alta e olhos negros. O corpo de linhas delicadas e inteiras, que desciam das espáduas e dos seios e morriam na cintura fina e que desciam da cintura e terminavam, aproximando-se uma das outras, nos artêlhos.

Quando saía, era um gosto vê-la, com as formas graciosas realçadas pelos vestidos de apurada confecção, pelo chapéu de plumas claras, ar-

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

REGISTRO SETORIAL

Sociedade Clara Rara

N.º 29
Data 23/11/73

VALERIO SANTIAGO

Quando Artur Dias conseguiu ser recebido por Adélia, depois de três dias de espera, estava com o espírito profundamente combalido. Anoitecia. Na rua da Estrela, hoje Candido Mendes, cessava o movimento intenso. Na esquina com a rua de Nazaré conversavam alguns caixeiros que moravam nos andares dos sobrados, por cima dos armazens em que eram empregados. Vinham, do jantar e iam a recolher. A luz mortiça do gaz bruxoleava nos lampeões. Os ultimos carregadores, descalços, de camisa curta, começavam a passar, a passos lentos, fatigados. Conversavam em altas vozes, pilheriavam uns com os outros, e de vez em quando soltavam gargalhadas que subiam até as janelas dos sobrados que se enfileiraram de ambos os lados da rua estreita.

Artur Dias que passeava na sala de visita, nervoso, a fumar o habitual cigatiro, encaminhou-se para a janela do sobrado e lançou o olhar pela rua abafada e sombria. Os caixeiros recolhiam-se e os carregadores se separavam na esquina da rua de Nazaré. Uns continuavam pela rua Candido Mendes, passavam pela porta do sobrado em que morava Adélia, e alcançavam o Largo do Palácio. Outros tomavam a ladeira da Nazaré para atingir momentos depois o velho prédio que o povo chamava Palácio dos Holandeses. Poucos tomaram a outra ladeira da mesma rua: eram os que moravam numas portas e janelas do lado esquerdo de quem sóbe para a Travessa de Palácio.

Anoitecia... E Adélia não vinha ao seu encontro na sala. Artur Dias encostou-se á sacada, e ficou de frente para a sala que já estava meio mergulhada nas sombras da noite. Examinava mais uma vez a mobília rica, o espelho de cristal, o tapete que se estendia entre as cadeiras que ladeavam o espaçoso sofá, quando uma mulatinha que o recebera acodindo ás suas palmas fortes na escada, entrou na sala, sobraçando um banco alto. Sem nada lhe dizer, colocou o banco no centro da sala, e trepando com agilidade, com os braços estendidos para cima, com um deles pegou o bojo do candieiro de prata lavrada e com o outro eclocou o pavio em condições de pegar fogo.

Equilibrou-se de novo, abrindo a caixa de fósforo que trazia presa na mão esquerda, com a direita tirou um palito e riscou. Levou-o ao pavio e no mesmo instante uma luz forte iluminou

a sala, que era um primor de arrumação.

Artur Dias acompanhava, contrito, os trejeitos da mulatinha desde o momento que ela entrara na sala, sobraçando o mocho. Não lhe escapara á observação, desde o primeiro dia em que a vira naquela casa, o rosto bem desenhado oval, os olhos languidos, o nariz de asas empinadas e dilatadas, os cabelos castanhos pardos, o pescoço bem posto, elevado, que lhe dava a fronte de curvas suaves um ar senhoril, uma expressão cativante. E depois que ela trepou no mocho, e que seus braços se alongaram para fazer luz no candieiro, fitaram-se seus olhos no seu corpo bem proporcionado de formas harmoniosas. Retesados os músculos das pernas, das coxas e do tronco, os quadris, o ventre e os seios da mulatinha se projetaram, se delinearam com a imobilidade do tronco numa invulgar perfeição de plástica. Artur Dias entregou-se á admiração daquela estátua de carne. e só voltou á sua aflição depois que ela saltou do mocho, e com elle debaixo do braço, entrou, a quebrar-se, com o passo cadenciado, pela alcova.

Artur Dias, pela primeira vez, vira aquela sala. Partilhara várias vezes, do leito de Adélia, mas alta noite. Entrára na alcova, por uma das portas laterais que se abriam para o corredor.

A primeira vez, ali fôra ter a seu chamado, que recebera num cartão artistico que ela lhe mandára levar no escritório do armazem de ferragem de L. Peixoto & Cia., na mesma rua Candido Mendes, no qual, havia quatro anos, trabalhava como correntista. O cartão convidava-o para um chá, ás 10 horas da noite.

Naquela tarde, ao ler a sobrecarta, sentira a maior sensação de sua vida. Um convite da mais formosa mundana de S. Luiz! Adélia era, de fâto, um esplendor de graças. Branca, de cabelos côr de azeitona, alta, esbelta, espaçosa fronte, alta e olhos negros. O corpo de linhas delicadas e inteiras, que desciam das espáduas e dos seios e morriam na cintura fina e que desciam da cintura e terminavam, aproximando-se uma das outras, nos artêlhos.

Quando saía, era um gosto vê-la, com as formas graciosas realçadas pelos vestidos de apurada confecção, pelo chapéu de plumas claras, ar-



tisticamente colocadas, que denunciava pela originalidade a excepcional mão de obra das mais famosas casas francesas. Si, porém, não trasia chapéu, o penteado era sempre uma feliz propaganda do atelier de madame Ory. E passeando com o seu passo miúdo que adquirira depois pertinaz exercício, percebia que os transeuntes lhe vibraram olhares cubíquos, o que ela, por vezes, correspondia com um sorriso prometedor. Era um belo e cativante sorriso que lhe punha á mostra as arcadas dos dentes polidos e bem cravados.

Artur Dias não sabia o que pensar... Si fôsse um protegido da fortuna... Um nome de cartaz... Mas simples e obscuro correntista do Sr. Peixoto & Cia...

E de vez em quando relia o cartão. Admirava a letra elegante de Adélia, o ramilhete de flôres, num dos cantos do cartão, no alto á esquerda. Relia a ultima frase — **De sua admiradora, Adélia.** Artur Dias imaginava a especie de aventura a cujo encontro ia... e que inesperadamente, naquela tarde, o procurava, através da grade do escritório, disfarçada num gentil convite.

E conteve-se, ditoso, com todo cuidado.

Coagiu as manifestações do seu mundo interior, e que se assemelhavam a relampagos violaceos que se sucedem numa noite tempestuosa de inverno. E ás seis horas, quando deixou o serviço, subiu ao seu quarto, no segundo andar, e fechou-se dentro dêle, como se temesse que alguém o arrancasse, á força, dos braços trémulos mas fortes de tão forte e estranha sensação.

Foi numa noite de sábado, o ultimo do mez de março, daquêlê ano que os sinos da igreja de N. S. do Carmo, davam alarme de incendio para evitar o empastelamento da "Cruzada", foi numa noite de sábado, a noite da aventura inesquecível. Adélia, ao entrar Artur Dias na sua alcôva, atirou-se-lhe aos braços e apertou-o demoradamente de encontro ao seio.

—Muito obrigada! Temia que não viesse! Que pensaste? Julgaste-me uma louca, não foi?

Dize com franqueza! Que pensaste de mim?

—Nada pensei. Ou melhor pensei tudo... Se não pensei que me quizesse para o teu amor!

— Muito obrigada, Artur. Quanto tempo eu te espreitava, pela manhã e á tarde de uma das janelas de minha sala! Até que me resolvi acabar com uma situação tão torturante! Não me vias... não atinavas... Não me davas o menor sinal de que minha pessoa te interessava!

—Não te via, de certo. Ou antes, eu te vi muitas vezes quando saias ou entravas...

—Que tal me achas com êste pegoir côr de rosa?

—Encantadora!

—Falas sério?

—Com sinceridade.

—Guardei para ti todas as energias do meu espirito, toda a riqueza dos meus sentimentos, todos os fogos de minha paixão.

Hoje iniciarei minha lua de mel.

—Lua de mel?

—Sim. Por que te espantas? A lua de mel de uma mulher começa no dia em que ela se entrega ao homem que ela ama. Não pensas assim?

—Não compreendo?

—Artur eu tive uma amiga, cuja lua de mel começou aos 40 anos, depois de viuva duas veses.

—Não compreendo...

—E' que a lua de mel de uma mulher começa quando ela recebe a primeira visita do verdadeiro amor. Eu me casei aos desessete anos, com um rapaz bonito e rico. Meus pais casaram-me. Casei-me em Alcantara. Casei-me alegre, satisfeita. O meu marido era bonito! Um rapazão inteligente, forte e simpático, que se apaixonára por mim.

—E depois?

—Na primeira noite que passei com êle compreendi que me enganara.

—Mas...

—Ele não soube se fazer amar. As suas caricias não me fizeram sentir o que eu imaginára! Compreendeste?

—Aos 22 anos fiquei viuva e não conhecia o amor. Compreendeste?



tisticamente colocadas, que denunciava pela originalidade a excepcional mão de obra das mais famosas casas francesas. Si, porém, não trasia chapéu, o penteado era sempre uma feliz propaganda do atelier de madame Ory. E passeando com o seu passo miúdo que adquirira depois pertinaz exercício, percebia que os transeuntes lhe vibraram olhares cubíquos, o que ela, por vezes, correspondia com um sorriso prometedor. Era um belo e cativante sorriso que lhe punha á mostra as arcadas dos dentes polidos e bem cravados.

Artur Dias não sabia o que pensar... Si fôsse um protegido da fortuna... Um nome de cartaz... Mas simples e obscuro correntista do Sr. Peixoto & Cia...

E de vez em quando relia o cartão. Admirava a letra elegante de Adélia, o ramilhete de flôres, num dos cantos do cartão, no alto á esquerda. Relia a ultima frase — **De sua admiradora, Adélia.** Artur Dias imaginava a especie de aventura a cujo encontro ia... e que inesperadamente, naquela tarde, o procurava, através da grade do escritório, disfarçada num gentil convite.

E conteve-se, ditoso, com todo cuidado.

Coagiu as manifestações do seu mundo interior, e que se assemelhavam a relampagos violaceos que se sucedem numa noite tempestuosa de inverno. E ás seis horas, quando deixou o serviço, subiu ao seu quarto, no segundo andar, e fechou-se dentro dêle, como se temesse que alguém o arrancasse, á força, dos braços trémulos mas fortes de tão forte e estranha sensação.

Foi numa noite de sábado, o ultimo do mez de março, daquêlê ano que os sinos da igreja de N. S. do Carmo, davam alarme de incendio para evitar o empastelamento da "Cruzada", foi numa noite de sábado, a noite da aventura inesquecível. Adélia, ao entrar Artur Dias na sua alcôva, atirou-se-lhe aos braços e apertou-o demoradamente de encontro ao seio.

—Muito obrigada! Temia que não viesse! Que pensaste? Julgaste-me uma louca, não foi?

Dize com franqueza! Que pensaste de mim?

—Nada pensei. Ou melhor pensei tudo... Se não pensei que me quizesse para o teu amor!

— Muito obrigada, Artur. Quanto tempo eu te espreitava, pela manhã e á tarde de uma das janelas de minha sala! Até que me resolvi acabar com uma situação tão torturante! Não me vias... não atinavas... Não me davas o menor sinal de que minha pessoa te interessava!

—Não te via, de certo. Ou antes, eu te vi muitas vezes quando saias ou entravas...

—Que tal me achas com êste pegoir côr de rosa?

—Encantadora!

—Falas sério?

—Com sinceridade.

—Guardei para ti todas as energias do meu espirito, toda a riqueza dos meus sentimentos, todos os fogos de minha paixão.

Hoje iniciarei minha lua de mel.

—Lua de mel?

—Sim. Por que te espantas? A lua de mel de uma mulher começa no dia em que ela se entrega ao homem que ela ama. Não pensas assim?

—Não compreendo?

—Artur eu tive uma amiga, cuja lua de mel começou aos 40 anos, depois de viuva duas veses.

—Não compreendo...

—E' que a lua de mel de uma mulher começa quando ela recebe a primeira visita do verdadeiro amor. Eu me casei aos desessete anos, com um rapaz bonito e rico. Meus pais casaram-me. Casei-me em Alcantara. Casei-me alegre, satisfeita. O meu marido era bonito! Um rapagão inteligente, forte e simpático, que se apaixonára por mim.

—E depois?

—Na primeira noite que passei com êle compreendi que me enganara.

—Mas...

—Ele não soube se fazer amar. As suas caricias não me fizeram sentir o que eu imaginára! Compreendeste?

—Aos 22 anos fiquei viuva e não conhecia o amor. Compreendeste?

—Estou com 28 anos, e ainda não conheço o amor.

—Então, entre tantos homens...

—É inacreditável, mas é verdade, meu caro Artur.

—A que atribues...

—Não sei! Não sei!

Adélia sentara-se ao lado de Artur Dias, num canapé. Passara-lhe o braço pelo pescoço e olhava-o com avidez.

—Mas desde o momento em que te descobri na casa do teu patrão qualquer coisa no meu intimo começou a dizer-me que tinha encontrado o homem que me faria conhecer o amor.

—Extraordinário!

—E'. Pela primeira vez te ouço a voz e sinto o contacto do teu corpo, através de teu fãto de casemira. E já compreendi que és o homem que eu procurava. A tua voz é a voz que imaginei tiveses. Esse primeiro contacto em que estamos é o com que eu sonhava. Acreditas?

—Acredito.

—E agora já compeendeste que não sou uma louca?

—Já.

—Vê em mim uma mulher, relativamente nova que andava atrás da felicidade... Juro-te que a encontrei!

Quando Artur Dias pela vigesima vez, ás 11 horas, da noite, galgou pressuroso, aos saltos, a escada do sobrado de Adélia, foi recebido no corredor pela mulatinha, que o fez parar.

—D. Adélia saiu e deixou este cartão para lhe entregar:

Artur Reis rompeu a sobrecarta e ali mesmo leu o cartão:

Meu inesquecível Artur.

Não me procures mais. Esquece-me mas si não te esqueças de que tu foste o primeiro homem que me fez conhecer o amor. Sei que como tu, não encontrarei mais nenhum. Mas que fazer? Seguirei o meu destino.

Adeus.

De quem nunca te esquecerá.

ADÉLIA

Artur Dias levantou os olhos do cartão, e procurou os olhos da mulatinha.

—Carolina!

—O sr. quer alguma coisa?

—Quero. Quero que digas a Adélia que eu preciso falar-lhe ainda uma vez.

—Direi.

—E tu me fazes o favor de avisar.

O SINO DE ROSARIO

Ao WADY SAUAIA

Minha alma vibra e a musa, em luz, me inspira.
Em versos pobres venho aqui cantar,
O nosso velho sino: Jamais ouvira
Dobrar finados como o seu dobrar.

Escuto-o a me lembrar quando ruira,
O meu encanto do primeiro lar.
Chorou comigo, e, bom, também, carpira
A grande dôr, aquela dôr sem par!

Nada mais quero agora desta vida,
Que me tem sido, assim, tão dolorida,
No percorrer do longo itinerário;

Suplico aos meus me façam esta vontade:
Quando eu morrer, mandai por piedade
Dobrar por mim o sino de Rosário.

CARLINDO CAMARA

—Lá no armazem?

—Sim, no armazem. Eu te gratificarei.

—Não é preciso...

—Póde ir descansado. Darei o seu recado e amanhã mesmo eu o procurarei.

E Artur Dias desceu, cambaleando, as escadas.

Carolina ao dia seguinte, procurou, pela manhã, c Artur, no escritório.

—Deste o meu recado?

—Dei. D. Adélia manda dizer-lhe que hoje não pode ser.

—Quando será, então?

—Eu lhe irei dizer.

—Ela está doente?

—Está boa.

—Que é que ela tem?

—Não tem nada, mas está muito atarantada, muito nervosa. Não tem dormido bem...

—Então, está doente!

—Não está. Sente a cabeça rodar. E o senhor como tem passado?

—Como passam os homens que não têm sorte.

Carolina sorriu, e demoradamente olhou-o com os seus olhos languidos e a fronte senhoril alevantada. Trajava um vestido azul claro. Os cabelos sôltos caíam-lhe aos ombros e encobriam-lhe parte do rosto.

Artur Dias sustentou o olhar de Carolina que resistia em lhe derramar a sua languidez.

—Estou com 28 anos, e ainda não conheço o amor.

—Então, entre tantos homens...

—É inacreditável, mas é verdade, meu caro Artur.

—A que atribues...

—Não sei! Não sei!...

Adélia sentara-se ao lado de Artur Dias, num canapé. Passara-lhe o braço pelo pescoço e olhava-o com avidez.

—Mas desde o momento em que te descobri na casa do teu patrão qualquer coisa no meu intimo começou a dizer-me que tinha encontrado o homem que me faria conhecer o amor.

—Extraordinário!

—E'. Pela primeira vez te ouço a voz e sinto o contacto do teu corpo, através de teu fãto de casemira. E já compreendi que és o homem que eu procurava. A tua voz é a voz que imaginei tiveses. Esse primeiro contacto em que estamos é o com que eu sonhava. Acreditas?

—Acredito.

—E agora já compeendeste que não sou uma louca?

—Já.

—Vê em mim uma mulher, relativamente nova que andava atrás da felicidade... Juro-te que a encontrei!

Quando Artur Dias pela vigesima vez, ás 11 horas, da noite, galgou pressuroso, aos saltos, a escada do sobrado de Adélia, foi recebido no corredor pela mulatinha, que o fez parar.

—D. Adélia saiu e deixou este cartão para lhe entregar:

Artur Reis rompeu a sobrecarta e ali mesmo leu o cartão:

Meu inesquecível Artur.

Não me procures mais. Esquece-me mas si não te esqueças de que tu foste o primeiro homem que me fez conhecer o amor. Sei que como tu, não encontrarei mais nenhum. Mas que fazer? Seguirei o meu destino.

Adeus.

De quem nunca te esquecerá.

ADÉLIA

Artur Dias levantou os olhos do cartão, e procurou os olhos da mulatinha.

—Carolina!

—O sr. quer alguma coisa?

—Quero. Quero que digas a Adélia que eu preciso falar-lhe ainda uma vez.

—Direi.

—E tu me fazes o favor de avisar.

O SINO DE ROSARIO

Ao WADY SAUAIA

Minha alma vibra e a musa, em luz, me inspira.
Em versos pobres venho aqui cantar,
O nosso velho sino: Jamais ouvira
Dobrar finados como o seu dobrar.

Escuto-o a me lembrar quando ruira,
O meu encanto do primeiro lar.
Chorou comigo, e, bom, também, carpira
A grande dôr, aquela dôr sem par!

Nada mais quero agora desta vida,
Que me tem sido, assim, tão dolorida,
No percorrer do longo itinerário;

Suplico aos meus me façam esta vontade:
Quando eu morrer, mandai por piedade
Dobrar por mim o sino de Rosário.

CARLINDO CAMARA

—Lá no armazem?

—Sim, no armazem. Eu te gratificarei.

—Não é preciso...

—Póde ir descansado. Darei o seu recado e amanhã mesmo eu o procurarei.

E Artur Dias desceu, cambaleando, as escadas.

Carolina ao dia seguinte, procurou, pela manhã, o Artur, no escritório.

—Deste o meu recado?

—Dei. D. Adélia manda dizer-lhe que hoje não pode ser.

—Quando será, então?

—Eu lhe irei dizer.

—Ela está doente?

—Está boa.

—Que é que ela tem?

—Não tem nada, mas está muito atarantada, muito nervosa. Não tem dormido bem...

—Então, está doente!

—Não está. Sente a cabeça rodar. E o senhor como tem passado?

—Como passam os homens que não têm sorte.

Carolina sorriu, e demoradamente olhou-o com os seus olhos languidos e a fronte senhoril alevantada. Trajava um vestido azul claro. Os cabelos soltos caíam-lhe aos ombros e encobriam-lhe parte do rosto.

Artur Dias sustentou o olhar de Carolina que resistia em lhe derramar a sua languidez.

—Quer dizer-me mais alguma coisa?

—Não.

E Carolina, saindo com o seu passo cadenciado:

—Até logo, seu Artur.

Adélia, naquela noite, entrou na sala, e abraçou o Artur Dias, com a satisfação de quem vê um amigo depois de longa separação.

—Duas semanas, disse-lhe sorrindo! E eu tenho a impressão de que nos separamos, há muito tempo.

Sentaram-se no sofá. E ela descansando a mão na perna do Artur:

—Que pensaste de mim quando recebeste o meu cartão?

—Pensei tudo... mas até agora não decifrei o enigma. Explica-me, pelo muito que me quizesse, pelo muito que ainda te quero, o motivo de tua resolução inabalável e brusca.

Evitarás, assim, que eu endoieça! Lembra-te de que me convenceste, de que viste, em mim o homem que, de há muito, esperavas! Até a última vez que participei de teu leito não me disseste outra coisa. E de repente, despedes-me, como se eu fôra um criado de tua casa, ou menos ainda! Adélia isto é inexplicável!

E Adélia, fitando-o demoradamente.

—Artur, vais compreender o que te parece inexplicável...

E pondo-lhe a mão no ombro:

—Depois que passaste a ser o preferido de um leito, compreendi que te queria mais do que eu pensava... Si te menti, foi porque não te disse tudo o que me fizeste sentir. Reconheci, ao contacto de outros homens, que só poderia viver contigo. Quando não vinhas, tinha a impressão dolorosa de que o meu leito estava cheio de espinhos. Por fim, vinha-me o ímpeto de despachar todos os meus amigos, todos, para ficar contigo. Verdadeira loucura, meu Artur! Como vês, estava alucinada! Como poderei eu viver sempre para ti? Como poderas tu, sozinho, cobrir todas as minhas despesas? A vida de uma rapariga é consideravelmente mais cara do que a de uma mulher casada. Os homens, em geral, não se casam, porque pensam que não ganham o bastante para sustentar uma família, até mesmo quando esta é de duas pessoas — êle e a mulher! Não é exato? No entanto, a realidade nos mostra o contrário. Uma mulher casada é para um homem apreciável fonte de economia. Algumas amigas minhas que são casadas gastam menos, da metade do que eu gasto e vivem felizes com os seus maridos que ganham pouco. E facilmente te convencerás do que ora te digo, com sinceridade, resultado de minhas observações. Um

exemplo te elucidará tudo. Eu como tua amante, não me atrevo a receber-te em desalinho, com um vestido ordinário, despenteada e mal calçada. Toda a minha preocupação está em parecer-te sempre uma mulher formosa, para que me possuas sempre... para que a posse de cada dia que se passa, seja sempre lembrado, e para que cada vez que estejas comigo, tenhas sempre a impressão, ou a ilusão de que me estás possuindo pela primeira vez. As raparigas que como eu, conhecem a vida, estudam sempre a maneira porque se devem apresentar ao seu amante. Elas têm que fazê-lo sentir, de cada vez, uma sensação nova, e essa sensação deve domina-lo no momento de se lhe apresentar. Ele tem que lhe dizer: Hoje estás irresistível! Ou então:

—Sinto no teu olhar uma coisa estranha!

—Como estás elegante! Ainda não tinha reparado bem no teu côlo!

A's vezes, uma simples modificação produz um efeito extraordinário no espírito dos nossos amantes! Nunca pensaste nisto?

Um laço, uma joia, um cinto, a côr da meia! Mas há de convir que para conseguirmos esses resultados gasta-se muito dinheiro, não é assim? Sem êste trabalho, os amantes fogem depressa e a rapariga ignorante não sabe porque os perdeu! Ele vai á busca de novas sensações e de novas impressões! E a mulher por mais bonita que seja, entra em decadência!

O Artur estava perplexo.

Adélia, sorrindo, continuou:

—A mulher casada tem a garantia da lei. O homem casado sente a coação que nêle exerce a sociedade. Os seus interesses estão mesmo ligados, quase sempre aos laços matrimoniais. Há conveniências que o obrigam a tolerar a mulher com que se casa. A mulher casada se não sabe, de consciência, de suas vantagens, sente-as. Depois de constituir o lar, deixa de se enfeitar. Descure de suas toilettes. Não aprimora mais as suas fôrmas para parecer formosa ao marido. Amatrone-se. O marido em regra geral não a deixa, mas reconhece que aquela mulher não é mais a mulher que o enfeitou. A volúpia das primeiras noites, desaparece a pouco e pouco. E ela sente, também que o marido já não a quer com a paixão dos primeiros dias. A' noite, no leito, procura pretextos para não se lhe entregar aos braços muitas vês, em ansias de o apertar. O resultado dessa situação, bem o sabes. Si a mulher não se controla, procura um amante para quem se enfeitará, como no tempo de môça. O marido que também descürara de seu toilete, arranja uma namorada, casada ou não, e passará a ser cuidado-

—(Continúa na pag. V).

—Quer dizer-me mais alguma coisa?

—Não.

E Carolina, saindo com o seu passo cadenciado:

—Até logo, seu Artur.

Adélia, naquela noite, entrou na sala, e abraçou o Artur Dias, com a satisfação da quem vê um amigo depois de longa separação.

—Duas semanas, disse-lhe sorrindo! E eu tenho a impressão de que nos separamos, há muito tempo.

Sentaram-se no sofá. E ela descansando a mão na perna do Artur:

—Que pensaste de mim quando recebeste o meu cartão?

—Pensei tudo... mas até agora não decifrei o enigma. Explica-me, pelo muito que me quizesse, pelo muito que ainda te quero, o motivo de tua resolução inabalável e brusca.

Evitarás, assim, que eu endoieça! Lembras-te de que me convenceste, de que viste, em mim o homem que, de há muito, esperavas! Até a última vez que participei de teu leito não me disseste outra coisa. E de repente, despedes-me, como se eu fôra um criado de tua casa, ou menos ainda! Adélia isto é inexplicável!

E Adélia, fitando-o demoradamente.

—Artur, vais compreender o que te parece inexplicável...

E pondo-lhe a mão no ombro:

—Depois que passaste a ser o preferido de um leito, compreendi que te queria mais do que eu pensava... Si te menti, foi porque não te disse tudo o que me fizeste sentir. Reconheci, ao contacto de outros homens, que só poderia viver contigo. Quando não vinhas, tinha a impressão dolorosa de que o meu leito estava cheio de espinhos. Por fim, vinha-me o ímpeto de despachar todos os meus amigos, todos, para ficar contigo. Verdadeira loucura, meu Artur! Como vês, estava alucinada! Como poderei eu viver sempre para ti? Como poderas tu, sozinho, cobrir todas as minhas despesas? A vida de uma rapariga é consideravelmente mais cara do que a de uma mulher casada. Os homens, em geral, não se casam, porque pensam que não ganham o bastante para sustentar uma família, até mesmo quando esta é de duas pessoas — êle e a mulher! Não é exato? No entanto, a realidade nos mostra o contrário. Uma mulher casada é para um homem apreciável fonte de economia. Algumas amigas minhas que são casadas gastam menos, da metade do que eu gasto e vivem felizes com os seus maridos que ganham pouco. E facilmente te convencerás do que ora te digo, com sinceridade, resultado de minhas observações. Um

exemplo te elucidará tudo. Eu como tua amante, não me atrevo a receber-te em desalinho, com um vestido ordinário, despenteada e mal calçada. Toda a minha preocupação está em parecer-te sempre uma mulher formosa, para que me possuas sempre... para que a posse de cada dia que se passa, seja sempre lembrado, e para que cada vez que estejas comigo, tenhas sempre a impressão, ou a ilusão de que me estás possuindo pela primeira vez. As raparigas que como eu, conhecem a vida, estudam sempre a maneira porque se devem apresentar ao seu amante. Elas têm que fazê-lo sentir, de cada vez, uma sensação nova, e essa sensação deve domina-lo no momento de se lhe apresentar. Ele tem que lhe dizer: Hoje estás irresistível! Ou então:

—Sinto no teu olhar uma coisa estranha!

—Como estás elegante! Ainda não tinha reparado bem no teu côlo!

A's vezes, uma simples modificação produz um efeito extraordinário no espírito dos nossos amantes! Nunca pensaste nisto?

Um laço, uma joia, um cinto, a côr da meia! Mas há de convir que para conseguirmos esses resultados gasta-se muito dinheiro, não é assim? Sem êste trabalho, os amantes fogem depressa e a rapariga ignorante não sabe porque os perdeu! Ele vai á busca de novas sensações e de novas impressões! E a mulher por mais bonita que seja, entra em decadência!

O Artur estava perplexo.

Adélia, sorrindo, continuou:

—A mulher casada tem a garantia da lei. O homem casado sente a coação que nêle exerce a sociedade. Os seus interesses estão mesmo ligados, quase sempre aos laços matrimoniais. Há conveniências que o obrigam a tolerar a mulher com que se casa. A mulher casada se não sabe, de consciência, de suas vantagens, sente-as. Depois de constituir o lar, deixa de se enfeitar. Descura de suas toilettes. Não aprimora mais as suas fórmulas para parecer formosa ao marido. Amatrone-se. O marido em regra geral não a deixa, mas reconhece que aquela mulher não é mais a mulher que o enfeitou. A volúpia das primeiras noites, desaparece a pouco e pouco. E ela sente, também que o marido já não a quer com a paixão dos primeiros dias. A' noite, no leito, procura pretextos para não se lhe entregar aos braços muitas véses, em ansias de o apertar. O resultado dessa situação, bem o sabes. Si a mulher não se controla, procura um amante para quem se enfeitará, como no tempo de môça. O marido que também descudara de seu toilete, arranja uma namorada, casada ou não, e passará a ser cuidado-

—(Continúa na pag. V).

CANHENHO SOCIAL

Aniversariam-se em setembro próximo:

Dia 1 — O jovem Ribamar Pinheiro Filho, dileto filho do nosso estimado confrade Ribamar Pinheiro, nosso colega de redação;

— dr. Galdino Ramos, conceituado clínico no Rio de Janeiro;

3 — a senhorita Maria de Assunção Lisboa, filha do falecido des. Lisboa Filho;

4 — o sr. Almir Saldanha da Silva, alto funcionário dos Correios e Telégrafos;

— o dr. Manoel Matias das Neves Filho, conceituado clínico conterrâneo;

7 — o sr. Clovis Castro, funcionário do Banco do Brasil;

— o sr. Gentil Machado, funcionário do Banco do Brasil;

8 — a exma. sra. d. Judite de Sousa Rio, digna esposa do sr. Antonio de Souza Rio;

10 — o sr. dr. Capitão José Saraiva, médico do nosso Exército;

— o sr. Arnaldo Barreto, chefe de seção da Alfandega;

— a senhorita Zilda Gonçalves dos Santos, filha do sr. José Gonçalves dos Santos;

11 — o sr. dr. Teodoro Rosa;

— o sr. dr. Carlos Nunes, diretor do Gabinete de Identificação e Médico Legal;

12 — o sr. dr. Solfieri Teive, conceituado clínico nesta capital;

— o sr. dr. Juvencio Matos;

— a professora Rosa Machado, diretora do Grupo Escolar "Henriques Leal";

13 — o jovem Aloisio Tógo Pinto Moura, filho do sr. tenente-coronel Aloisio Mou-

ra, digno comandante da Força Policial do Estado;

14 — o sr. Levi Santos, alto funcionário do Banco do Brasil;

— a senhorita Lígia Passarinho, filha do pranteado Benedito Passarinho e elemento de real destaque na sociedade paraense;

— a exma. sra. d. Gracinha Jorge Martins, esposa do sr. Antonio Augusto Martins;

— a menina Guilhermina Elvira, filhinha do sr. capitão Alexandre Colares Moreira e netá do sr. Antero Matos;

17 — o sr. dr. José Jansen, funcionário federal, residente no Rio de Janeiro;

— o sr. dr. Silva de Novais, conceituado clínico conterrâneo;

— o garoto José de Ribamar, dileto filhinho do sr. José Aristeu de Carvalho, funcionário do Banco do Brasil em Niterói;

18 — o sr. dr. Joaquim de Oliveira Itapari, juiz de direito no interior do Estado;

19 — o sr. dr. Flávio Bezerra, Chefe de Polícia do Estado;

20 — o sr. prof. Rubens Damasceno Ferreira, festejado artista conterrâneo;

— o jovem Ferdinand Aguiar, filho do sr. Jacinto Aguiar;

— a senhorita Yára Guimarães, filha do sr. dr. José Montenegro Guimarães;

21 — a senhorita Izabel Moraes, filha do sr. dr. Benedito Laurindo de Moraes;

— a exma. sra. d. Judite Serra, esposa do sr. prof. Joaquim Serra e genitora do

CANHENHO SOCIAL

Aniversariam-se em setembro próximo:

Dia 1 — O jovem Ribamar Pinheiro Filho, dileto filho do nosso estimado confrade Ribamar Pinheiro, nosso colega de redação;

— dr. Galdino Ramos, conceituado clínico no Rio de Janeiro;

3 — a senhorita Maria de Assunção Lisboa, filha do falecido des. Lisboa Filho;

4 — o sr. Almir Saldanha da Silva, alto funcionário dos Correios e Telégrafos;

— o dr. Manoel Matias das Neves Filho, conceituado clínico conterrâneo;

7 — o sr. Clovis Castro, funcionário do Banco do Brasil;

— o sr. Gentil Machado, funcionário do Banco do Brasil;

8 — a exma. sra. d. Judite de Sousa Rio, digna esposa do sr. Antonio de Souza Rio;

10 — o sr. dr. Capitão José Saraiva, médico do nosso Exército;

— o sr. Arnaldo Barreto, chefe de seção da Alfandega;

— a senhorita Zilda Gonçalves dos Santos, filha do sr. José Gonçalves dos Santos;

11 — o sr. dr. Teodoro Rosa;

— o sr. dr. Carlos Nunes, diretor do Gabinete de Identificação e Médico Legal;

12 — o sr. dr. Solfieri Teive, conceituado clínico nesta capital;

— o sr. dr. Juvencio Matos;

— a professora Rosa Machado, diretora do Grupo Escolar "Henriques Leal";

13 — o jovem Aloisio Tógo Pinto Moura, filho do sr. tenente-coronel Aloisio Mou-

ra, digno comandante da Força Policial do Estado;

14 — o sr. Levi Santos, alto funcionário do Banco do Brasil;

— a senhorita Lígia Passarinho, filha do pranteado Benedito Passarinho e elemento de real destaque na sociedade paraense;

— a exma. sra. d. Gracinha Jorge Martins, esposa do sr. Antonio Augusto Martins;

— a menina Guilhermina Elvira, filhinha do sr. capitão Alexandre Colares Moreira e neta do sr. Antero Matos;

17 — o sr. dr. José Jansen, funcionário federal, residente no Rio de Janeiro;

— o sr. dr. Silva de Novais, conceituado clínico conterrâneo;

— o garoto José de Ribamar, dileto filhinho do sr. José Aristeu de Carvalho, funcionário do Banco do Brasil em Niterói;

18 — o sr. dr. Joaquim de Oliveira Itapari, juiz de direito no interior do Estado;

19 — o sr. dr. Flávio Bezerra, Chefe de Polícia do Estado;

20 — o sr. prof. Rubens Damasceno Ferreira, festejado artista conterrâneo;

— o jovem Ferdinand Aguiar, filho do sr. Jacinto Aguiar;

— a senhorita Yára Guimarães, filha do sr. dr. José Montenegro Guimarães;

21 — a senhorita Izabel Moraes, filha do sr. dr. Benedito Laurindo de Moraes;

— a exma. sra. d. Judite Serra, esposa do sr. prof. Joaquim Serra e genitora do

ADESÃO DO MARANHÃO À INDEPENDENCIA



A data de 28 de julho êste ano teve expressiva comemoração no Rio. Damos aqui dois aspéctos dessa festa na Capital da República, tendo comparecido o Interventor Paulo Ramos e altas figuras do mundo administrativo e da colônia maranhense

-
- | | |
|---|--|
| <p>nosso companheiro Padre Astolfo Serra;</p> <p>— a exma. sra. d. Regina Andrade de Carvalho, esposa do sr. dr. João Braulino de Carvalho;</p> <p>— o sr. José Pires Nunes, sócio da firma Lima, Faria & Cia.;</p> <p>22 — o sr. dr. Josias Cunha, membro do Departamento Administrativo do Estado;</p> <p>— a exma. sra. d. Dóra Moraes, esposa do sr. dr. Benedito Laurindo de Moraes;</p> | <p>24 — o sr. dr. José Franklin Serra da Costa, assistente técnico da Diretoria de Estatística;</p> <p>25 — a exma. sra. d. Rosa Jorge de Mendonça, esposa do sr. dr. Sávio de Mendonça, residente no Rio de Janeiro;</p> <p>27 — a exma. sra. d. Cecília Ribeiro Cardoso, esposa do sr. dr. Clodomir Cardoso, residente no Rio de Janeiro;</p> <p>— a exma. sra. d. Edéa Dieguez Dorne-</p> |
|---|--|

ADESÃO DO MARANHÃO À INDEPENDENCIA



A data de 28 de julho deste ano teve expressiva comemoração no Rio. Damos aqui dois aspectos dessa festa na Capital da República, tendo comparecido o Interventor Paulo Ramos e altas figuras do mundo administrativo e da colônia maranhense

-
- | | |
|---|--|
| <p>nosso companheiro Padre Astolfo Serra;</p> <p>— a exma. sra. d. Regina Andrade de Carvalho, esposa do sr. dr. João Braulino de Carvalho;</p> <p>— o sr. José Pires Nunes, sócio da firma Lima, Faria & Cia.;</p> <p>22 — o sr. dr. Josias Cunha, membro do Departamento Administrativo do Estado;</p> <p>— a exma. sra. d. Dóra Moraes, esposa do sr. dr. Benedito Laurindo de Moraes;</p> | <p>24 — o sr. dr. José Franklin Serra da Costa, assistente técnico da Diretoria de Estatística;</p> <p>25 — a exma. sra. d. Rosa Jorge de Mendonça, esposa do sr. dr. Sávio de Mendonça, residente no Rio de Janeiro;</p> <p>27 — a exma. sra. d. Cecília Ribeiro Cardoso, esposa do sr. dr. Clodomir Cardoso, residente no Rio de Janeiro;</p> <p>— a exma. sra. d. Edéa Dieguez Dorne-</p> |
|---|--|

ANIVERSARIO DO GOVERNO PAULO RAMOS



Um flagrante das festas realizadas no Palácio de Educação, por ocasião da inauguração do retrato do exmo. sr. dr. Paulo Ramos, em comemoração ao transcurso do quinto aniversário do govêrno maranhense

-
- | | |
|---|--|
| las, esposa do sr. Osmar Dornelas, residente no Rio de Janeiro; | 29 — o sr. dr. Luiz Viana, residente no Rio de Janeiro; |
| — a senhorita Aida Dieguez, filha do sr. Pedro Dieguez; | — o sr. Miguel Moreira, sócio da firma Moreira, Sobrinho & Cia.; |
| 28 — o sr. dr. Paulo de Oliveira, Delegado do Ministério do Trabalho em Alagoas; | 30 — o sr. José Cunha, corretor da Metrópole; |
| — a exma. sra. d. Amélia Távora Teixeira Leite, esposa do sr. Cel. Antonio Carlos Teixeira Leite; | — a senhorita Maria Lima Braga, filha do sr. José Lopes Braga. |

ANIVERSARIO DO GOVERNO PAULO RAMOS



Um flagrante das festas realizadas no Palácio de Educação, por ocasião da inauguração do retrato do exmo. sr. dr. Paulo Ramos, em comemoração ao transcurso do quinto aniversário do govêrno maranhense

-
- | | |
|---|--|
| las, esposa do sr. Osmar Dornelas, residente no Rio de Janeiro; | 29 — o sr. dr. Luiz Viana, residente no Rio de Janeiro; |
| — a senhorita Aida Dieguez, filha do sr. Pedro Dieguez; | — o sr. Miguel Moreira, sócio da firma Moreira, Sobrinho & Cia.; |
| 28 — o sr. dr. Paulo de Oliveira, Delegado do Ministério do Trabalho em Alagôas; | 30 — o sr. José Cunha, corretor da Metrópole; |
| — a exma. sra. d. Amélia Távora Teixeira Leite, esposa do sr. Cel. Antonio Carlos Teixeira Leite; | — a senhorita Maria Lima Braga, filha do sr. José Lopes Braga. |

CAXIAS,

o Libertador



A FIGURA GLORIOSA DE LUIZ ALVES DE LIMA, O IMORTAL DUQUE DE CAXIAS, SERÁ SEMPRE O ALVO DAS MAIS JUSTAS HOMENAGENS DO POVO BRASILEIRO.

SÍMBOLO IMPERECÍVEL DAS VIRTUDES NACIONAIS, FOI O MAIOR EXEMPLO DE BRAVURA, DE DISCIPLINA, DE DEVER, O MAIOR SOLDADO DO IMPÉRIO, CUJA ESPADA MANTEVE O PRESTÍGIO DE NOSSA PÁTRIA, EM VÁRIOS CICLOS HISTÓRICOS, ELEVANDO O NOME DO BRASIL NOS CAMPOS DA LUTA, NOS ARREMESSOS INGRATOS DA GUERRA, E NOS INSTANTES GRAVES DA NAÇÃO.

PATRONO DO EXÉRCITO NACIONAL, GUIA DOS CIDADÃOS DE TODO O PAÍS, CAXIAS FICARÁ NA CONSCIÊNCIA DO POVO BRASILEIRO, COMO UM EXEMPLO DE VIRTUDES SOBREHUMANAS, E UM PADRÃO DE GLÓRIAS REDIVIVAS.

"ATHENAS", PUBLICANDO-LHE A EFÍGIE, PRESTA-LHE, AQUI, O CULTO DE SUA VENERAÇÃO AO GRANDE CONDESTÁVEL DO BRASIL IMPÉRIO, E NOME TUTELAR DO EXÉRCITO DO BRASIL REPÚBLICA.

CAXIAS,

o Libertador



A FIGURA GLORIOSA DE LUIZ ALVES DE LIMA, O IMORTAL DUQUE DE CAXIAS, SERA' SEMPRE O ALVO DAS MAIS JUSTAS HOMENAGENS DO POVO BRASILEIRO.

SÍMBOLO IMPERECÍVEL DAS VIRTUDES NACIONAIS, FOI O MAIOR EXEMPLO DE BRAVURA, DE DISCIPLINA, DE DEVER, O MAIOR SOLDADO DO IMPÉRIO, CUJA ESPADA MANTEVE O PRESTÍGIO DE NOSSA PÁTRIA, EM VÁRIOS CICLOS HISTÓRICOS, ELEVANDO O NOME DO BRASIL NOS CAMPOS DA LUTA, NOS ARREMESSOS INGRATOS DA GUERRA, E NOS INSTANTES GRAVES DA NAÇÃO.

PATRONO DO EXÉRCITO NACIONAL, GUIA DOS CIDADÃOS DE TODO O PAÍS, CAXIAS FICARÁ NA CONSCIÊNCIA DO POVO BRASILEIRO, COMO UM EXEMPLO DE VIRTUDES SOBREHUMANAS, E UM PADRÃO DE GLÓRIAS REDIVIVAS.

"ATHENAS", PUBLICANDO-LHE A EFÍGIE, PRESTA-LHE, AQUI, O CULTO DE SUA VENERAÇÃO AO GRANDE CONDESTAVEL DO BRASIL IMPÉRIO, E NOME TUTELAR DO EXÉRCITO DO BRASIL REPÚBLICA.

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

(Continuação da pag. IV)

so. E ás vezes, ambos fazem isto ao mesmo tempo.

O Artur não se mexia no sofá.

—Pois bem, se continuássemos, acabariamos, com os mal casados. Tu não poderás manter com o que me é preciso para te agradar. Ganhas pouco, meu Artur. Brevemente viria o aborrecimento. Eu passaria a ser para ti uma mulher qualquer, e eu, francamente, si te passasse a ver sem êste aprumo do bom tom, sem os alinhados fatos que usas, sem essas tuas gravatas bonitas, que vivem nos laços irrepreensíveis que lhe dás, sem aspirar o odôr estonteante de teus perfumes caros, certo que acabaria procurando outro homem. Di-

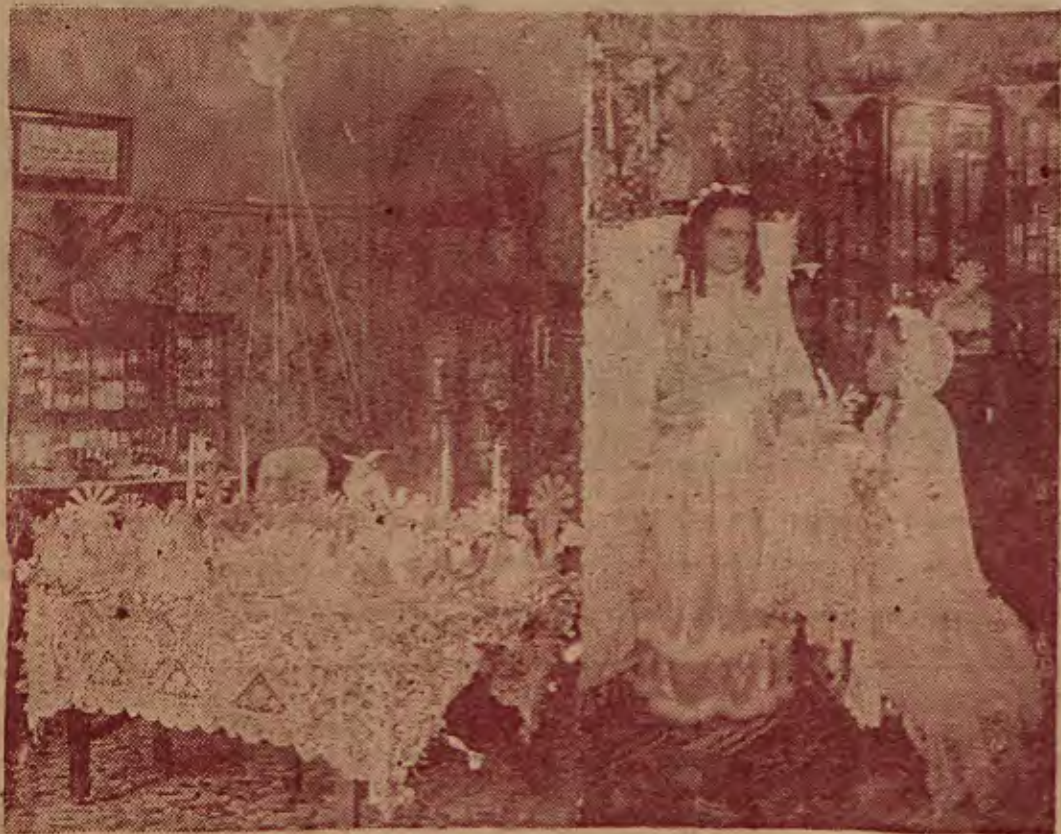
rás que te amei sem estas atrações, mas reconheço que d'ora avante não te poderia tolerar sem falar nas que me acostumaste.

O Artur continuava perplexo. Agora, com a fronte pendida para o chão, e com as mãos abertas apoiadas nos joelhos.

E Adélia depois de observar atentamente:

—Artur, é muito mais difícil ser rapariga, do que mulher casada.

As mulheres como eu, gastam muito dinheiro na sua representação. Não podem nunca aparecer mal vestidas, nem mal calçadas. Os amantes são de uma exigência feroz. Notam a menor fal-



A graciosa menina Maria de Jesus, diletta e aliciante filhinha do casal Bernardino Cunha e d. Mirtes Pereira Cunha no dia de suas bôdas espirituais, toda vestida de branco para receber a sua Primeira Comunhão, festa que foi celebrada com as justas alegrias de seus pais e de seus avós sr. João Alves Junior Pereira e d. Gracinha Gandra Pereira.

Aqui damos êste aspêcto da festa, a comungante e a linda mesa de dôce da recepção que ofereceu às suas amiguinhas.

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

(Continuação da pag. IV)

so. E ás vezes, ambos fazem isto ao mesmo tempo.

O Artur não se mexia no sofá.

—Pois bem, se continuássemos, acabariamos, com os mal casados. Tu não poderás manter com o que me é preciso para te agradar. Ganhas pouco, meu Artur. Brevemente viria o aborrecimento. Eu passaria a ser para ti uma mulher qualquer, e eu, francamente, si te passasse a ver sem êste aprumo do bom tom, sem os alinhados fatos que usas, sem essas tuas gravatas bonitas, que vivem nos laços irrepreensíveis que lhe dás, sem aspirar o odôr estonteante de teus perfumes caros, certo que acabaria procurando outro homem. Di-

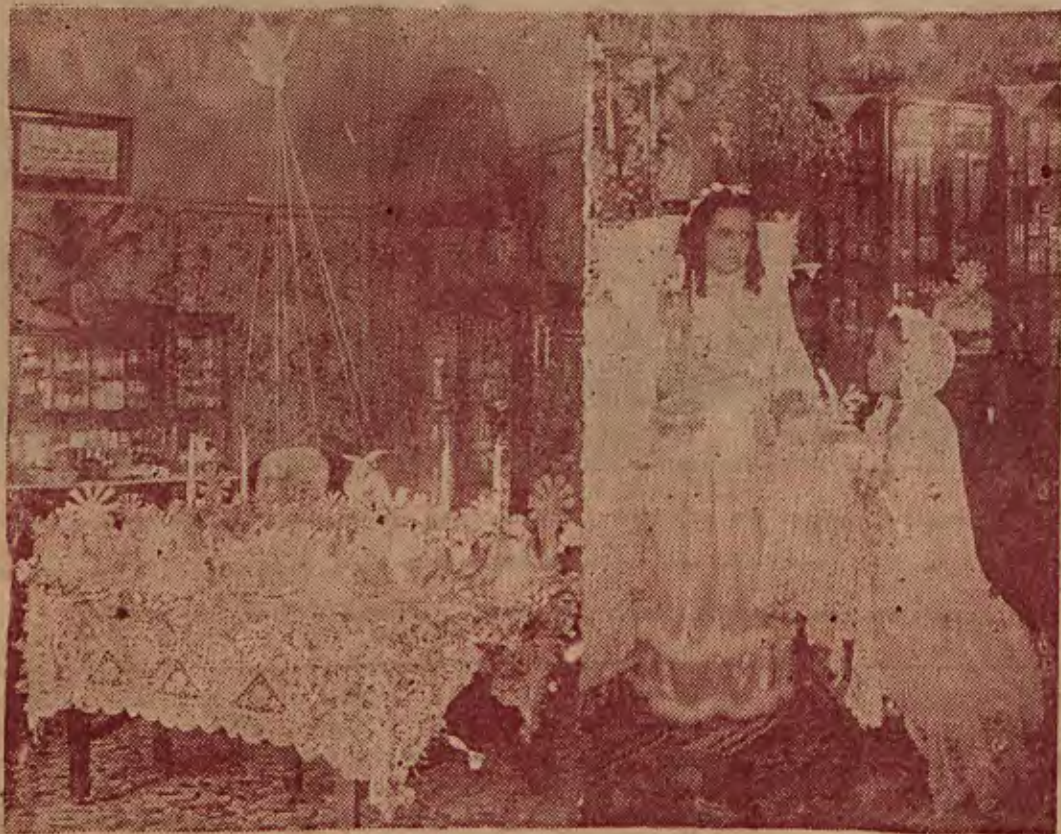
rás que te amei sem estas atrações, mas reconheço que d'ora avante não te poderia tolerar sem falar nas que me acostumaste.

O Artur continuava perplexo. Agora, com a fronte pendida para o chão, e com as mãos abertas apoiadas nos joelhos.

E Adélia depois de observar atentamente:

—Artur, é muito mais difícil ser rapariga, do que mulher casada.

As mulheres como eu, gastam muito dinheiro na sua representação. Não podem nunca aparecer mal vestidas, nem mal calçadas. Os amantes são de uma exigência feroz. Notam a menor fal-



A graciosa menina Maria de Jesus, diletta e aliciante filhinha do casal Bernardino Cunha e d. Mirtes Pereira Cunha no dia de suas bôdas espirituais, toda vestida de branco para receber a sua Primeira Comunhão, festa que foi celebrada com as justas alegrias de seus pais e de seus avós sr. João Alves Junior Pereira e d. Gracinha Gandra Pereira.

Aqui damos êste aspêcto da festa, a comungante e a linda mesa de dôce da recepção que ofereceu às suas amiguinhas.

As festas de Caxias



Três magníficos aspectos das solenidades, destacando-se, sôbremaneira, a linda demonstração cívica da juventude maranhense, que cobriu de flôres naturais, o medalhão de Caxias, que ornamenta um dos marcos dos jardins de entrada do suntuoso Quartel do 24 B/C

ta. Tudo isto que vês aqui, custa muito adquirir. Esta mobília, estes tapetes, estes jarros, êsses espelhos — uma fortuna. A cama da rapariga é como se fôsse um trono. Si soubesses por quanto andam as vestimentas de minha cama. Aquele serviço de chá muito teu conhecido, custou-me um conto e duzentos! E quem me deu foi um homem a quem nunca quiz bem! Não é interessante? E o melhor é que os homens casados, que nada exigem de suas esposas, que as toleram com o bafio do suor, querem encontrar todo o conforto na casa de uma rapariga. Ha pouco tempo co-

nheci a esposa de um dos meus amantes mais exigentes. Estava á porta da sua casa comprando umas frutas. Calçava uns chinelos de tapete! Os cabelos embrulhados. Trajava um vestido de chita, reles, desbotado. Amarelinha, coitada! No entanto, quando o marido chega aqui, meu Deus! põe-se á réparar tudo. A menor mancha na saia ou no casaco, uma batalha!

O Artur levantou-se, lentamente. Concertouse. Estava palido. O rôsto transnudado. Os olhos negros, amortecidos. O tronco atlético e sempre ereto, desaprumado. O Artur juntando os pés

As festas de Caxias



Três magníficos aspectos das solenidades, destacando-se, sôbremaneira, a linda demonstração cívica da juventude maranhense, que cobriu de flôres naturais, o medalhão de Caxias, que ornamenta um dos marcos dos jardins de entrada do suntuoso Quartel do 24 B/C

ta. Tudo isto que vês aqui, custa muito adquirir. Esta mobília, estes tapetes, estes jarros, êsses espelhos — uma fortuna. A cama da rapariga é como se fôsse um trono. Si soubesses por quanto andam as vestimentas de minha cama. Aquele serviço de chá muito teu conhecido, custou-me um conto e duzentos! E quem me deu foi um homem a quem nunca quiz bem! Não é interessante? E o melhor é que os homens casados, que nada exigem de suas esposas, que as toleram com o bafio do suor, querem encontrar todo o conforto na casa de uma rapariga. Ha pouco tempo co-

nheci a esposa de um dos meus amantes mais exigentes. Estava á porta da sua casa comprando umas frutas. Calçava uns chinelos de tapete! Os cabelos embrulhados. Trajava um vestido de chita, reles, desbotado. Amarelinha, coitada! No entanto, quando o marido chega aqui, meu Deus! põe-se a réparar tudo. A menor mancha na saia ou no casaco, uma batalha!

O Artur levantou-se, lentamente. Concertou-se. Estava palido. O rôsto transnudado. Os olhos negros, amortecidos. O tronco atlético e sempre ereto, desaprumado. O Artur juntando os pés

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

AGOSTO — 1941

NUM. 30

NASCIMENTO MORAES

LUTA DE GIGANTES

Causando grande surpresa a todos os povos beligerantes e não beligerantes a Alemanha voltou suas armas contra a Russia Soviética.

Quando foi da Conferencia de Munich a Alemanha de acôrdo com os seus princípios políticos, ou, melhor, com os axiomas do nazismo, não aceitou, ali, a colaboração da Russia. Si bem que alguns internacionalistas achassem que o 3.º Reich não podia justificar de maneira alguma tal procedimento, pois sobejos motivos havia para que a Russia tomasse parte nos trabalhos da Conferencia, houve quem justificasse a deliberação do 3.º Reich alegando a incompatibilidade fundamental que existia entre o nazismo e o comunismo.

Não sabemos se o govêrno da U. R. S. S. lançou algum protesto para registrar a atitude da Alemanha. Não sabemos mesmo si a imposição da Alemanha era motivo de protesto. Mas era de se esperar ficasse a Russia ressentida com o fato de ser brutalmente afastada da Conferencia.

A verdade porém, é que com ou sem ressentimento, pouco tempo depois se manifestou um movimento de aproximação entre a Alemanha e a Russia. O 3º Reich se esqueceu do tratamento que dispensou aos comunistas domiciliados dentro do seu território. Fugiram-lhe da memória aquelas páginas do manifesto anti-comunista, escrito conforme foi corrente por uma das figuras de prôl do nazismo, sr. Rudolfo Ess, agora prisioneiro voluntário dos ingleses. Esqueceu-se da Liga anti-comunista. A própria organização política do nazismo foi esquecida. Porque foi com a Russia que ela dividiu a Polónia.

Estiveram juntos numa conferencia como bons amigos o estado-maior alemão e o estado-maior russo, aferindo do valor da presa e o critério razoavel de divisão do território polonez. Es-

queceu-se a Alemanha das palavras do seu atual Chanceler contra o soviétismo. O sr. Molotof era principescamente tratado em Berlim. Quantas vezes o sr. Molotof visitou Berlim? Quantas vezes o sr. Ribentrop visitou Moscou?

De uma feita, o sr. Molotof quasi é vítima de um bombardeio da aviação inglesa! Apareceu depois um tratado entre a Russia e a Alemanha. Um tratado comercial de grande vantagem para a Alemanha. Houve quem dissesse que a Russia passara a ser um dos celeiros da Alemanha. Hiperbolicamente houve quem afirmasse que era a Russia um dos principais nervos da guerra, pela proteção que dispensava a Alemanha.

Deve haver muita mentira, muito exagero em tudo isto. O que, porém, ninguém pôde negar é que enquanto a Alemanha marcava o seu rumo para Oeste, visando apoderar-se dos países balcanicos, a Russia apoderava-se das republicas bálticas. Ora, ninguém ignora que a Russia não podia ver bem o avanço da Alemanha na direção de Oeste e a sua intromissão nos países balcanicos que o Russia sempre cobiçou. Do mesmo modo a Alemanha não podia vêr, sem constrangimento, a Russia consolidar o seu dominio no mar Báltico. Contudo não houve estremecimento algum! Sempre amigos! Grande complicação de interesses, grande jogo de simulações e dissimulações, mas sempre reverentes, sempre cordiais, sempre gentis!

Eis, porém, que de repente, uma grande explosão! Uma arrancada feroz! Uma defensiva á altura da arrancada! As legiões germanicas, notáveis pelas suas cargas estão encontrando tenaz resistência dos soviéticos que á vista dos últimos acontecimentos, tendem para uma furiosa ofensiva! A Rumania forçada, segundo se suspeita, a

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

AGOSTO — 1941

NUM. 30

NASCIMENTO MORAES

LUTA DE GIGANTES

Causando grande surpresa a todos os povos beligerantes e não beligerantes a Alemanha voltou suas armas contra a Russia Soviética.

Quando foi da Conferencia de Munich a Alemanha de acôrdo com os seus princípios políticos, ou, melhor, com os axiomas do nazismo, não aceitou, ali, a colaboração da Russia. Si bem que alguns internacionalistas achassem que o 3.º Reich não podia justificar de maneira alguma tal procedimento pois sobejos motivos havia para que a Russia tomasse parte nos trabalhos da Conferencia, houve quem justificasse a deliberação do 3.º Reich alegando a incompatibilidade fundamental que existia entre o nazismo e o comunismo.

Não sabemos se o govêrno da U. R. S. S. lançou algum protesto para registrar a atitude da Alemanha. Não sabemos mesmo si a imposição da Alemanha era motivo de protesto. Mas era de se esperar ficasse a Russia ressentida com o fato de ser brutalmente afastada da Conferencia.

A verdade porém, é que com ou sem ressentimento, pouco tempo depois se manifestou um movimento de aproximação entre a Alemanha e a Russia. O 3º Reich se esqueceu do tratamento que dispensou aos comunistas domiciliados dentro do seu território. Fugiram-lhe da memória aquelas páginas do manifesto anti-comunista, escrito conforme foi corrente por uma das figuras de prôl do nazismo, sr. Rudolfo Ess, agora prisioneiro voluntário dos ingleses. Esqueceu-se da Liga anti-comunista. A própria organização política do nazismo foi esquecida. Porque foi com a Russia que ela dividiu a Polónia.

Estiveram juntos numa conferencia como bons amigos o estado-maior alemão e o estado-maior russo, aferindo do valor da presa e o critério razoavel de divisão do território polonez. Es-

queceu-se a Alemanha das palavras do seu atual Chanceler contra o soviétismo. O sr. Molotof era principescamente tratado em Berlim. Quantas vezes o sr. Molotof visitou Berlim? Quantas vezes o sr. Ribentrop visitou Moscou?

De uma feita, o sr. Molotof quasi é vítima de um bombardeio da aviação inglesa! Apareceu depois um tratado entre a Russia e a Alemanha. Um tratado comercial de grande vantagem para a Alemanha. Houve quem dissesse que a Russia passara a ser um dos celeiros da Alemanha. Hiperbolicamente houve quem afirmasse que era a Russia um dos principais nervos da guerra, pela proteção que dispensava a Alemanha.

Deve haver muita mentira, muito exagero em tudo isto. O que, porém, ninguém pôde negar é que enquanto a Alemanha marcava o seu rumo para Oeste, visando apoderar-se dos países balcanicos, a Russia apoderava-se das republicas bálticas. Ora, ninguém ignora que a Russia não podia ver bem o avanço da Alemanha na direção de Oeste e a sua intromissão nos países balcanicos que o Russia sempre cobiçou. Do mesmo modo a Alemanha não podia vêr, sem constrangimento, a Russia consolidar o seu dominio no mar Báltico. Contudo não houve estremecimento algum! Sempre amigos! Grande complicação de interesses, grande jogo de simulações e dissimulações, mas sempre reverentes, sempre cordiais, sempre gentis!

Eis, porém, que de repente, uma grande explosão! Uma arrancada feroz! Uma defensiva á altura da arrancada! As legiões germanicas, notáveis pelas suas cargas estão encontrando tenaz resistência dos soviéticos que á vista dos últimos acontecimentos, tendem para uma furiosa ofensiva! A Rumania forçada, segundo se suspeita, a



Dulcinéa Baía Oliveira, dileta filhinha do sr. José Oliveira e d. Nair B. de Oliveira, cujo aniversário decorreu a 19 de junho

tomar as armas contra os seus velhos amigos, já está com as suas principais cidades arrasadas e com os seus poços petrolíferos, inutilizados, se não no todo, mas em parte.

Os húngaros, assaltados como foram por uma legião germanica, por motivo de suas conveniências, sem dar um tiro, também estão metidos na luta e já estão sofrendo ataques da aviação soviética por fidelidade à Alemanha, e por ser colaboradora de última hora, dos seus gestos belicócosos.

A Rússia Soviética, segundo as declarações do sr. Molotof, vai mostrar ao mundo o seu poderio militar!

Será que o 3.º Reich, tomou mais uma vez o bonde errado? Dizemos mais uma vez, porque a Inglaterra comprou um bonde mineiro!

* * *

Mas porque foi que o Chanceler alemão se resolveu pela invasão da Rússia?

Estou a ruminar que foi a inutilidade da luta em Creta. O 3.º Reich havia resolvido dominar o Irak. Já havia preparado o terreno. Aquele revolução que repentinamente deu em terra com o governo do Irak, simpático à Inglaterra, para o substituir por um governo simpático à Alemanha, foi o primeiro passo para o ataque!

A Inglaterra, bem avisada, repentinamente, embarcou forças no Irak e preparou, de imediato, a contra revolução. Feliz na sua empresa que não foi fácil, não perdeu tempo. As suas forças invadiram a Síria.

Os que acompanham a guerra, de longe, como nós, compreenderam que as legiões germanicas, depois de vitoriosas em Creta, ficaram sem direção. Uns pensavam que iam atacar Chipre. Outros afirmavam que iam passar à África para forçar em seguida a passagem do Egito e alcançar o Suez.

Houve quem presumisse que iam invadir a Turquia

Si não nos enganamos, o próprio governo turco suspeitou tal acontecesse.

Repentinamente, a invasão da Rússia, que sem dúvida ao 3.º Reich pareceu mais fácil que a invasão à Gran-Bretanha, sempre adiada... sempre adiada, pois os portos de invasão estão sempre flagelados pela aviação britânica.

Mas a invasão da Rússia teve certamente um objetivo, e dizem todos que o 3.º Reich a determinou para se abastecer do petróleo que perdeu, perdendo o Irak, e para se abastecer de trigo. Parece que essas razões não são más. Os invasores procuram abrir caminho para as terras do petróleo e do trigo.

Ha, porém, quem veja outro motivo: a necessidade que sente a Alemanha do apoio das nacionalidades que a repelem por causa de sua atitude.

A Rússia Soviética está fóra, da simpatia das nacionalidades. O comunismo há sido um dos flagelos das organizações políticas do globo. A sua infiltração tem sido nociva a todas as coletividades. O 3.º Reich resolvendo destruir a Rússia, cuidara com os aplausos gerais de todos os povos, até daqueles que estão de armas nas mãos contra as suas legiões conquistadoras.

Esse modo de ver também se justifica, porque os jornais alemães estão atacando barbaramente o comunismo. Chamam-lhe de inimigo n. 1 da Humanidade! Insistem nessa lenga-lenga, que à vista dos fatos passados não dão resultados satisfatórios. Todos reconhecem que esse ataque é apenas uma especulação industriosa de ultima hora, feita por um governo que até bem pouco tempo esteve de braços abertos para o comunismo, depois de o ter combatido com veemência e até com violência!

E, possível que sejam duas as razões: a extrema necessidade do petróleo e de trigo, principalmente do petróleo, porque sem isto todas as



Dulcinéa Baía Oliveira, dileta filhinha do sr. José Oliveira e d. Nair B. de Oliveira, cujo aniversário decorreu a 19 de junho

tomar as armas contra os seus velhos amigos, já está com as suas principais cidades arrasadas e com os seus poços petrolíferos, inutilizados, se não no todo, mas em parte.

Os húngaros, assaltados como foram por uma legião germanica, por motivo de suas conveniências, sem dar um tiro, também estão metidos na luta e já estão sofrendo ataques da aviação soviética por fidelidade à Alemanha, e por ser colaboradora de última hora, dos seus gestos belicócosos.

A Rússia Soviética, segundo as declarações do sr. Molotof, vai mostrar ao mundo o seu poderio militar!

Será que o 3.º Reich, tomou mais uma vez o bonde errado? Dizemos mais uma vez, porque a Inglaterra comprou um bonde mineiro!

Mas porque foi que o Chanceler alemão se resolveu pela invasão da Rússia?

Estou a ruminar que foi a inutilidade da luta em Creta. O 3.º Reich havia resolvido dominar o Irak. Já havia preparado o terreno. Aquele revolução que repentinamente deu em terra com o governo do Irak, simpático à Inglaterra, para o substituir por um governo simpático à Alemanha, foi o primeiro passo para o ataque!

A Inglaterra, bem avisada, repentinamente, embarcou forças no Irak e preparou, de imediato, a contra revolução. Feliz na sua empresa que não foi fácil, não perdeu tempo. As suas forças invadiram a Síria.

Os que acompanham a guerra, de longe, como nós, compreenderam que as legiões germanicas, depois de vitoriosas em Creta, ficaram sem direção. Uns pensavam que iam atacar Chipre. Outros afirmavam que iam passar à África para forçar em seguida a passagem do Egito e alcançar o Suez.

Houve quem presumisse que iam invadir a Turquia

Si não nos enganamos, o próprio governo turco suspeitou tal acontecesse.

Repentinamente, a invasão da Rússia, que sem dúvida ao 3.º Reich pareceu mais fácil que a invasão à Gran-Bretanha, sempre adiada... sempre adiada, pois os portos de invasão estão sempre flagelados pela aviação britânica.

Mas a invasão da Rússia teve certamente um objetivo, e dizem todos que o 3.º Reich a determinou para se abastecer do petróleo que perdeu, perdendo o Irak, e para se abastecer de trigo. Parece que essas razões não são más. Os invasores procuram abrir caminho para as terras do petróleo e do trigo.

Ha, porém, quem veja outro motivo: a necessidade que sente a Alemanha do apoio das nacionalidades que a repelem por causa de sua atitude.

A Rússia Soviética está fóra, da simpatia das nacionalidades. O comunismo há sido um dos flagelos das organizações políticas do globo. A sua infiltração tem sido nociva a todas as coletividades. O 3.º Reich resolvendo destruir a Rússia, cuidara com os aplausos gerais de todos os povos, até daqueles que estão de armas nas mãos contra as suas legiões conquistadoras.

Esse modo de ver também se justifica, porque os jornais alemães estão atacando barbaramente o comunismo. Chamam-lhe de inimigo n. 1 da Humanidade! Insistem nessa lenga-lenga, que à vista dos fatos passados não dão resultados satisfatórios. Todos reconhecem que esse ataque é apenas uma especulação industriosa de ultima hora, feita por um governo que até bem pouco tempo esteve de braços abertos para o comunismo, depois de o ter combatido com veemência e até com violência!

E, possível que sejam duas as razões: a extrema necessidade do petróleo e de trigo, principalmente do petróleo, porque sem isto todas as

O MÊS DE MAIO NA IGREJA DO CARMO



Lindo aspecto da festa da Coroação, na Igreja do Carmo, realizado no dia 31 de maio último. O cliché mostra o trono artisticamente ornamentado pelo reverendo frei Ambrosio

suas poderosas forças mecanizadas ficarão anuladas, todas as suas maquinarias de combate ficarão paradas, nos lugares em que se acharem!

Aceito de olhos fechados essa justificativa. O sonho germanico era o Irak. Perdido o Irak, urge procurar o petróleo esteja onde estiver! Sem petróleo, nada feito, e tudo o que foi realizado ficará irremediavelmente perdido.

Em primeiro lugar o petróleo! Depois a con

Não aconselhe quem não lhe pede que o faça.

SÊNECA

quista do Egypto, do Suez, a invasão da Gran-Bretanha!

Sem o petróleo, o povo alemão ficará, indefeso, a braços, com uma tragédia grega, e uma sombria apatia de final!

O MÊS DE MAIO NA IGREJA DO CARMO



Lindo aspecto da festa da Coroação, na Igreja do Carmo, realizado no dia 31 de maio último. O cliché mostra o trono artisticamente ornamentado pelo reverendo frei Ambrosio

suas poderosas forças mecanizadas ficarão anuladas, todas as suas maquinarias de combate ficarão paradas, nos lugares em que se acharem!

Aceito de olhos fechados essa justificativa. O sonho germanico era o Irak. Perdido o Irak, urge procurar o petróleo esteja onde estiver! Sem petróleo, nada feito, e tudo o que foi realizado ficará irremediavelmente perdido.

Em primeiro lugar o petróleo! Depois a con

Não aconselhe quem não lhe pede que o faça.

SÊNECA

quista do Egypto, do Suez, a invasão da Gran-Bretanha!

Sem o petróleo, o povo alemão ficará, indefeso, a braços, com uma tragédia grega, e uma sombria apatia de final!

POESIA PAULISTA

Yóñne Stamato destaca-se, entre as poetisas do Brasil, como a mais fina sensibilidade e o mais moço talento. Seu livro, "A Sombra que fugiu do corpo", nos dá mostra do sentido de beleza que sua arte põe nas coisas da vida.

Nesta página transcrevemos alguns dos belos poemas da consagrada poetisa da terra bandeirante:

A BAILARINA

Ela era uma pétala de rosa nas azas do vento
E veio dansando sôbre um raio de sol.
Dansava para viver, vivia porque dansava

E um dia, como chegára, partiu nas azas do vento...

E agora, bailarina, onde estarás dansando?
Nas ondas do mar? Nas folhas caídas?
Nas lembranças abandonadas? Nas lagrimas perdidas?

Agora estás dansando, muito branca e linda
Como uma neblina
Na memória dos homens...

A VENDEDORA DE FLÔRES

A vendedora de flôres adormeceu cansada
E um ladrão misterioso
Que por ela passou

Levou todos os lírios que encontrou...

Mais tarde a vendedora despertou
Deu por falta dos lírios
E uma nuvem de magia
Em seus olhos brilhou.
Mas... como toda nuvem
Essa nuvem passou.

—Quem teria roubado os lírios? Quem teria?
Quem sabe foi a mãe desconhecida
Para cobrir a branca filha morta?
Quem sabe foi a noiva que os levou
Para enfeitar o altar da sua vida?
Ou — quem sabe? — si alguma vendedora
De flôres do pecado
Que, num dia longínquo, adormeceu
Também despreocupada
E acordou sem seus lírios
Pois passara em sua vida um ladrão encantado...

ESPERANÇA — BEM SUPREMO

(Epigrama)

—Menino, toma cuidado!
A rosa que tens na mão
E' como a rosa da vida:
Engana com o seu perfume,
Tem espinhos escondidos...
Menino, conta-me agora
Quem te deu rosa tão linda?

—Foi a esperança, senhora!

—Menino, como creceste!
Tens as mãos ensanguentadas,
Os espinhos penetraram
Para sempre em tua carne.

Que é da rosa que levavas
Tão risonho e descuidado?
Menino, conta-me agora
Quem te deu mágoa tão grande?

—Foi a esperança, senhora...

MALDIÇÃO

Quisera que as tuas mãos parassem de repente
Na última carícia.
Quisera que os teus olhos ficassem parados
No instante em que disseses
A tua última prece de volúpia
Dentro da minha boca...
Quisera que levasses teu corpo impregnado
Da graça do meu corpo
Num desafio á Morte.
Quisera que os teus olhos ficassem parados
Diante da minha mocidade
Como dois espelhos mortos...

POESIA PAULISTA

Yóñne Stamato destaca-se, entre as poetisas do Brasil, como a mais fina sensibilidade e o mais moço talento. Seu livro, "A Sombra que fugiu do corpo", nos dá mostra do sentido de beleza que sua arte põe nas coisas da vida.

Nesta página transcrevemos alguns dos belos poemas da consagrada poetisa da terra bandeirante:

A BAILARINA

Ela era uma pétala de rosa nas azas do vento
E veio dançando sobre um raio de sol.
Dansava para viver, vivia porque dansava

E um dia, como chegára, partiu nas azas do vento...

E agora, bailarina, onde estarás dançando?
Nas ondas do mar? Nas folhas caídas?
Nas lembranças abandonadas? Nas lágrimas perdidas?

Agora estás dançando, muito branca e linda
Como uma neblina
Na memória dos homens...

A VENDEDORA DE FLÔRES

A vendedora de flôres adormeceu cansada
E um ladrão misterioso
Que por ela passou

Levou todos os lírios que encontrou...

Mais tarde a vendedora despertou
Deu por falta dos lírios
E uma nuvem de magia
Em seus olhos brilhou.
Mas... como toda nuvem
Essa nuvem passou.

—Quem teria roubado os lírios? Quem teria?
Quem sabe foi a mãe desconhecida
Para cobrir a branca filha morta?
Quem sabe foi a noiva que os levou
Para enfeitar o altar da sua vida?
Ou — quem sabe? — si alguma vendedora
De flôres do pecado
Que, num dia longínquo, adormeceu
Também despreocupada
E acordou sem seus lírios
Pois passara em sua vida um ladrão encantado...

ESPERANÇA — BEM SUPREMO

(Epigrama)

—Menino, toma cuidado!
A rosa que tens na mão
É como a rosa da vida:
Engana com o seu perfume,
Tem espinhos escondidos...
Menino, conta-me agora
Quem te deu rosa tão linda?

—Foi a esperança, senhora!

—Menino, como creceste!
Tens as mãos ensanguentadas,
Os espinhos penetraram
Para sempre em tua carne.

Que é da rosa que levavas
Tão risonho e descuidado?
Menino, conta-me agora
Quem te deu mágoa tão grande?

—Foi a esperança, senhora...

MALDIÇÃO

Quisera que as tuas mãos parassem de repente
Na última carícia.
Quisera que os teus olhos ficassem parados
No instante em que disseses
A tua última prece de volúpia
Dentro da minha boca...
Quisera que levasses teu corpo impregnado
Da graça do meu corpo
Num desafio à Morte.
Quisera que os teus olhos ficassem parados
Diante da minha mocidade
Como dois espelhos mortos...

O SERINGUEIRO

HUMBERTO DE CAMPOS

I

A' semelhança de um inseto minúsculo e amedrontado que se refugiava na base de um penedo, fugindo de inimigos invisíveis mas certos, a povoação de Graça, com a sua capela, e a sua duzia de casas, repousa, há mais de um século, no sopé da Ibiapaba. A's três horas da tarde, quando o sertão imenso, para os lados da Meruóca, ainda fulgura iluminado, já está ela mergulhada no seu manto cinzento, preparando-se para o descanso da noite. E' que o sol, descendo por trás da serra cortada a pique, projeta sobre aquela parte do sertão a sombra larga da montanha, como si Deus a quizesse esconder, antes das outras povoações cearenses, contra os incontáveis perigos da terra e do céu.

Foi nêsse pequeno recanto sertanejo que o Joaquim Lucrécio, partindo das margens do Acaraú, onde era lavrador, se deteve em 1878. O seu objetivo, de quem fugia ao flagelo que tudo devastava, era alcançar a Serra Grande por uma das ladeiras de Léste. Ao chegar, porém, ás proximidades da encosta caiu a primeira chuva. O Jaibara encheu, arrastando na descida detritos das arvores e ossadas de animais. E como a esperança de fartura voltasse ao coração dos homens, o retirante recebeu um convite para o serviço e levantou, á margem do rio, a pequenina casa de palha para abrigo da mulher e dois filhos, o João e a Carolina, que a morte poupára no êxodo.

Foi aí, sob a proteção da serra enorme e verde, que os dois irmãos se criaram, apurando a coragem nas lições da natureza e na áspera vida de privações. Enquanto a velha mãe gemia, entrevada, sobre a esteira de carnaúba estendida no chão de barro batido, e o pai, tostado pela soalheira e curtido pela miséria procurava trabalho nas fazendas vizinhas, ia a menina á cacimba, no leito seco do rio, com o pote á cabeça, buscar a agua para os serviços domésticos, ao mesmo tempo que o irmão, mais velho que ela dois anos, cortava, em companhia de outros da sua idade, as folhas tenras das carnaúbeiras para a extração de cêra e aproveitamento das palhas na confecção de chapéus.

Assim cresceu a Carolina. Assim cresceu o João.

II

Aquela vida de penúria, em que se sucediam, ás vezes, os dias em que o sustento de cada pessoa se limitava a um punhado de farinha e a um pequeno pedaço de rapadura, não podia, porém, perdurar sem protesto. Carolina tornava-se moça. Morena e pálida, opilada pela alimentação deficiente, possuía, contudo, os traços finos, delicados, do mameluco originário, em que predominavam, no entanto, as características da raça branca. Andava pelo quinze anos e não parecia ter mais de treze. Apenas, traíndo a idade, os seios se lhe avolumavam opulentos, como uma árvore tenra que concentra toda a seiva destinada ao tronco no esplendor e na glória dos frutos. Os cabelos côr de mel, apertados em trança descuidada, punham-lhe á mostra a testa bem feita, desenhando-lhe, ao mesmo tempo, a correção da cabeça pequena. Os olhos negros, pareciam mais negros na esclerética acentuada pela anemia e os dentes mais alvos através dos lábios descorados pela miséria. Não fôsse o vestidinho sujo e rôto, de riscado grosseiro, e dir-se-ia uma dessas antigas imagens da Virgem, que tivesse permanecido sepultada durante séculos e perdido, ao contacto da terra, a alvura fresca do marfim. O irmão, planta agreste do mesmo terreno pobre, desenvolvia-se com a mesma lentidão. Lia-se-lhe, entretanto, não a mesma resignação, mas o desejo incontido de romper as cadeias que o prendiam á terra madrastra, e partir pelo mundo em busca de pão, de dinheiro e de felicidade.

Esse dia chegou. Tinha êle dezesete anos



Barão de Grajaú — Rua dr. Getúlio Vargas

O SERINGUEIRO

HUMBERTO DE CAMPOS

I

A' semelhança de um inseto minúsculo e amedrontado que se refugiava na base de um penedo, fugindo de inimigos invisíveis mas certos, a povoação de Graça, com a sua capela, e a sua duzia de casas, repousa, há mais de um século, no sopé da Ibiapaba. A's três horas da tarde, quando o sertão imenso, para os lados da Meruóca, ainda fulgura iluminado, já está ela mergulhada no seu manto cinzento, preparando-se para o descanso da noite. E' que o sol, descendo por trás da serra cortada a pique, projeta sobre aquela parte do sertão a sombra larga da montanha, como si Deus a quizesse esconder, antes das outras povoações cearenses, contra os incontáveis perigos da terra e do céu.

Foi nêsse pequeno recanto sertanejo que o Joaquim Lucrécio, partindo das margens do Acaraú, onde era lavrador, se deteve em 1878. O seu objetivo, de quem fugia ao flagelo que tudo devastava, era alcançar a Serra Grande por uma das ladeiras de Léste. Ao chegar, porém, ás proximidades da encosta caiu a primeira chuva. O Jaibara encheu, arrastando na descida detritos das arvores e ossadas de animais. E como a esperança de fartura voltasse ao coração dos homens, o retirante recebeu um convite para o serviço e levantou, á margem do rio, a pequenina casa de palha para abrigo da mulher e dois filhos, o João e a Carolina, que a morte poupára no êxodo.

Foi aí, sob a proteção da serra enorme e verde, que os dois irmãos se criaram, apurando a coragem nas lições da natureza e na áspera vida de privações. Enquanto a velha mãe gemia, entrevada, sobre a esteira de carnaúba estendida no chão de barro batido, e o pai, tostado pela soalheira e curtido pela miséria procurava trabalho nas fazendas vizinhas, ia a menina á cacimba, no leito seco do rio, com o pote á cabeça, buscar a agua para os serviços domésticos, ao mesmo tempo que o irmão, mais velho que ela dois anos, cortava, em companhia de outros da sua idade, as fôlhas tenras das carnaúbeiras para a extração de cêra e aproveitamento das palhas na confecção de chapéus.

Assim cresceu a Carolina. Assim cresceu o João.

II

Aquela vida de penúria, em que se sucediam, ás vezes, os dias em que o sustento de cada pessoa se limitava a um punhado de farinha e a um pequeno pedaço de rapadura, não podia, porém, perdurar sem protesto. Carolina tornava-se moça. Morena e pálida, opilada pela alimentação deficiente, possuía, contudo, os traços finos, delicados, do mameluco originário, em que predominavam, no entanto, as características da raça branca. Andava pelo quinze anos e não parecia ter mais de treze. Apenas, traíndo a idade, os seios se lhe avolumavam opulentos, como uma árvore tenra que concentra toda a seiva destinada ao tronco no esplendor e na glória dos frutos. Os cabelos côr de mel, apertados em trança descuidada, punham-lhe á mostra a testa bem feita, desenhando-lhe, ao mesmo tempo, a correção da cabeça pequena. Os olhos negros, pareciam mais negros na esclerética acentuada pela anemia e os dentes mais alvos através dos lábios descorados pela miséria. Não fôsse o vestidinho sujo e rôto, de riscado grosseiro, e dir-se-ia uma dessas antigas imagens da Virgem, que tivesse permanecido sepultada durante séculos e perdido, ao contacto da terra, a alvura fresca do marfim. O irmão, planta agreste do mesmo terreno pobre, desenvolvia-se com a mesma lentidão. Lia-se-lhe, entretanto, não a mesma resignação, mas o desejo incontido de romper as cadeias que o prendiam á terra madrastra, e partir pelo mundo em busca de pão, de dinheiro e de felicidade.

Esse dia chegou. Tinha êle dezeseite anos



Barão de Grajaú — Rua dr. Getúlio Vargas



O Hospital Getúlio Vargas, inaugurado no dia 3 de maio, na capital piauiense, obra que afirma o espírito dinâmico da administração Leonidas de Castro Melo, cujo busto se vê em frente ao sun-tuoso edifício

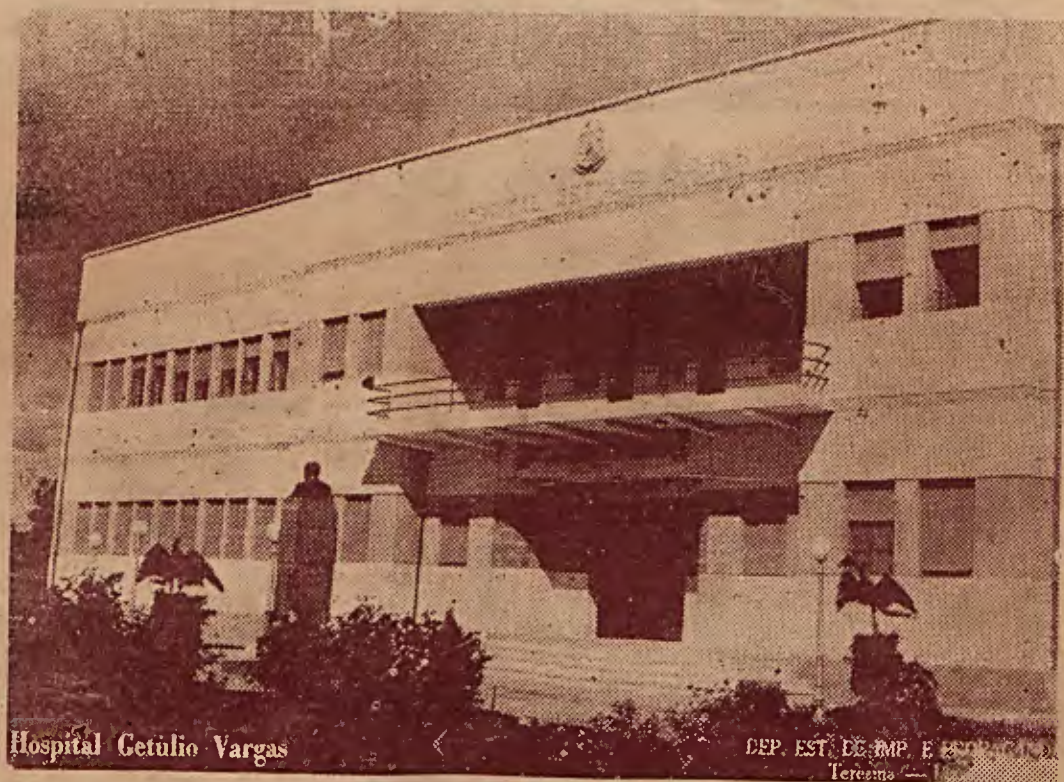
quando soube, no Graça, que se achava no Pacujá um paraoára, um cearense enriquecido no Amazonas, o qual estava contratando trabalhadores para o serviço de seringal. O primeiro pensamento do sertanejo foi correr á casa, pedir licença ao pai, e abraçar a irmã e a velha mãe entrevada. Refletiu, porém, rapidamente. Si fôsse pedir o consentimento paterno certamente não o obteria. O velho sentia-se doente, acabado. E com a convicção da morte próxima, não admitiria, naturalmente, que faltasse á companheira, e á filha moça, o unico arrimo com que elas poderiam contar. Seria melhor, pois, não tornar mais á casa, e partir sem o consolo, a dôr e os riscos da despedida. No regresso, com o dinheiro economizado, redimiria, com a fartura no lar humilde, o pecado de ingratidão.

Partiu, assim, a pé, viajando á noite, para o Pacujá. Apresentou-se ao paraoára e foi aceito. Três dias depois chegava a Camocim, onde o esperava o navio. Dois dias rolou no convés da proa, sacudido pelo balanço do mar. No terceiro surgiu-lhe no fundo de um estuário coalhado de navios uma cidade enorme, com os seus trapiches

de mil pernas avançando sobre a agua e as suas torres espetando o céu baixo, como chaminés de navios imensos, formados desde o porto pelas casas de três andares. Era Belem, o Pará. Outro navio pequeno, um "gaiola", achava-se, porém, á espera dêle e dos companheiros. Uma barça levou-os, amontoados, como gado humano, de um para outro. E a viagem, agora por um rio, continuou. Do segundo dia em diante o "gaiola" começou a parar de quinze em quinze minutos, ou de hora em hora, atracando a pontes ligeiras, em que embarcava bolas de borracha, e desembarcava sacas e caixas de mercadorias. Dia e noite a mesma faina. Até que, uma noite, por volta das duas horas, todo o pessoal vindo com o paraoára teve ordem para preparar-se, afim de desembarcar. Um apito na curva do rio e, em breve, aparecia uma pequena luz no alto de um barranco, dominando uma frágil ponte de tábuas. Sombras imprecisas moviam-se na sombra.

—Salta, gente! — gritou o agenciador.

Sessenta e dois homens tristes, macerados pela viagem e pelos sofrimentos na terra do berço, desembarcaram, trazendo á mão, á cabeça, ou ao



O Hospital Getúlio Vargas, inaugurado no dia 3 de maio, na capital piauiense, obra que afirma o espírito dinâmico da administração Leonidas de Castro Melo, cujo busto se vê em frente ao sun-tuoso edifício

quando soube, no Graça, que se achava no Pacujá um paraoára, um cearense enriquecido no Amazonas, o qual estava contratando trabalhadores para o serviço de seringal. O primeiro pensamento do sertanejo foi correr á casa, pedir licença ao pai, e abraçar a irmã e a velha mãe entrevada. Refletiu, porém, rapidamente. Si fôsse pedir o consentimento paterno certamente não o obteria. O velho sentia-se doente, acabado. E com a convicção da morte próxima, não admitiria, naturalmente, que faltasse á companheira, e á filha moça, o unico arrimo com que elas poderiam contar. Seria melhor, pois, não tornar mais á casa, e partir sem o consolo, a dôr e os riscos da despedida. No regresso, com o dinheiro economizado, redimiria, com a fartura no lar humilde, o pecado de ingratidão.

Partiu, assim, a pé, viajando á noite, para o Pacujá. Apresentou-se ao paraoára e foi aceito. Três dias depois chegava a Camocim, onde o esperava o navio. Dois dias rolou no convés da proa, sacudido pelo balanço do mar. No terceiro surgiu-lhe no fundo de um estuário coalhado de navios uma cidade enorme, com os seus trapiches

de mil pernas avançando sobre a agua e as suas torres espetando o céu baixo, como chaminés de navios imensos, formados desde o porto pelas casas de três andares. Era Belem, o Pará. Outro navio pequeno, um "gaiola", achava-se, porém, á espera dêle e dos companheiros. Uma barcaça levou-os, amontoados, como gado humano, de um para outro. E a viagem, agora por um rio, continuou. Do segundo dia em diante o "gaiola" começou a parar de quinze em quinze minutos, ou de hora em hora, atracando a pontes ligeiras, em que embarcava bolas de borracha, e desembarcava sacas e caixas de mercadorias. Dia e noite a mesma faina. Até que, uma noite, por volta das duas horas, todo o pessoal vindo com o paraoára teve ordem para preparar-se, afim de desembarcar. Um apito na curva do rio e, em breve, aparecia uma pequena luz no alto de um barranco, dominando uma frágil ponte de tábuas. Sombras imprecisas moviam-se na sombra.

—Salta, gente! — gritou o agenciador.

Sessenta e dois homens tristes, macerados pela viagem e pelos sofrimentos na terra do berço, desembarcaram, trazendo á mão, á cabeça, ou ao

ombro, o seu saco, a sua trouxa, o seu laú.

E João Lucrécio estava entre êles.

III

Oito anos decorreram, acumulando-se sôbre êsse dia ou, antes, sôbre essa noite. Confiado a outro seringueiro, veterano na fâina, para que o iniciasse na extração do antigo ouro negro, o rapazola do Graça sentiu, logo nos primeiros dias, o inominável suplicio do arrependimento. As estradas de seringueira que lhe haviam sido destinadas ficavam em plena selva, longe dois dias do barracão. Para moradia, encontrára, já a barraca de palha, com soalho de troncos de palmeira, rachados ao meio. Fóra, ao lado da barraca, a pequena latada para a defumação da borracha, e que lhes servia, ao mesmo tempo, de cozinha. Próximo, rolava o rio, para baixo, as suas águas escuras, deslizando entre duas paredes de vegetação compacta, de que se desgarravam caules de assaíseiros, como braços de condenados que, atravessando as grades de suas células, pedissem perdão ou socorro. E em tórno á barraca humilde, sufocando-a, asfixiando-a, comprimindo-a, a mata imensa, ameaçadora, impenetrável, o tronco encostado ao tronco, a fronde prêsa á fronde, e os eipós amarrando tudo em um verde feixe compacto, no qual a estrada para o centro se abria pequena, estreita, insignificante como um buraco de rato na majestade de um muro.

A's três horas da manhã o companheiro levantava-se, empurrava a porta de esteira, empunhava o búcio, e um rugido de dôr, de angústia, de saudade, cortava a solidão silenciosa. Outro búcio, ao longe, respondia, na mesma queixa resignada. E outro, ainda mais distante. Eram os galés daquele presídio vasto como um mundo, que se comunicavam sem, ás vezes, se conhecerem, dando a noticia de que ainda viviam. E o silêncio caía em seguida, sepultando, de novo, centenas de homens vivos.

Preparado o café, ingerido ás pressas com farinha ou bolacha, tomava cada um o seu lampião de querosene, o facão, a machadinha, e penetrava a estrada de seringueiras, abrindo no coração da selva espessa o ôlho vermelho do farol. Ao chegar a uma das árvores cuja posição determinava as oscilações das veredas zig-zag-gueantes, — árvore mártir, sangrada mil vezes, durante anos seguidos, desde as raízes até a maior altura do tronco, seis ou oito metros/acima do sólo — o seringueiro subia os "mutás" ou giráus superpostos, indo lá em cima golpear a casca rugosa e o cerne generoso, que logo lhe respondiam jorrando o seu leite. Fixadas, sob os golpes, as tijelinhas de fôlha, o homem descia, e continuava, silencioso como



Eliane graciosa filhinha do sr. Edgard Pantoja, despachante do Estado e de sua esposa a exma. sra. d. Neuza Pantoja. Eliane aparece, aqui, mostrando o retrato de seu pai-de-criação dr. Heitor Fróes da Cruz, chefe do Serviço Rural, no Rio Grande do Sul

um fantasma, o seu caninho. Surpreendia-o o sol, de que êle tinha noticia apenas pela claridade dôce que se coava pela copa das árvores, cuja vastidão lhe impedia a vista do céu. A's onze horas, enfim, o seringueiro desembocava outra vez, pelo lado opôsto da estrada, diante da barraca. Almoçava o feijão preparado na véspera. E reiniciava a romaria da madrugada, recolhendo numa grande frasco de fôlha, no "boião", o leite recebido das tijelinhas, que ficavam junto ás próprias árvores para o trabalho do dia seguinte. A' tarde, chegava á barraca, defumava o leite, preparava a borracha. E pôsto ao fogão o feijão e o pedaço de carne sêca ou caça apanhada casualmente durante o dia, deitava-se fatigado, na rede macia e suja, ouvindo a orquestra imensa, constituida por todas as vozes da natureza, que o insultavam, e o vaiavam, e o desafiavam, da sombra,

ombro, o seu saco, a sua trouxa, o seu laú.

E João Lucrécio estava entre eles.

III

Oito anos decorreram, acumulando-se sobre esse dia ou, antes, sobre essa noite. Confiado a outro seringueiro, veterano na fâina, para que o iniciasse na extração do antigo ouro negro, o rapazola do Graça sentiu, logo nos primeiros dias, o inominável suplicio do arrependimento. As estradas de seringueira que lhe haviam sido destinadas ficavam em plena selva, longe dois dias do barracão. Para moradia, encontrára, já a barraca de palha, com soalho de troncos de palmeira, rachados ao meio. Fóra, ao lado da barraca, a pequena latada para a defumação da borracha, e que lhes servia, ao mesmo tempo, de cozinha. Próximo, rolava o rio, para baixo, as suas águas escuras, deslizando entre duas paredes de vegetação compacta, de que se desgarravam caules de assaíseiros, como braços de condenados que, atravessando as grades de suas células, pedissem perdão ou socorro. E em torno á barraca humilde, sufocando-a, asfixiando-a, comprimindo-a, a mata imensa, ameaçadora, impenetrável, o tronco encostado ao tronco, a fronde presa á fronde, e os cipós amarrando tudo em um verde feixe compacto, no qual a estrada para o centro se abria pequena, estreita, insignificante como um buraco de rato na majestade de um muro.

A's três horas da manhã o companheiro levantava-se, empurrava a porta de esteira, empunhava o búcio, e um rugido de dôr, de angústia, de saudade, cortava a solidão silenciosa. Outro búcio, ao longe, respondia, na mesma queixa resignada. E outro, ainda mais distante. Eram os galés daquele presídio vasto como um mundo, que se comunicavam sem, ás vezes, se conhecerem, dando a noticia de que ainda viviam. E o silêncio caía em seguida, sepultando, de novo, centenas de homens vivos.

Preparado o café, ingerido ás pressas com farinha ou bolacha, tomava cada um o seu lampião de querosene, o facão, a machadinha, e penetrava a estrada de seringueiras, abrindo no coração da selva espessa o ôlho vermelho do farol. Ao chegar a uma das árvores cuja posição determinava as oscilações das veredas zig-zag-gueantes, — árvore mártir, sangrada mil vezes, durante anos seguidos, desde as raízes até a maior altura do tronco, seis ou oito metros/acima do sólo — o seringueiro subia os "mutás" ou giráus superpostos, indo lá em cima golpear a casca rugosa e o cerne generoso, que logo lhe respondiam jorrando o seu leite. Fixadas, sob os golpes, as tijelinhas de fôlha, o homem descia, e continuava, silencioso como



Eliane graciosa filhinha do sr. Edgard Pantoja, despachante do Estado e de sua esposa a exma. sra. d. Neuza Pantoja. Eliane aparece, aqui, mostrando o retrato de seu pai-de-criação dr. Heitor Fróes da Cruz, chefe do Serviço Rural, no Rio Grande do Sul

um fantasma, o seu caminho. Surpreendia-o o sol, de que ele tinha noticia apenas pela claridade doce que se coava pela copa das árvores, cuja vastidão lhe impedia a vista do céu. A's onze horas, enfim, o seringueiro desembocava outra vez, pelo lado oposto da estrada, diante da barraca. Almoçava o feijão preparado na véspera. E reiniciava a romaria da madrugada, recolhendo numa grande frasco de fôlha, no "boião", o leite recebido das tijelinhas, que ficavam junto ás próprias árvores para o trabalho do dia seguinte. A' tarde, chegava á barraca, defumava o leite, preparava a borracha. E pôsto ao fogão o feijão e o pedaço de carne seca ou caça apanhada casualmente durante o dia, deitava-se fatigado, na rede macia e suja, ouvindo a orquestra imensa, constituida por todas as vozes da natureza, que o insultavam, e o viaavam, e o desafiavam, da sombra,

das folhas, da cavidade dos troncos, do cimo das árvores, da margem do rio — no coaxar dos sapos, no zumbir dos insetos, na reza do vento, no estálido dos galhos, no rugido das onças, acordadas para comer...

IV

Ao fim de oito anos de trabalho heróico e de economias desesperadas João Lucrécio solicitou a sua conta ao patrão. Tinha de saldo na casa nove contos de réis. Pediu uma ordem para lhe ser paga essa quantia no Pará, e embarcou no primeiro "gaiola". Viéra menino, e voltava homem. Não era mais o mesmo, nem de figura, nem de alma. A natureza bárbara afeiçoára-o de novo, modelando-o á sua imagem. A' tez queimada do cabôclo do nordeste substituiu a amarelidão doentia, e opilada, dos que vivem na humildade e na sombra. Um bigode alourado e grosseiro completava-lhe a fisionomia, que uma cicatriz aberta, pela unha de uma onça encontrada certa manhã no seu caminho, modificára profundamente.

Ia, então, revêr o seu Ceará, e, nêle, o seu pai, a sua mãe, a sua irmã aos quais nunca enviára a mais ligeira noticia. E perguntava a si mesmo::

—Viverão todos ainda ?



Senhorita Zelnir de Brito Aguiar, fino ornamento da sociedade de Porto Franco

Si alguém lhe pudesse responder, ter-lhe-ia dito que o seu sonho era vão. A mãe, a velha Rosminda, morrera pouco depois da sua partida, não de mágua, porque em seu coração não havia mais lugar para o sofrimento, mas de miséria e de fome. O pai falecera mais tarde, vitimado pelo veneno de uma cobra, que o surpreendera da limpa de um roçado alheio. Não, porém, sem ter visto, na vida, a sua filha mais ou menos amparada pois que casara com o Vicente Monteiro, um rapaz das bandas do Cariré, que possuía, de seu, algumas cabeças de gado, a casa de taipa e um roçado de milho. Homem pobre, mas trabalhador e honrado.

Ao desembarcar em Camocim, João Lucrécio soube, logo, pelas pessoas que foram a bordo procurar serviço da estiva ou no desembarque de bagagens, que a sêca lavrava, intensa, em todo o sertão. E si ninguém lhe dêsse a noticia, êle tê-la-ia adivinhado pelo movimento da pequenina cidade marítima, arranchada sôb as árvores da rua da frente, patenteando na fisionomia e na nudez toda a extensão do seu infortunio. Intimamente, porém, rejubilou. A sua chegada, era, agora, oportuna, pois que levava, no dinheiro que lhe enchia o bôlso a saúde, a fortuna, a alegria. E imaginava, com volúpia íntima, o que seria, o contentamento na casinha das margens sêcas do Jaibara, quando ali chegasse com as suas quatro malas pregueadas, e mostrasse á mãe entrevada, ao pai envelhecido, á irmã bonita, e ainda moça, os côrtes de fazenda, as sandálias de couro, os brincos de plaquê, os lenços de cambraia vistosa, os trinta presentes, em suma, que lhes trazia. E ainda mais quando apalpassem o dinheiro, as cédulas de quinhentos, de duzentos e de cem mil réis, que êles, por lá, jámais tinham visto.

João Lucrécio desembarcou para um hotel em frente, mesmo, ao trapiche a que atracara o vapor. Pela madrugada, tomava o trem, com passagem para a estação de Cariré. A's nove horas estava em Granja. Ao meio dia em Sobral. E as três horas na pequena vila onde pretendia saltar, afim de arranjar condução para o Graça. Ao verem saír do carro a sua bagagem rica, e a sua figura de paraoára feliz, os retirantes que se abrigavam nas vizinhanças da estação cercaram-no, pedindo-lhe uma esmola, a mão estendida. O choro de vinte vozes, em que se misturavam a das mulheres, a dos velhos e a das crianças, era como uma reza alta, que se avolumava a cada instante. O seringueiro deu alguns niqueis, e procurou saír dali, naquela mesma tarde.

—Quer me comprar um cavalo e dois burros, môço? — indagou um fazendeiro que pretendia desfazer-se do que possuía, antes que a sêca lhe matasse o que ainda restava.

das folhas, da cavidade dos troncos, do cimo das árvores, da margem do rio — no coaxar dos sapos, no zumbir dos insetos, na reza do vento, no estálido dos galhos, no rugido das onças, acordadas para comer...

IV

Ao fim de oito anos de trabalho heróico e de economias desesperadas João Lucrécio solicitou a sua conta ao patrão. Tinha de saldo na casa nove contos de réis. Pediu uma ordem para lhe ser paga essa quantia no Pará, e embarcou no primeiro "gaiola". Viéra menino, e voltava homem. Não era mais o mesmo, nem de figura, nem de alma. A natureza bárbara afeiçoára-o de novo, modelando-o á sua imagem. A' tez queimada do cabôclo do nordeste substituiu a amarelidão doentia, e opilada, dos que vivem na humildade e na sombra. Um bigode alourado e grosseiro completava-lhe a fisionomia, que uma cicatriz aberta pela unha de uma onça encontrada certa manhã no seu caminho, modificára profundamente.

Ia, então, revêr o seu Ceará, e, nêle, o seu pai, a sua mãe, a sua irmã aos quais nunca enviára a mais ligeira notícia. E perguntava a si mesmo::

—Viverão todos ainda ?



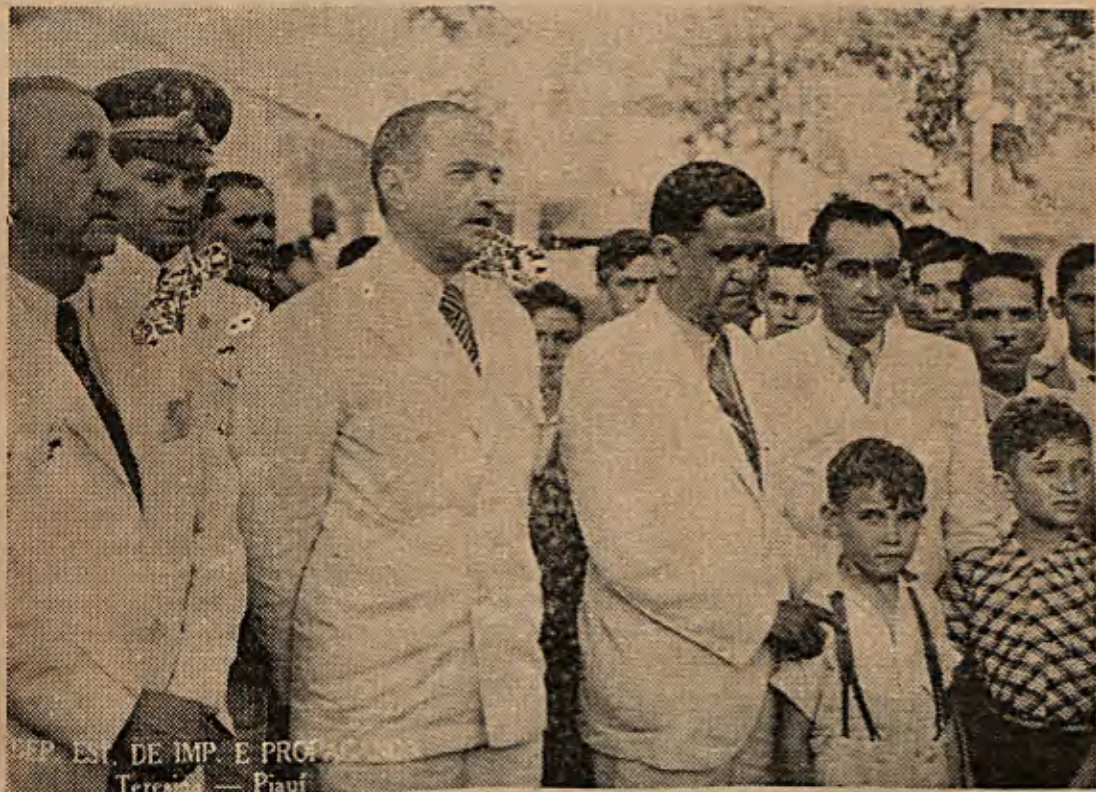
Senhorita Zelnir de Brito Aguiar, fino ornamento da sociedade de Porto Franco

Si alguém lhe pudesse responder, ter-lhe-ia dito que o seu sonho era vão. A mãe, a velha Rosminda, morrera pouco depois da sua partida, não de mágua, porque em seu coração não havia mais lugar para o sofrimento, mas de miséria e de fome. O pai falecera mais tarde, vitimado pelo veneno de uma cobra, que o surpreendera da limpa de um roçado alheio. Não, porém, sem ter visto, na vida, a sua filha mais ou menos amparada pois que casara com o Vicente Monteiro, um rapaz das bandas do Cariré, que possuía, de seu, algumas cabeças de gado, a casa de taipa e um roçado de milho. Homem pobre, mas trabalhador e honrado.

Ao desembarcar em Camocim, João Lucrécio soube, logo, pelas pessoas que foram a bordo procurar serviço da estiva ou no desembarque de bagagens, que a seca lavrava, intensa, em todo o sertão. E si ninguém lhe desse a notícia, êle tê-la-ia adivinhado pelo movimento da pequenina cidade marítima, arranchada sôb as árvores da rua da frente, patenteando na fisionomia e na nudez toda a extensão do seu infortunio. Intimamente, porém, rejubilou. A sua chegada, era, agora, oportuna, pois que levava, no dinheiro que lhe enchia o bôlso a saúde, a fortuna, a alegria. E imaginava, com volúpia íntima, o que seria, o contentamento na casinha das margens secas do Jaibara, quando ali chegasse com as suas quatro malas preguiçadas, e mostrasse á mãe entrevada, ao pai envelhecido, á irmã bonita, e ainda moça, os côrtes de fazenda, as sandálias de couro, os brincos de plaquê, os lenços de cambraia vistosa, os trinta presentes, em suma, que lhes trazia. E ainda mais quando apalpassem o dinheiro, as cédulas de quinhentos, de duzentos e de cem mil réis, que êles, por lá, jámais tinham visto.

João Lucrécio desembarcou para um hotel em frente, mesmo, ao trapiche a que atracara o vapor. Pela madrugada, tomava o trem, com passagem para a estação de Cariré. Ás nove horas estava em Granja. Ao meio dia em Sobral. E as três horas na pequena vila onde pretendia saltar, afim de arranjar condução para o Graça. Ao verem saír do carro a sua bagagem rica, e a sua figura de paraoára feliz, os retirantes que se abrigavam nas vizinhanças da estação cercaram-no, pedindo-lhe uma esmola, a mão estendida. O choro de vinte vozes, em que se misturavam a das mulheres, a dos velhos e a das crianças, era como uma reza alta, que se avolumava a cada instante. O seringueiro deu alguns niqueis, e procurou saír dali, naquela mesma tarde.

—Quer me comprar um cavalo e dois burros, môço? — indagou um fazendeiro que pretendia desfazer-se do que possuía, antes que a seca lhe matasse o que ainda restava.



Pedra fundamental do futuro Centro de Saúde do Estado da Piauí. Solenidade que se revestiu de muito Brilhanismo. Vemos aí s. excia. o dr. Leonidas Melo, Interventor quando falava

—Quanto quer?

Feito o preço, João Lucrécio adquiriu os três velhos animais. E como se lembrasse ainda dos caminhos, e preferisse, para efeito da surpresa, viajar sozinho, mandou pôr as malas sobre os muares, e montando no cavalo de sela, tocou-o: sertão a dentro, e partiu.

V

O sertão estava, então, todo sêco, sem sombra de arvoredos ou vestígio d'água, entre o sopé da Ibiapaba e a linha da Estrada de Ferro. Na quietude da tarde, João Lucrécio sentia isso. Ao fundo, no horizonte, a serra azulava, como si corresse para êle, tão de perto lhe parecia, na atmosfera sem vapores. De um lado e de outro do caminho, os mofumbos e marmeleiros agrestes estavam reduzidos a talos comburidos, como um tabocal após a passagem do fogo. A noite caía lenta, envolvendo tudo, como um sudário imenso, lançado sobre a terra pela piedade divina. O céu estrelado e baixo, parecia a cúpula enorme da tenda suntuosa de um poderoso rei oriental. As

estrelas luziam tanto, e pareciam tão próximas, que iluminavam a estrada. Uma coruja começou a gargalhar á pequena distancia, no galho em cruz de uma árvore morta. João Lucrécio persignou-se, arrepiado. Lembrou-se que nunca fizera isso no Amazonas, porque, por lá, mesmo nas horas de medo, nunca se lembrara de Deus. O cavalo e os burros resfolegavam, sopravam forte, quebrando a serenidade da noite. Grilos ziniam, insistentes. E êle, vivo, marchava, a passo, como um fantasma, pela tristeza dos caminhos mortos.

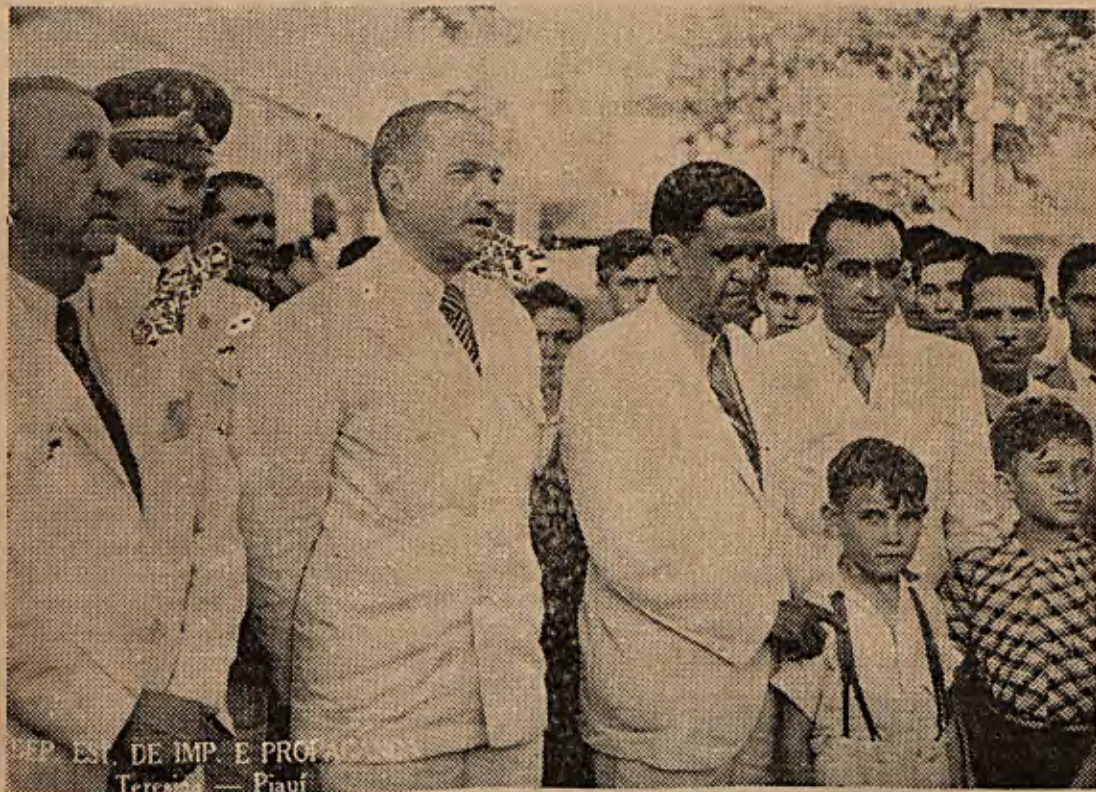
Em certo momento divisou, porém, á margem da estrada, uma casa humilde, sem luz. Resolveu fazer 'alto ali, para continuar a viagem pela manhã. Aproximou-se, tocando o cavalo na frente, puxando os muares pelo cabresto.

—Oh, de casa! — chamou.

A porta de madeira tósca abriu-se timidamente, e uma figura humana desenhou-se na meia escuridão.

—Bôa noite! — saudou o paraóara.

—Deus lhe dê bôa noite — respondeu na voz de homem.



Pedra fundamental do futuro Centro de Saúde do Estado da Piauí. Solenidade que se revestiu de muito Brilhanismo. Vemos aí s. excia. o dr. Leonidas Melo, Interventor quando falava

—Quanto quer?

Feito o preço, João Lucrécio adquiriu os três velhos animais. E como se lembrasse ainda dos caminhos, e preferisse, para efeito da surpresa, viajar sozinho, mandou pôr as malas sobre os muares, e montando no cavalo de sela, tocou-o: sertão a dentro, e partiu.

V

O sertão estava, então, todo sêco, sem sombra de arvoredor ou vestígio dagua, entre o sopé da Ibiapaba e a linha da Estrada de Ferro. Na quietude da tarde, João Lucrécio sentia isso. Ao fundo, no horizonte, a serra azulava, como si corresse para êle, tão de perto lhe parecia, na atmosfera sem vapores. De um lado e de outro do caminho, os mofumbos e marmeleiros agrestes estavam reduzidos a talos comburidos, como um tabocal após a passagem do fogo. A noite caía lenta, envolvendo tudo, como um sudário imenso, lançado sobre a terra pela piedade divina. O céu estrelado e baixo, parecia a cúpula enorme da tenda suntuosa de um poderoso rei oriental. As

estrelas luziam tanto, e pareciam tão próximas, que iluminavam a estrada. Uma coruja começou a gargalhar á pequena distancia, no galho em cruz de uma árvore morta. João Lucrécio persignou-se, arrepiado. Lembrou-se que nunca fizera isso no Amazonas, porque, por lá, mesmo nas horas de mêdo, nunca se lembrara de Deus. O cavalo e os burros resfolegavam, sopravam forte, quebrando a serenidade da noite. Grilos ziniam, insistentes. E êle, vivo, marchava, a passo, como um fantasma, pela tristeza dos caminhos mortos.

Em certo momento divisou, porém, á margem da estrada, uma casa humilde, sem luz. Resolveu fazer 'alto ali, para continuar a viagem pela manhã. Aproximou-se, tocando o cavalo na frente, puxando os muares pelo cabresto.

—Oh, de casa! — chamou.

A porta de madeira tósca abriu-se timidamente, e uma figura humana desenhou-se na meia escuridão.

—Bôa noite! — saudou o paraóara.

—Deus lhe dê bôa noite — respondeu na voz de homem.

—Seria possível, amigo, eu passar a noite aqui para seguir de madrugada?

—Si quiser, pôde; mas, como o senhor sabe, por aqui não tem água nem p'ra bicho, nem p'ra gente.

—Isso é o menos — atalhou João Lucrécio, apeando-se. — Eu trago ração de milho e uma borracha com água. O que eu quero é só licença para ficar.

Meia hora depois, na salinha da casa pobre, ceia o paraoára o rancho comprado em Sobral: um pedaço de carne, farinha, um quilo de bolacha, uma lata de sardinha e uma garrafa de vinho. Ao lado dele, junto ao tamborête improvisado em mesa, o dono da casa, um cabôclo de musculatura forte, escaveirado, acompanhava-o na refeição, a que se associava a mulher, esquelética, em cujos olhos afundados nas órbitas luziam a dor e a fome. Em poucos instantes o pequeno farnel foi devorado. E como se sentissem, todos, por um momento, felizes, o seringueiro pôs-se a falar, com a indiscreção, alegre da meia embriaguez.



Julinha e Luis Carlos Rêgo, dilétos filhos do prof. via
Luiz Rêgo, no dia de sua primeira comunhão

—O senhor é mesmo daqui?... — aventurou o dono da casa, atordado também pelo vinho que aceitara do hóspede, e que começava a atuar sobre a sua debilidade.

—Não, senhor — informou o paraoára — sou do Rio Grande do Norte. Vim por aqui para passear... Fui p'ra Amazonas e fui feliz. Ganhiei um dinheirinho, e agora vim ver isto por aqui... Quero ver si compro alguma fazenda lá, lá para o pé da serra...

E, jovial, por efeito do álcool, e, não menos por vaidade, para escandalizar a miséria alheia.

—Dinheiro é que não falta!

E arrancou do bolso um forte maço de cedulas, capeado por duas de quinhentos mil réis que passou às mãos trêmulas do sertanejo e da mulher, que as examinaram, piscando.

Em seguida, os donos da casa armaram, mesmo na sala humilde, a rede do hóspede. Desejaram-lhe boa-noite, e recolheram-se pensativos para o fundo da cabana. Voava-lhes no cérebro o bando agoureiro dos pensamentos sinistros, que nenhum dos dois tinha coragem de confessar ao outro.

VI

Qual dos dois falou primeiro, não se poderia talvez, descobrir. E ainda menos o que teria primeiro lembrado ao outro o insulto que constituía, perante Deus, a presença, ali, daquele estranho tão despreocupado e tão rico, precisamente no dia em que eles, tendo perdido todos os haveres representados pelo gado morto de sede e pelo roçado destruído na fogueira do sol incrementalmente, pretendiam abandonar, a pé, aquelas terras adustas, afim de se irem unir em Sobral aos milhares de retirantes que viviam da caridade. A verdade é que, cerca de meia-noite, quando se não ouvia na cabana escura sinão o roncar compassado do viajante e, lá fóra em torno a casa, o chocalho dos animais por ele trazidos, os dois, marido e mulher, penetraram, pé-ante-pé, na sala pequena. Um baque surdo, e fôfo, um gemido abafado, um barulho de líquido em jôro, estremecimentos de corpo que cessa de viver, e foi tudo. Minutos depois a entrada do antigo lavrador cavava, na escuridão da noite, atrás do curral vazio, uma cova estreita e rasa. E nela desaparecia, para sempre, com a rede em que adormecera, o paraoára feliz. Tiradas as peias dos animais foram estes espantados para longe, afim de afastar suspeitas, si estas surgissem. Acesa uma vela de carnaúba, contaram o baço, de mãos sôfregas, no interior da casa, o dinheiro encontrado nos bolsos do assassinado. Há quatro contos e duzentos mil réis.

—Vámos ver a bagagem. — convidou o ma-

—Seria possível, amigo, eu passar a noite aqui para seguir de madrugada?

—Si quiser, pôde; mas, como o senhor sabe, por aqui não tem água nem p'ra bicho, nem p'ra gente.

—Isso é o menos — atalhou João Lucrécio, apeando-se. — Eu trago ração de milho e uma borracha com água. O que eu quero é só licença para ficar.

Meia hora depois, na salinha da casa pobre, ceia o paraoára o rancho comprado em Sobral: um pedaço de carne, farinha, um quilo de bolacha, uma lata de sardinha e uma garrafa de vinho. Ao lado dele, junto ao tamborê improvisado em mesa, o dono da casa, um cabôco de musculatura forte, escaveirado, acompanhava-o na refeição, a que se associava a mulher, esquelética, em cujos olhos afundados nas órbitas luziam a dôr e a fome. Em poucos instantes o pequeno farnel foi devorado. E como se sentissem, todos, por um momento, felizes, o seringueiro pôs-se a falar, com a indiscreção, alegre da meia embriaguez.



Julinha e Luis Carlos Rêgo, dilêtos filhos do prof. via
Luis Rêgo, no dia de sua primeira comunhão

—O senhor é mesmo daqui?... — aventurou o dono da casa, atordado também pelo vinho que aceitara do hóspede, e que começava a atuar sobre a sua debilidade.

—Não, senhor — informou o paraoára — sou do Rio Grande do Norte. Vim por aqui para passear... Fui p'ra Amazonas e fui feliz. Ganhiei um dinheirinho, e agora vim ver isto por aqui... Quero ver si compro alguma fazenda lá para o pé da serra...

E, jovial, por efeito do álcool, e, não menos por vaidade, para escandalizar a miséria alheia.

—Dinheiro é que não falta!

E arrancou do bolso um forte maço de cedulas, capeado por duas de quinhentos mil réis que passou às mãos trêmulas do sertanejo e da mulher, que as examinaram, piscando.

Em seguida, os donos da casa armaram, mesmo na sala humilde, a rede do hóspede. Desejaram-lhe boa-noite, e recolheram-se pensativos para o fundo da cabana. Voava-lhes no cérebro o bando agoureiro dos pensamentos sinistros, que nenhum dos dois tinha coragem de confessar ao outro.

VI

Qual dos dois falou primeiro, não se poderia talvez, descobrir. E ainda menos o que teria primeiro lembrado ao outro o insulto que constituía, perante Deus, a presença, ali, daquele estranho tão despreocupado e tão rico, precisamente no dia em que eles, tendo perdido todos os haveres representados pelo gado morto de sede e pelo roçado destruído na fogueira do sol incrementalmente, pretendiam abandonar, a pé, aquelas terras adustas, afim de se irem unir em Sobral aos milhares de retirantes que viviam da caridade. A verdade é que, cerca de meia-noite, quando se não ouvia na cabana escura sinão o roncar compassado do viajante e, lá fóra em torno a casa, o chocalho dos animais por ele trazidos, os dois, marido e mulher, penetraram, pé-ante-pé, na sala pequena. Um baque surdo, e fôfo, um gemido abafado, um barulho de líquido em jôro, estremecimentos de corpo que cessa de viver, e foi tudo. Minutos depois a entrada do antigo lavrador cavava, na escuridão da noite, atrás do curral vazio, uma cova estreita e funda. E nela desaparecia, para sempre, com a rede em que adormecera, o paraoára feliz. Tiradas as fezes dos animais foram estes espantados para longe, afim de afastar suspeitas, si estas surgissem. Acesa uma vela de carnaúba, contaram os dois, de mãos sôfregas, no interior da casa, o dinheiro encontrado nos belcos do assassinado. Há quatro contos e duzentos mil réis.

—Vámos ver a bagagem. — convidou o ma-

Dois grandes sinfonistas opostos--Dario e Poe

V. LILLO CATALÁN

Pensar em Ruben Dario é ouvir um rumor de frondes murmurantes e evocar a flauta gentílica que com suas infinitas variações enche de gozo inefável o espírito.

Notas de minueto; quadros de Watteau, porcelanas de Sévres; tremeluzidos de luta; alvoraçadas de estio. E a sua pena traça linhas elegantes de formas irrepreensíveis, que animam e elevam a estética, que aumentam a ilusão e dão a nossa esperança proporções enormes, enquanto nosso espírito adormece volutuosamente aos acordes da música feiticeira.

Tal é o encanto de sua melopéia.

Assim aparece Dario ante meus olhos deslumbrados porque sómente o considero dentro do círculo em que a evocação mental o inscreve, sem o considerar como o artifice da frase difícil, como mágico polidor de sons, como excelso compositor de divinas melodias.

Disse alguém que Poe é a indecisão dos abismos, apagando a impressão das linhas integrais, eu digo que Dario é a linha integral e luminoso

rido, com tremores na voz, como quem começa a despertar de um sonho terrível.

Abertas as malas foi examinado, às pressas, o que nelas havia. Córtes de chita, espêlhos, anéis, broches baratos, vidros de perfume, pentes, miudezas para presentes humildes. E latas de conserva, e doces. E roupas novas, algumas não vestidas ainda. De repente, no meio de tudo, um papel, uma conta, que talvez esclarecesse a identidade do morto.

—Lê tú, que sabes, — pediu o cabôelo, passando a conta á mulher.

A sertaneja soletrou o primeiro nome. Soletrou o segundo, até o meio. Os lábios tremiam-lhe, como uma flôr murcha acossada pelo vento. O papel caiu-lhe da mão, e a vela depois, apagando-se. E foi no escuro que ela, o estupor estampado na face, se atirou ao pescoço do companheiro.

—Vicente, meu marido de minh'alma! — exclamou.

E agarrada ao espôso, num grito de desespero, os olhos escancarados na treva:

—... meu irmão!...

oposta á obcuridade caótica de Poe. Poe é confuso, é patético, é selvagem.

Dario é nitido, suave e humano. A confusão de Poe se origina do abuso da sincerise nas figuras. A nitidez de Dario provém do seu gênio atico. Poe é uma noite cruel de inverno. Dario uma tranquila e placida noite de primavera. Os versos de Poe são notas ásperas de poder terrífico; compassos de Beethoven cheios de uma eufonia transtornadora. A sua rima se ajusta ao silencio das sombras; seu ritmo tem estremecimentos de catástrofe ignea.

Quando lemos ou ouvimos Poe, nosso espirito cria figuras simbólicas que o cérebro traduz fragmentariamente em seu esfumilhar vertiginoso.

Sintonia de ritmos bruscos, de fantasmas esquecidos, de mulheres infiéis, de cruezs anantes que, no torvelinho dos sonhos, semelham as fôlhas caídas da árvore, ao impulso do vento ontinal... clarezas indefiníveis, estátuas de sombra, vermelhas irisações de medo, acinzentadas visões de silencio incompreensível... qualquer coisa de uma harmonia dramática, terrível, como uma angústia que petrificasse... patética como a cabeça de Medusa, horrenda como uma hecatombe universal; pássaros silenciosos, árvores secas, sem ramos, como tibias de cíclopes fabulosos; rios de águas escuras, sonolentas e tortuosas, de monotonia enlouquecedora; edificios soterrados, columnas quebradas, pedestais desertos, tumbas vazias, horizontes côr de opála, ambientes de mansidão, de quietude mortal, de soledade esmagadora e dolorosa. E' a coincidência perfeita do som e das sombras.

Enquanto que ouvindo a Dario, sentimos os crescendos volumosos de Rossini, os noturnos de Chopin, e suspiramos pelos céus azues, pelos idilios passados, coisas humanas, vividas e sentidas, ao mesmo tempo que a nossa mente liberrima desfere seu vôo para horizontes de esplendida alvorada.

Lendo-o, sentimos saudades das belas horas de viver tranquilo, de cantar sem penas, do sonho despertó.

Estas horas que embalam as brisas noturnas e arrulham as cantatas fantásticas que leques de suavísimas plumas acariciam lentamente com as

Dois grandes sinfonistas opostos--Dario e Poe

V. LILLO CATALÁN

Pensar em Ruben Dario é ouvir um rumor de frondes murmurantes e evocar a flauta gentílica que com suas infinitas variações enche de gozo inefável o espírito.

Notas de minueto; quadros de Watteau, porcelanas de Sévres; tremeluzidos de luta; alvoraçadas de estio. E a sua pena traça linhas elegantes de formas irrepreensíveis, que animam e elevam a estética, que aumentam a ilusão e dão a nossa esperança proporções enormes, enquanto nosso espírito adormece volutuosamente aos acordes da música feiticeira.

Tal é o encanto de sua melopéia.

Assim aparece Dario ante meus olhos deslumbrados porque sómente o considero dentro do círculo em que a evocação mental o inscreve, sem o considerar como o artifice da frase difícil, como mágico polidor de sons, como excelso compositor de divinas melodias.

Disse alguém que Poe é a indecisão dos abismos, apagando a impressão das linhas integrais, eu digo que Dario é a linha integral e luminoso

rido, com tremores na voz, como quem começa a despertar de um sonho terrível.

Abertas as malas foi examinado, às pressas, o que nelas havia. Córtes de chita, espêlhos, anéis, broches baratos, vidros de perfume, pentes, miudezas para presentes humildes. E latas de conserva, e doces. E roupas novas, algumas não vestidas ainda. De repente, no meio de tudo, um papel, uma conta, que talvez esclarecesse a identidade do morto.

—Lê tú, que sabes, — pediu o cabôelo, passando a conta á mulher.

A sertaneja soletrou o primeiro nome. Soletrou o segundo, até o meio. Os lábios tremiam-lhe, como uma flôr murcha acossada pelo vento. O papel caiu-lhe da mão, e a vela depois, apagando-se. E foi no escuro que ela, o estupor estampado na face, se atirou ao pescoço do companheiro.

—Vicente, meu marido de minh'alma! — exclamou.

E agarrada ao espôso, num grito de desespero, os olhos escancarados na treva:

—... meu irmão!...

oposta á obscuridade caótica de Poe. Poe é confuso, é patético, é selvagem.

Dario é nitido, suave e humano. A confusão de Poe se origina do abuso da sinceridade nas figuras. A nitidez de Dario provém do seu gênio atico. Poe é uma noite cruel de inverno. Dario uma tranquila e placida noite de primavera. Os versos de Poe são notas ásperas de poder terrífico; compassos de Beethoven cheios de uma eufonia transtornadora. A sua rima se ajusta ao silencio das sombras; seu ritmo tem estremecimentos de catástrofe ignea.

Quando lemos ou ouvimos Poe, nosso espírito cria figuras simbólicas que o cérebro traduz fragmentariamente em seu esfumilhar vertiginoso.

Sintonia de ritmos bruscos, de fantasmas esquecidos, de mulheres infiéis, de cruezs anantes que, no torvelinho dos sonhos, semelham as fôlhas caídas da árvore, ao impulso do vento ontinal... claridades indefiníveis, estátuas de sombra, vermelhas irisações de medo, acinzentadas visões de silencio incompreensível... qualquer coisa de uma harmonia dramática, terrível, como uma angústia que petrificasse... patética como a cabeça de Medusa, horrenda como uma hecatombe universal; pássaros silenciosos, árvores secas, sem ramos, como tibias de cíclopes fabulosos; rios de águas escuras, sonolentas e tortuosas, de monotonia enlouquecedora; edificios soterrados, columnas quebradas, pedestais desertos, tumbas vazias, horizontes côr de opála, ambientes de mansidão, de quietude mortal, de soledade esmagadora e dolorosa. E' a coincidência perfeita do som e das sombras.

Enquanto que ouvindo a Dario, sentimos os crescendos volumosos de Rossini, os noturnos de Chopin, e suspiramos pelos céus azues, pelos idilios passados, coisas humanas, vividas e sentidas, ao mesmo tempo que a nossa mente liberrima desfere seu vôo para horizontes de esplendida alvorada.

Lendo-o, sentimos saudades das belas horas de viver tranquilo, de cantar sem penas, do sonho despertado.

Estas horas que embalam as brisas noturnas e arrulham as cantatas fantásticas que leques de suavísimas plumas acariciam lentamente com as

languidas doçuras do riso misterioso de uma flôr, quando o sol, ao deitar-se, estende pelo céu os matizes precursôres do crepúsculo lunar.

Esta sua música é dôce e aromática como o mel e as flôres da laranjeira, grave e emaladora como um acalanto, volutuosa como um beijo ardente de mulher. Tem sonoridades fecundas e eternas. É a coincidência perfeita de som e da luz.

É assim que Poe, rebelde e destruidor, coincide nos extremos com Dario, rebelde e criador.

Em Poe admiramos a potencia avassaladora da sua frantasmogoria absurda; em Dario atraí a diáfameidade de suas figuras, a plasticidade musical de seus versos lípidos e elásticos, de limpidez de prata, de elasticidades felinas.

Dario é heterogêneo e humano; Poe monstruoso e homogêneo.

Poe escreve em sonhos, e por isto é ilógico e intermitente. Dário, não.

O nome de Poe tem opacidade de crepúculo, o de Dario claridade de alvorecer.

A irreabilidade do símbolo é olímpica e absoluta na onomatopeia de Dario; satânica e vagarosa na de Poe. Daí resulta que a melopéia de Dario adquira transparencias rutilantes e pareça tecida com raios de sol, enquanto que a de Poe se apresenta desconcertante e nervosa, como engendrada pela epilepsia.

Estes versos de Poe assombram por sua nervosidade. Parecem feitos de gritos. A mim me causam estremecimentos:

Keeping time, time, time,
in a sorte of Runic rhyme,
to the tintinabulation
that so musically wells
from the bells, bells, bells.

In the silence of the night,
how we shiver with affright
at the melancholy menace
of their tone!

Estes de Dario são cadenciados, e suaves como um sereno e lindo entardecer. Têm a magia do esconjuro:

Osos,
osos misteriosos,
yo os diré la canción
de vuestra misteriosa evocación

Osos negros y vellúdos del rinón de las montanas,
silenciosos viejos monjes de una iglesia inmemorial,
vuestros ritos solitários, vuestras prácticas extranas,
las humanas alimanas.

EM BUSCA DO IDEAL

ROBSON CAMPOS MARTINS

Escuta a minha história... era uma vez... um sonho numa réstea de luar... um perfume risonho, num bailado de amor, sobre uma rosa-França... um pássaro de luz, que cantava a "romanza" do amor, e que, depois, alçou-se como um grito, galgando as amplidões, na sêde do infinito, buscando o incognoscível...

Eu também quize sonhar o sonho inatingível e librei-me no azul do vasto firmamento, soltando asas de luz de um nível pensamento... E só depois de ouvir constalações, de ve-las, compreendi a harmonia etérea das estrêlas...

Diluiu-se um sonho nível, um sonho que resume a perfeição ideal, nas cores de um perfume de amor, que se desfez em luzes de harmonia...

E eu busquei esse ideal.. Encontrei-o... Sorria, num êxtase divino, o amor, meu bem-me-quer,

...a mulher...

(Do livro inédito "Fragmento")

neronizan y ensangrientan la selvosá catedral.
Osos tristes y danzantes que los zíngaros de cobre maritirizan, oso esclavo, oso fúnebre, oso pobre, arrancado a las entranas de los montes del Tirol;

Osos blancos de los polos, bellos osos diamantinos
nadie sabe que venís
sobre el rielo, de un imperio de hombres blancos
e divinos

que coronan con castillos argentinos
su país...

Osos,
osos misteriosos,
yo os diré la canción
de vuestra misteriosa evocación.

Dario é mais rimador, mais músico que Poe. Basta para isto o caráter do idioma. A lingua de Dario corresponde amplamente a seu espírito deslumbrador, extenso e evolutivo, porque é rica, harmônica, flexível e prismática.

A de Poe, não. O inglês é pobre e áspero, sem plasticidade; é uma lingua cinzenta.

Não obstante ambos alcançaram a perfeição do ritmo: Poe nas sombras e Dario na luz. Completam-se como o dia e a noite.

São dois enormes sinfonistas opostos.

languidas doçuras do riso misterioso de uma flôr, quando o sol, ao deitar-se, estende pelo céu os matizes precursores do crepúsculo lunar.

Esta sua música é doce e aromática como o mel e as flôres da laranjeira, grave e embalsamada como um acalanto, volutuosa como um beijo ardente de mulher. Tem sonoridades fecundas e eternas. É a coincidência perfeita de som e da luz.

É assim que Poe, rebelde e destruidor, coincide nos extremos com Dario, rebelde e criador.

Em Poe admiramos a potencia avassaladora da sua frantasmogoria absurda; em Dario atrai a diáfama de suas figuras, a plasticidade musical de seus versos lípidos e elásticos, de limpidez de prata, de elasticidades felinas.

Dario é heterogêneo e humano; Poe monstruoso e homogêneo.

Poe escreve em sonhos, e por isto é ilógico e intermitente. Dário, não.

O nome de Poe tem opacidade de crepúculo, o de Dario claridade de alvorecer.

A irrerealidade do símbolo é olímpica e absoluta na onomatopeia de Dario; satânica e vagarosa na de Poe. Daí resulta que a melopéia de Dario adquira transparencias rutilantes e pareça tecida com raios de sol, enquanto que a de Poe se apresenta desconcertante e nervosa, como engendrada pela epilepsia.

Estes versos de Poe assombram por sua nervosidade. Parecem feitos de gritos. A mim me causam estremecimentos:

Keeping time, time, time,
in a sorte of Runic rhyme,
to the tintinabulation
that so musically wells
from the bells, bells, bells.

In the silence of the night,
how we shiver with affright
at the melancholy menace
of their tone!

Estes de Dario são cadenciados, e suaves como um sereno e lindo entardecer. Têm a magia do encanto:

Osos,
osos misteriosos,
yo os diré la canción
de vuestra misteriosa evocación

Osos negros y vellúdos del rinón de las montañas,
silenciosos viejos monjes de una iglesia inmemorial,
vuestros ritos solitários, vuestras prácticas extrañas,
las humanas alimanas,

EM BUSCA DO IDEAL

ROBSON CAMPOS MARTINS

Escuta a minha história... era uma vez... um sonho numa réstea de luar... um perfume risonho, num bailado de amor, sobre uma rosa-França... um pássaro de luz, que cantava a "romanza" do amor, e que, depois, alçou-se como um grito, galgando as amplidões, na sede do infinito, buscando o incognoscível...

Eu também quize sonhar o sonho inatingível e librei-me no azul do vasto firmamento, soltando asas de luz de um nível pensamento... E só depois de ouvir constalações, de ve-las, compreendi a harmonia etérea das estrelas...

Diluiu-se um sonho nível, um sonho que resume a perfeição ideal, nas cores de um perfume de amor, que se desfez em luzes de harmonia...

E eu busquei esse ideal.. Encontrei-o... Sorria, num êxtase divino, o amor, meu bem-me-quer,

...a mulher...

(Do livro inédito "Fragmento")

neronizan y ensangrientan la selvosá catedral.
Osos tristes y danzantes que los zingáros de cobre maritirizan, oso esclavo, oso fúnebre, oso pobre, arrancado a las entranas de los montes del Tirol;

Osos blancos de los polos, bellos osos diamantinos
nadie sabe que venís
sobre el rielo, de un imperio de hombres blancos
e divinos

que coronan con castillos argentinos
su país...

Osos,
osos misteriosos,
yo os diré la canción
de vuestra misteriosa evocación.

Dario é mais rimador, mais músico que Poe. Basta para isto o caráter do idioma. A língua de Dario corresponde amplamente a seu espírito deslumbrador, extenso e evolutivo, porque é rica, harmônica, flexível e prismática.

A de Poe, não. O inglês é pobre e áspero, sem plasticidade; é uma língua cinzenta.

Não obstante ambos alcançaram a perfeição do ritmo: Poe nas sombras e Dario na luz. Completam-se como o dia e a noite.

São dois enormes sinfonistas opostos.

POR QUE SILENCIAR, IRMÃOS ?

Carlos Madeira

POR QUE SILENCIAR, IRMÃOS, VOSSAS VOZES TRISTONHAS ?
OS HOMENS ESTÃO CANSADOS E PERDERAM SEU RUMO,
INFINITA AMARGURA OS DESTRO'E, NUMA LENTA AGONIA,
E O GRITO DE ANGUSTIA NÃO MORREU NA GARGANTA DAS MÃES.
POR QUE PARAR, MEUS IRMÃOS, QUANDO BEM QUE SABEIS
QUE OS VOSSOS CANTOS TODOS VÊM DA NOITE,
DO ABISMO DE PAIXÕES E TORMENTAS HUMANAS,
E OS VOSSOS GESTOS SÃO DA CADENCIA PROFUNDA
DE VONTADES GRANDIOSAS JAMAIS CONFESSADAS,
DE DESEJOS ARDENTES QUE FICARAM DESFEITOS
NA PENOSA VERTIGEM DE INQUIETAÇÕES SEM REMEDIO ?
POR QUE SILENCIAR, SE CRIANÇAS ESTÃO CHORANDO,
E ESTA' DE LUTO O ARREBOL DE SUAS VIDAS;
SE UMA VAGA DE AMBIÇÃO AFOGOU OS HUMILDES,
QUANDO ÊLES PEDIAM A QUIETAÇÃO DE UM GRANDE AMOR SEM FRONTEIRAS ?

NÃO DEIXAI QUE A ESPERANÇA ABANDONE O SENTIDO DO MUNDO.
COMVOSCO ESTÃO DOBRANDO OS SINOS DAS IGREJAS,
COMVOSCO ESTÃO ACENANDO OS FARO'ES DE PORTOS DISTANTES
COMO A CHAMAR OS NA'UFRAGOS QUE CLAMAM PELOS MARES.
EM VO'S ESTA' A EXTRANHA VOZ DOS DESAPARECIDOS,
DOS MUTILADOS QUE FICARAM GEMENDO
NAS CIDADES EM RUINAS, TRISTES, DEVASTADAS,
DOMINADAS DO HORROR COM QUE A MORTE AS POVOOU.

POR QUE SILENCIAR, IRMÃOS, VOSSAS VOZES TRISTONHAS ?
NÃO E' ESSE O DESTINO DOS QUE SE INTEGRARAM
NO RITMO INCONTIDO DO CORAÇÃO DO MUNDO
NO'S TODOS CANTAREMOS COM OS QUEIXUMES DOS HOMENS,
E UM DIA, QUANDO A LUZ SE APAGAR DE NOSSOS OLHOS,
E NOSSA VOZ FUGIR PARA OUTROS ARCANOS,
TALVEZ QUE NOSSOS CANTOS SEJAM MAIS BÉLOS,
PORQUE DECERÃO HARMONIOSOS COMO A LUZ DAS ESTRELAS,
DE IMENSOS CE'US PARA TRISTÍSSIMA TERRA,
PARA TRANSFIGURAR A DÓR DE TODOS OS DESESPERADOS...

POR QUE SILENCIAR, IRMÃOS ?

Carlos Madeira

POR QUE SILENCIAR, IRMÃOS, VOSSAS VOZES TRISTONHAS ?
OS HOMENS ESTÃO CANSADOS E PERDERAM SEU RUMO,
INFINITA AMARGURA OS DESTRO'E, NUMA LENTA AGONIA,
E O GRITO DE ANGUSTIA NÃO MORREU NA GARGANTA DAS MÃES.
POR QUE PARAR, MEUS IRMÃOS, QUANDO BEM QUE SABEIS
QUE OS VOSSOS CANTOS TODOS VÊM DA NOITE,
DO ABISMO DE PAIXÕES E TORMENTAS HUMANAS,
E OS VOSSOS GESTOS SÃO DA CADENCIA PROFUNDA
DE VONTADES GRANDIOSAS JAMAIS CONFESSADAS,
DE DESEJOS ARDENTES QUE FICARAM DESFEITOS
NA PENOSA VERTIGEM DE INQUIETAÇÕES SEM REMEDIO ?
POR QUE SILENCIAR, SE CRIANÇAS ESTÃO CHORANDO,
E ESTA' DE LUTO O ARREBOL DE SUAS VIDAS;
SE UMA VAGA DE AMBIÇÃO AFOGOU OS HUMILDES,
QUANDO ÊLES PEDIAM A QUIETAÇÃO DE UM GRANDE AMOR SEM FRONTEIRAS ?

NÃO DEIXAI QUE A ESPERANÇA ABANDONE O SENTIDO DO MUNDO.
COMVOSCO ESTÃO DOBRANDO OS SINOS DAS IGREJAS,
COMVOSCO ESTÃO ACENANDO OS FARO'ES DE PORTOS DISTANTES
COMO A CHAMAR OS NA'UFRAGOS QUE CLAMAM PELOS MARES.
EM VO'S ESTA' A EXTRANHA VOZ DOS DESAPARECIDOS,
DOS MUTILADOS QUE FICARAM GEMENDO
NAS CIDADES EM RUINAS, TRISTES, DEVASTADAS,
DOMINADAS DO HORROR COM QUE A MORTE AS POVOOU.

POR QUE SILENCIAR, IRMÃOS, VOSSAS VOZES TRISTONHAS ?
NÃO E' ÊSSE O DESTINO DOS QUE SE INTEGRARAM
NO RITMO INCONTIDO DO CORAÇÃO DO MUNDO
NO'S TODOS CANTAREMOS COM OS QUEIXUMES DOS HOMENS,
E UM DIA, QUANDO A LUZ SE APAGAR DE NOSSOS OLHOS,
E NOSSA VOZ FUGIR PARA OUTROS ARCANOS,
TALVEZ QUE NOSSOS CANTOS SEJAM MAIS BÉLOS,
PORQUE DECERÃO HARMONIOSOS COMO A LUZ DAS ESTRELAS,
DE IMENSOS CE'US PARA TRISTÍSSIMA TERRA,
PARA TRANSFIGURAR A DÔR DE TODOS OS DESESPERADOS...



A data natalícia do Presidente Vargas, a cidade de Bacabal festejou com brilhantismo. Aqui publicamos alguns aspectos das homenagens cívicas. 1) No alto o magnífico retrato pintado a lapis Faber pelos artistas amadores José Silva e Ribamar Cordeiro. 2) Passeata cívica. 3) Concentração a praça Duque de Caxias, onde falou o sr. Djalma Silva. 4) Sessão solene no salão nobre da Prefeitura



A data natalícia do Presidente Vargas, a cidade de Bacabal festejou com brilhantismo. Aqui publicamos alguns aspectos das homenagens civicas. 1) No alto o magnifico retrato pintado a lapis Faber pelos artistas amadores José Silva e Ribamar Cordeiro. 2) Passeata cívica. 3) Concentração a praça Duque de Caxias, onde falou o sr. Djalma Silva. 4) Sessão solene no salão nobre da Prefeitura

POESIA DE MANUEL BANDEIRA

O MENINO DOENTE

O menino dorme.

Para que o menino
Durma sossegado
Sentada a seu lado
A mãesinha canta:

—Dódoi, vae-te embora!
Deixa o meu fihinho.
Dorme... doime... meu"...

Morta de fadiga,
Ela adormeceu.

Então, no ombro dela
Um vulto de santa,
Na mesma cantiga,
Na mesma voz dela
Se debruça e canta:

—“Dorme, meu amor.
Dorme, meu bemzinho”...

E o menino dorme



Manuel Bandeira

IRENE NO CE'U

Irene preta
Irene bôa
Irene sempre de bom humor.

Imgino Irene entrando no céu:

—Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

—Entra, Irene. Você não precisa, pedir licença.

DESENCANTO

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... Remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente.
Cái, gota a gota, do coração.

E nêstes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabôr na boca.

—Eu faço versos como quem morre.

CANTAR DE AMOR

Quer'eu en maneyra de proençal
Fazer agora hum cantar d'amôr...

D. Denis

Mha senhor, com'oje dia son,
Atan cuitad'e sen côr assi!
E par Deus non sei que farei i.
Ca non dormho á mui gran sazon.
Mha senhor, ai meu lum'e meu ben,
Meu coraçõ non sei o que ten.

Noit'e dia no meu coraçõ
Nulha ren se non a morte vi.
E pois tal coita non mereci.
Moir'eu logo, se Deus mi perdon.
Mha senhor, ai meu lum'e meu ben,
Meu coraçõ non sei o que ten.

Des oimais o viver m'é prison:
Grave di'aquel en que naci!
Mha senhor, ai rezade por mi,
Ca perç'o sen e perç'a razõ.
Mha senhor, ai meu lum'e meu ben,
Meu coraçõ non sei o que ten.

POESIA DE MANUEL BANDEIRA

O MENINO DOENTE

O menino dorme.

Para que o menino
Durma sossegado
Sentada a seu lado
A mãesinha canta:

—Dódoi, vae-te embora!
Deixa o meu fihinho.
Dorme... dorme... meu"...

Morta de fadiga,
Ela adormeceu.

Então, no ombro dela
Um vulto de santa,
Na mesma cantiga,
Na mesma voz dela
Se debruça e canta:

—“Dorme, meu amor.
Dorme, meu bemzinho”...

E o menino dorme



Manuel Bandeira

IRENE NO CE'U

Irene preta
Irene bôa
Irene sempre de bom humor.

Imgino Irene entrando no céu:

—Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

—Entra, Irene. Você não precisa, pedir licença.

DESENCANTO

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... Remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente.
Cái, gota a gota, do coração.

E nêstes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabôr na boca.

—Eu faço versos como quem morre.

CANTAR DE AMOR

Quer'eu en maneyra de proençal
Fazer agora hum cantar d'amôr...

D. Denis

Mha senhor, com'oje dia son,
Atan cuitad'e sen côr assi!
E par Deus non sei que farei i.
Ca non dormho á mui gran sazon.
Mha senhor, ai meu lum'e meu ben,
Meu coraçõ non sei o que ten.

Noit'e dia no meu coraçõ
Nulha ren se non a morte vi,
E pois tal coita non mereci.
Moir'eu logo, se Deus mi perdon.
Mha senhor, ai meu lum'e meu ben,
Meu coraçõ non sei o que ten.

Des oimais o viver m'é prison:
Grave di'aquel en que naci!
Mha senhor, ai rezade por mi,
Ca perç'o sen e perç'a razõ.
Mha senhor, ai meu lum'e meu ben,
Meu coraçõ non sei o que ten.

O Homem e Mulher

(PENSAMENTO DE INÁCIO RAPOSO)

Para o homem de espírito o que menos vale na mulher é justamente aquilo que, para o homem vulgar, é um verdadeiro encanto.

O platonismo, com ser a volúpia da alma, nasce dos encantos físicos: os feios não conseguem inspira-lo por mais virtuosos que sejam.

Dize a uma mulher: — Adoro-te !... E ela se rirá de ti.

Dize a uma mulher: — Odeio-te !... E ela se rirá de contente.

O natural no homem é degradar a mulher que o ama; na mulher, é erguer o homem que lhe vota amor.

O que faz a mulher inferior ao homem é justamente a sua superioridade, sempre incompreendida: deixa que o homem a governe materialmente, para melhor governa-lo com o seu espírito.

Toda mulher que se veste de homem, reconhece a superioridade d'êste, do contrário o não imitaria.

Deus fez o homem mais forte que a mulher, não para domina-la, mas para defendê-la.

O homem pode ir do genio á imbecilidade; a mulher nunca vai aos extremos: fica no meio termo: nem genio, nem imbecil !...

A mulher aclamada pelas outras, nunca o é pelos homens: mas o homem aclamado pelos outros é tudo para as mulheres.

O homem que não sabe dar um laço de gravata, nunca será querido por uma mulher decente.

Filha, quando um homem te beijar os pés,

esmaga-lhe a cabeça com o mesmo pé que fôr beijado por êle porque êsse monstro, um dia, te apontará como um crime a própria esmola que, em lágrimas, te implorou de joelhos.

Se as mulheres conhecessem os homens e os homens conhecessem as mulheres, a humanidade se acabaria, pela repulsa entre os sexos.

O homem nasce, a mulher faz-se.

A ostentação de virtudes na mulher feia é sempre um anzol para pescar um marido.

A mulher quando entrega o seu físico a um homem, entrega a alma ao diabo: dos dois senhores deve preferir o segundo.

S. Bernardo odiava as mulheres. Se fôra mulher, odiaria os homens.

Se as leis fôsem escritas pelas mulheres, os homens seriam o sexo fraco.

A virgem é a viúva honesta que não ferem a moral, porque vencem a natureza, ferem a natureza que desconhece a moral.

A maior parte das mulheres deve a sua honestidade á timidez dos homens.

Não ha duas cousas tão parecidas como um macaco diante de um espelho com uma mulher diante de um figurino.

As mulheres, quanto mais sobem nas posições de mando, tanto mais descem na moralidade do sexo.

As duas maiores armas da mulher nascem da sua fraqueza: o pranto e a suplica.

As mulheres são mais vítimas das suas virtudes que dos seus defeitos.

A vaidade, nas mulheres, fica na endumentaria; no homem vai até o infinito.

A cólera que faz do homem um leão, faz da mulher uma gata.

Do homem só se exige uma honestidade relativa. Da mulher exige-se tudo.

Para uma mulher casada o marido é o ultimo dos homens.

O amor que no homem é fraqueza, na mulher é força.

A beleza tem creado, para bem poucas mulheres um trono, e para muitas o prostíbulo; mas, ainda assim, é na beleza que está a graça da mulher.

Jesus condenou sua mãe por não ter amado



Avião no porto de Barão de Grajaú, em aguas do Rio Parnaíba

O Homem e Mulher

(PENSAMENTO DE INÁCIO RAPOSO)

Para o homem de espírito o que menos vale na mulher é justamente aquilo que, para o homem vulgar, é um verdadeiro encanto.

O platonismo, com ser a volúpia da alma, nasce dos encantos físicos: os feios não conseguem inspira-lo por mais virtuosos que sejam.

Dize a uma mulher: — Adoro-te !... E ela se rirá de ti.

Dize a uma mulher: — Odeio-te !... E ela se rirá de contente.

O natural no homem é degradar a mulher que o ama; na mulher, é erguer o homem que lhe vota amor.

O que faz a mulher inferior ao homem é justamente a sua superioridade, sempre incompreendida: deixa que o homem a governe materialmente, para melhor governa-lo com o seu espírito.

Toda mulher que se veste de homem, reconhece a superioridade d'êste, do contrário o não imitaria.

Deus fez o homem mais forte que a mulher, não para domina-la, mas para defendê-la.

O homem pode ir do genio á imbecilidade; a mulher nunca vai aos extremos: fica no meio termo: nem genio, nem imbecil !...

A mulher aclamada pelas outras, nunca o é pelos homens: mas o homem aclamado pelos outros é tudo para as mulheres.

O homem que não sabe dar um laço de gravata, nunca será querido por uma mulher decente.

Filha, quando um homem te beijar os pés,

esmaga-lhe a cabeça com o mesmo pé que fôr beijado por êle porque êsse monstro, um dia, te apontará como um crime a própria esmola que, em lágrimas, te implorou de joelhos.

Se as mulheres conhecessem os homens e os homens conhecessem as mulheres, a humanidade se acabaria, pela repulsa entre os sexos.

O homem nasce, a mulher faz-se.

A ostentação de virtudes na mulher feia é sempre um anzol para pescar um marido.

A mulher quando entrega o seu físico a um homem, entrega a alma ao diabo: dos dois senhores deve preferir o segundo.

S. Bernardo odiava as mulheres. Se fôra mulher, odiaria os homens.

Se as leis fôsem escritas pelas mulheres, os homens seriam o sexo fraco.

A virgem e a viúva honesta que não ferem a moral, porque vencem a natureza, ferem a natureza que desconhece a moral.

A maior parte das mulheres deve a sua honestidade á timidez dos homens.

Não ha duas cousas tão parecidas como um macaco diante de um espelho com uma mulher diante de um figurino.

As mulheres, quanto mais sobem nas posições de mando, tanto mais descem na moralidade do sexo.

As duas maiores armas da mulher nascem da sua fraqueza: o pranto e a suplica.

As mulheres são mais vítimas das suas virtudes que dos seus defeitos.

A vaidade, nas mulheres, fica na endumentaria; no homem vai até o infinito.

A cólera que faz do homem um leão, faz da mulher uma gata.

Do homem só se exige uma honestidade relativa. Da mulher exige-se tudo.

Para uma mulher casada o marido é o ultimo dos homens.

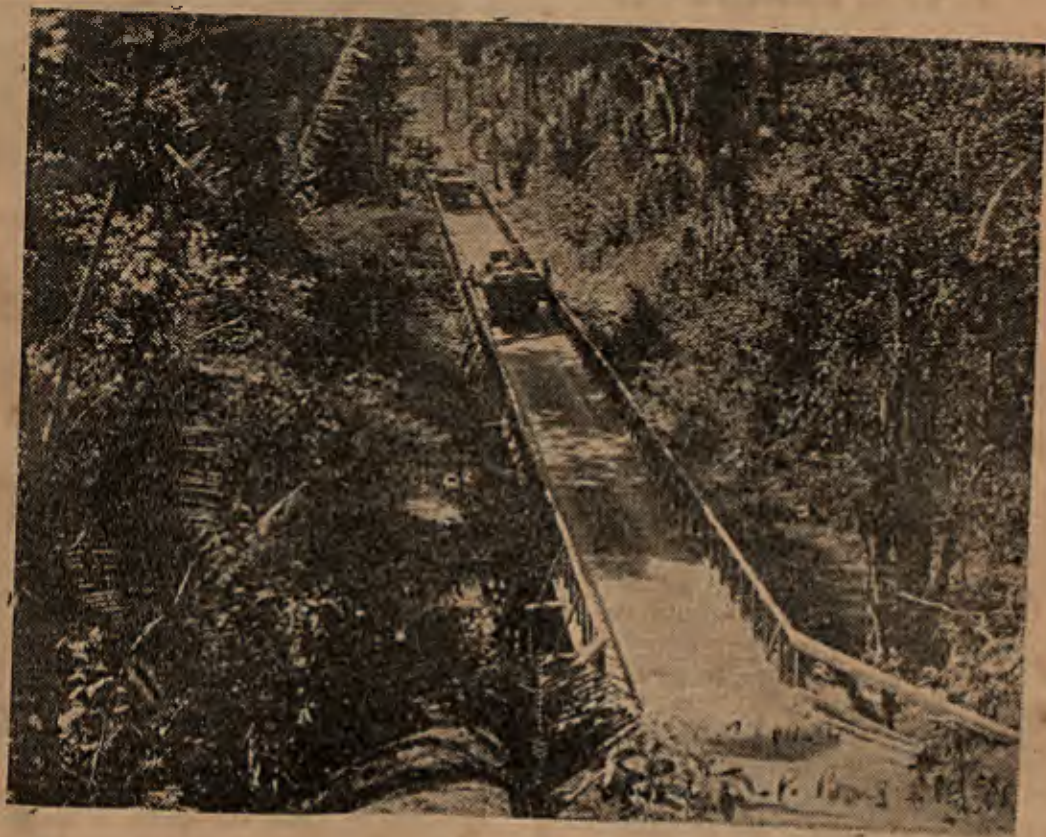
O amor que no homem é fraqueza, na mulher é força.

A beleza tem creado, para bem poucas mulheres um trono, e para muitas o prostíbulo; mas, ainda assim, é na beleza que está a graça da mulher.

Jesus condenou sua mãe por não ter amado



Avião no porto de Barão de Grajaú, em aguas do Rio Parnaíba



Uma bonita ponte da estrada de rodagem Barão de Grajaú — Pastos Bons, no trecho compreendido entre esta cidade e o município de S. João dos Patos. A fotografia revêla a estrada cortando um pedaço esplêndido de mata-virgem

fisiologicamente, quando declarou salva Madalena porque muito amou.

A mulher é mais púdica diante de outra mulher, que diante de um homem.

A mulher que serve de modelo a um pintor, é uma vítima que se imolô na santuário da arte.

A mulher, por mais ingênua que se mostre, nunca é pegada de surpresa.

Uma só inimiga vale por dez inimigos.

A mulher é sempre grata ao homem que a amou.

A maior paixão, para a mulher, é a primeira, para o homem — a última.

O consôlo da solteirona é mencionar os **partidos** que despresou quando moça...

O marido da vizinha e a mulher do vizinho são dois pobres diabos em inspeção permanente.

Para a mulher ciumenta, a falta de carinho é desprezo, e o carinho — uma **tapeação**.

Uma carta de amor é um beijo que se atira de longe.

O segredo de agradar nos conversações é não explicar em demasia as cousas; dizê-las a meio, deixando um pouco para ser adivinhado, é demonstração de bom juízo relativamente aos que escutam. — **La Rochefoucauld**

O amor é um sentimento; o namoro, uma arte. O primeiro leva á loucura, o segundo á conquista.

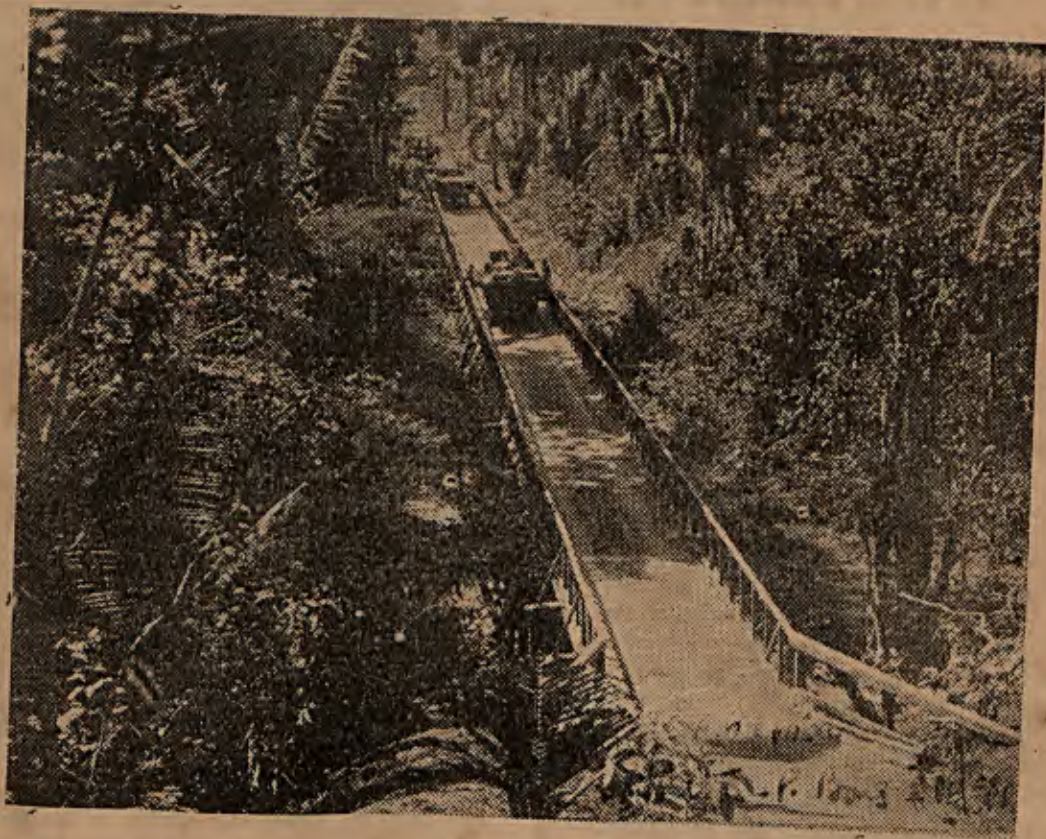
O beijo é o carinho do amor.

A esposa suspeitada prefere o insulto ao silencio. Do insulto pôde vir a defesa... e do silencio?... Só Deus o sabe.

As mulheres amam as situações misteriosas, mas na prática da vida só querem cousas confortáveis.

A maior virtude de um homem, no conceito das mulheres é trata-las com frieza.

Um homem de talento, para uma mulher vulgar, é sempre um homem suspeito.



Uma bonita ponte da estrada de rodagem Barão de Grajaú — Pastos Bons, no trecho compreendido entre esta cidade e o município de S. João dos Patos. A fotografia revêla a estrada cortando um pedaço esplêndido de mata-virgem

fisiologicamente, quando declarou salva Madalena porque muito amou.

A mulher é mais púdica diante de outra mulher, que diante de um homem.

A mulher que serve de modelo a um pintor, é uma vítima que se imolâ na santuário da arte.

A mulher, por mais ingênua que se mostre, nunca é pegada de surpresa.

Uma só inimiga vale por dez inimigos.

A mulher é sempre grata ao homem que a amou.

A maior paixão, para a mulher, é a primeira, para o homem — a última.

O consôlo da solteirona é mencionar os **partidos** que despresou quando moça...

O marido da vizinha e a mulher do vizinho são dois pobres diabos em inspeção permanente.

Para a mulher ciumenta, a falta de carinho é desprezo, e o carinho — uma **tapeação**.

Uma carta de amor é um beijo que se atira de longe.

O segredo de agradar nos conversações é não explicar em demasia as cousas; dizê-las a meio, deixando um pouco para ser adivinhado, é demonstração de bom juízo relativamente aos que escutam. — **La Rochefoucauld**

O amor é um sentimento; o namoro, uma arte. O primeiro leva á loucura, o segundo á conquista.

O beijo é o carinho do amor.

A esposa suspeitada prefere o insulto ao silencio. Do insulto pôde vir a defesa... e do silencio?... Só Deus o sabe.

As mulheres amam as situações misteriosas, mas na prática da vida só querem cousas confortáveis.

A maior virtude de um homem, no conceito das mulheres é trata-las com frieza.

Um homem de talento, para uma mulher vulgar, é sempre um homem suspeito.

POLIDÓRO

Conego PALHANO DE JESUS

Polidóro era um velho político afeito às lutas eleitorais. Sua grande atividade fez com que os correligionários o escolhessem membro do diretório do partido. Incentivado por essa distinção, atirou-se com maior entusiasmo ao aliciamento de eleitores.

Conversador, insinuante, empregando termos empolados, convencia grande número de pessoas, que se animavam com a perspectiva de uma vida nova e cheia de progressos para o município.

Veiu a Revolução de 30, que sacudiu os velhos sistemas políticos, mudando aos poucos a face do Brasil, até culminar na organização do Estado Novo.

Quando se tratou de formular uma nova constituição, moveram-se, ativamente todas as hostes, para que suas idéias predominassem na Carta Magna. Tratava-se de dar uma nova feição ao Brasil, e cada qual almejava que essa retratasse seu pensamento político. Ao lado de tudo isso, o comunismo arregimentou-se também para fazer passar o divórcio, e quejandas parvoíces, na lei básica que iria reger os brasileiros. Surgiu, então, em todo o país, uma formidável organização arregimentando os católicos, que se ergueram com os olhos fitos em Deus e o coração pulsando de amor pela Pátria. Essa organização foi a Liga Eleitoral Católica. Os adversários uataram de lhe embarçar os passos, porém, mercê de Deus, ela veio trazer à Terra de Santa Cruz, sua cooperação decisiva e patriótica.

Polidóro, o político, não era lá muito chegado à Igreja e procurava, por vezes desprestigiar a ação do Vigário em sua terra. Em tudo que o sacerdote fazia ou dizia, ele achava pretextos para críticas. Agora, então, estava nada satisfeito.

—Ora, o padre meter-se em política? Isso não é próprio para o Ministro de Deus.

Não se lembrava que o padre tem por baixo da sotaina negra um coração que pulsa pela Pátria e não pôde fugir a seu apêlo nos momentos decisivos. Nessa ocasião tratava-se de dar uma nova orientação ao Brasil, da qual dependeria sua felicidade e grandeza para o futuro.

Cruzar os braços, olhar indiferente, nessas circunstâncias, seria desmentir as tradições gloriosas do Clero Brasileiro, cujo patriotismo fulgu-



PASSAGEM FRANCA — Grupo de pessoas grandes da terra. Vê-se aí sentados, os srs. Raimundo da Silva Costa, coletor Estadual Miguel Galvão da Silva, e em pé, os srs. José Araujo Lopes, Manoel Galvão, Antonio Carneiro, Raimundo Cardoso Rosa

ra nas páginas sagradas da História Patria. No entanto, inteligente, o manhoso político refletiu que seria grande imprudência ir diretamente de encontro à organização dos católicos.

—Afim de contas, — monologava — eu também sou católico, apesar de não me confessar há muitos anos e não ouvir Missa aos domingos. Mas, fazer parte da Liga, ah! isso não! pois tenho compromissos com meu partido.

Chegando o tempo de angariar os votos, lá se foi o homem, maneiroso, distribuindo sorrisos e afabilidades com os eleitores.

Alegre, estava um dia nesse afanoso mistér, quando passou em casa de um matuto. Encontrou-o acorrido á porta da humilde choupana.

—Olá, meu caro amigo, como vai com essa vida?

—A vida vai bem, inhôr sim.

—Quero tratar contigo um negócio de suma importância.

—Seu doutô entre e se abanque — convidou o humilde cidadão erguendo-se obsequioso.

POLIDÓRO

Conego PALHANO DE JESUS

Polidóro era um velho político afeito às lutas eleitorais. Sua grande atividade fez com que os correligionários o escolhessem membro do diretório do partido. Incentivado por essa distinção, atirou-se com maior entusiasmo ao aliciamento de eleitores.

Conversador, insinuante, empregando termos empolados, convencia grande número de pessoas, que se animavam com a perspectiva de uma vida nova e cheia de progressos para o município.

Veiu a Revolução de 30, que sacudiu os velhos sistemas políticos, mudando aos poucos a face do Brasil, até culminar na organização do Estado Novo.

Quando se tratou de formular uma nova constituição, moveram-se, ativamente todas as hostes, para que suas idéias predominassem na Carta Magna. Tratava-se de dar uma nova feição ao Brasil, e cada qual almejava que essa retratasse seu pensamento político. Ao lado de tudo isso, o comunismo arregimentou-se também para fazer passar o divórcio, e quejandas parvoíces, na lei básica que iria reger os brasileiros. Surgiu, então, em todo o país, uma formidável organização arregimentando os católicos, que se ergueram com os olhos fitos em Deus e o coração pulsando de amor pela Pátria. Essa organização foi a Liga Eleitoral Católica. Os adversários uataram de lhe embarçar os passos, porém, mercê de Deus, ela veio trazer à Terra de Santa Cruz, sua cooperação decisiva e patriótica.

Polidóro, o político, não era lá muito chegado à Igreja e procurava, por vezes desprestigiar a ação do Vigário em sua terra. Em tudo que o sacerdote fazia ou dizia, ele achava pretextos para críticas. Agora, então, estava nada satisfeito.

—Ora, o padre meter-se em política? Isso não é próprio para o Ministro de Deus.

Não se lembrava que o padre tem por baixo da sotaina negra um coração que pulsa pela Pátria e não pôde fugir a seu apêlo nos momentos decisivos. Nessa ocasião tratava-se de dar uma nova orientação ao Brasil, da qual dependeria sua felicidade e grandeza para o futuro.

Cruzar os braços, olhar indiferente, nessas circunstâncias, seria desmentir as tradições gloriosas do Clero Brasileiro, cujo patriotismo fulgu-



PASSAGEM FRANCA — Grupo de pessoas grandes da terra. Vê-se aí sentados, os srs. Raimundo da Silva Costa, coletor Estadual Miguel Galvão da Silva, e em pé, os srs. José Araujo Lopes, Manoel Galvão, Antonio Carneiro, Raimundo Cardoso Rosa

ra nas páginas sagradas da História Patria. No entanto, inteligente, o manhoso político refletiu que seria grande imprudência ir diretamente de encontro à organização dos católicos.

—Afiml de contas, — monologava — eu também sou católico, apesar de não me confessar há muitos anos e não ouvir Missa aos domingos. Mas, fazer parte da Liga, ah! isso não! pois tenho compromissos com meu partido.

Chegando o tempo de angariar os votos, lá se foi o homem, maneiroso, distribuindo sorrisos e afabilidades com os eleitores.

Alegre, estava um dia nesse afanoso mistér, quando passou em casa de um matuto. Encontrou-o acororado á porta da humilde choupana.

—Olá, meu caro amigo, como vai com essa vida?

—A vida vai bem, inhôr sim.

—Quero tratar contigo um negócio de suna importância.

—Seu doutô entre e se abanque — convidou o humilde cidadão erguendo-se obsequioso.



Uma noite de Natal em Barão do Grajaú — Lindas pastorinhas da terra

Sentando-se, Polidóro continuou:

—Sabes lér e escrever?

—Sei inhor sim; soletrando e pur riba. Nas escrita tambem sempre ponho minhas garatujas.

—Já és eleitor?

—Já, inhor sim. Estou qualificado na Liga. Fiz a petição direitinho e tirei os retrato.

—Muito bem. Uma vez que és eleitor, votarás em meu partido.

—Inhor não. Eu voto em quem seu Vigáro mandar. Ele dixé para se votar em quem fôr católico.

—Ah! justamente! Pódes votar em mim que sou católico!

—Seu doutô, eu não lhe vejo nas Missas de Domingo. Vancê parece que fala mal de padre um bocado...

—Não... Vou provar que sou católico. Olha...

Dizendo isso o ativo cabo eleitoral tirou de um bôlso uma estampa de S. José. De outro extraiu um Sto. Antonio e um S. Benedito. Em pouco tempo, umas dez estampas de diversos santos surgiram como por encanto.

—Viste? — exclamou triunfante — Provei que sou católico!

O matuto riu socegradamente, soltando uma rizadinha que mais se assemelhava a um concerto de garganta e disse numa calma imperturbável.

—Qual, seu doutô, eu não vou nisso. Vancê não ademostrou que é católico. Vancê provon



Senhorita Zolira Dias, filha do sr. Severino Dias e Professora da Associação dos Empregados do Comércio de S. Luiz

simplesmente que é oratóro onde se guarda os santo...

(Do livro "Cegueira luminosa".



Uma noite de Natal em Barão do Grajaú — Lindas pastorinhas da terra

Sentando-se, Polidóro continuou:

—Sabes lér e escrever?

—Sei inhor sim; soletrando e pur riba. Nas escrita tambem sempre ponho minhas garatujas.

—Já és eleitor?

—Já, inhor sim. Estou qualificado na Liga. Fiz a petição direitinho e tirei os retrato.

—Muito bem. Uma vez que és eleitor, votarás em meu partido.

—Inhor não. Eu voto em quem seu Vigáro mandar. Ele dixé para se votar em quem fôr católico.

—Ah! justamente! Pódes votar em mim que sou católico!

—Seu doutô, eu não lhe vejo nas Missas de Domingo. Vancê parece que fala mal de padre um bocado...

—Não... Vou provar que sou católico. Olha...

Dizendo isso o ativo cabo eleitoral tirou de um bôlso uma estampa de S. José. De outro extraiu um Sto. Antonio e um S. Benedito. Em pouco tempo, umas dez estampas de diversos santos surgiram como por encanto.

—Viste? — exclamou triunfante — Provei que sou católico!

O matuto riu socegradamente, soltando uma rizadinha que mais se assemelhava a um concerto de garganta e disse numa calma imperturbavel.

—Qual, seu doutô, eu não vou nisso. Vancê não ademostrou que é católico. Vancê provon

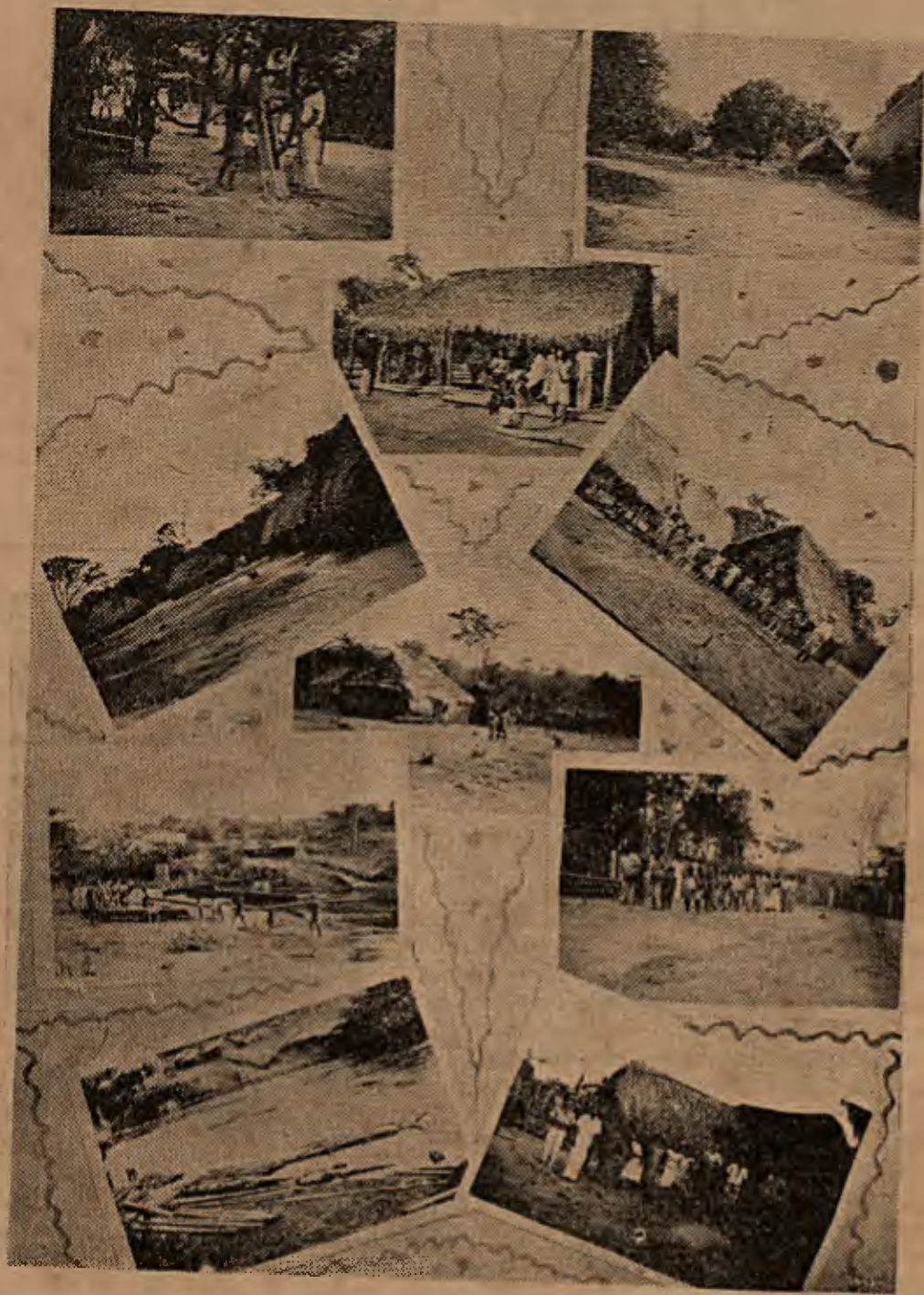


Senhorita Zolira Dias, filha do sr. Severino Dias e Professora da Associação dos Empregados do Comércio de S. Luiz

simplesmente que é oratóro onde se guarda os santo...

(Do livro "Cegueira luminosa".

ASPECTOS MARANHENSES



Barra do Corda através do pitoresco de suas paisagens — Aldeamentos de índios — Balsas no Mearim. O prefeito Milhomem em visita aos incolas de Altamira, colônia plantada pelo homem civilizado em pleno coração das matas maranhenses

ASPECTOS MARANHENSES



Barra do Corda através do pitoresco de suas paisagens — Aldeamentos de índios — Balsas no Mearim. O prefeito Milhomem em visita aos incolas de Altamira, colônia plantada pelo homem civilizado em pleno coração das matas maranhenses

VAMOS LÊR ÊSSES AMERICANOS

— ERASMO DIAS —

Vivemos, presentemente, o momento de maior aproximação com os Estados-Unidos, que a nossa história registra.

Mr. Caffery, embaixador de Washington junto ao nosso governo, declarou mesmo recentemente, em New-York, que nunca fôram melhores as relações entre os dois países. Dêsse fâto surge a necessidade de existir, antes de tudo, um perfeito conhecimento recíproco a fim de que se estabeleça entre as duas repúblicas, um intercambio completo, atingindo cultura, política e econômica. Uma das bases para o estabelecimento dêsse intercambio, está a cargo dos intelectuais de lá e de cá, e se deve assentar sôbre o estudo e a divulgação das duas literaturas, produtos de culturas diferentes, cujo único e fraco traço de aproximação seja talvez o fator continental.

No que tóca ao Maranhão, esta tarefa que os nossos intelectuais deveriam encarar com a responsabilidade do momento que passa, resume-se numa exaltação lírica das coisas americanas, que aqui nos fôram divulgadas pelos celuloides que nos vieram de Hollywood, ao par de uma santa ignorância pelo que são cultura e civilização, na grande república do norte.

Fâto dolorosíssimo, mas, fácil de constatar, é que, em nossa terra com exceção talvez de três intelectuais, os nossos escritores conhecem de literatura americana somente aquela celebradíssima tradução do "Corvo" de Edgard Allan Poe, feita pelo velho Machado de Assis e que, digamos de passagem, fica muito a dever á do sr. Gondim da Fonseca. Decorridos nada menos do que noventa e dois anos de morte do grande poeta do lusco-fusco e do horror, a sua obra continúa para nós desconhecida, servindo, apenas, o funereo grasnar de sua ave símbolo, para ilustrar uma ou outra crônica ou ainda um suspirado soneto.

Em nenhum outro país do mundo chegou-se ao pleno imperio da técnica como nos Estados-Unidos. Talvez em qualquer outra parte a máquina não tenha dominado em todos os setores da vida, esmagando o homem, como nêsse gigantesco país. De tudo isto o nosso povo tem apenas um conhecimento superficial, quando não uma simples suposição.

As grandes virtudes e os não menores defeitos da cultura americana, são ignorados pela nossa

gente. Jamais se poderá compreender ou explicar o episódio dos pioneiros, o desbravamento do extremo oeste, os preconceitos de côr, o ciclo do ouro na Califórnia, o ciclo do petróleo e sobretudo essa unidade que muitos sociólogos têm chamado **milagre americano**, dêse que nos limitemos a admirar no "Movietone" o simpático sorriso do Presidente Delano Roosevelt, a oratória nervosa do honorable Cordell Hull, ou ainda o perfil de capripede de Mr. Henry Ford. Cabe aos nossos intelectuais o dever de um profundo conhecimento da realidade americana, para que possam exercer honestamente a missão de nortear o nosso povo para essa aproximação preconizada como uma das necessidades do momento atual. É essa realidade



Senhorita Maria Amelia Tavares, graciosa filha do sr. Gerson Tavares, atualmente em Sta. Catarina, em companhia de seu ilustre irmão tenente-engenheiro-militar Gerson de Sá Tavares

VAMOS LÊR ÊSSES AMERICANOS

— ERASMO DIAS —

Vivemos, presentemente, o momento de maior aproximação com os Estados-Unidos, que a nossa história registra.

Mr. Caffery, embaixador de Washington junto ao nosso governo, declarou mesmo recentemente, em New-York, que nunca fôram melhores as relações entre os dois países. Dêsse fâto surge a necessidade de existir, antes de tudo, um perfeito conhecimento recíproco a fim de que se estabeleça entre as duas republicas, um intercambio completo, atingindo cultura, politica e econômica. Uma das bases para o estabelecimento dêsse intercambio, está a cargo dos intelectuais de lá e de cá, e se deve assentar sôbre o estudo e a divulgação das duas literaturas, produtos de culturas diferentes, cujo único e fraco traço de aproximação seja talvez o fatôr continental.

No que tóca ao Maranhão, esta tarefa que os nossos intelectuais deveriam encarar com a responsabilidade do momento que passa, resume-se numa exaltação lírica das coisas americanas, que aqui nos fôram divulgadas pelos celuloides que nos vieram de Hollywood, ao par de uma santa ignorância pelo que são cultura e civilização, na grande republica do norte.

Fâto dolorosissimo, mas, fácil de constatar, é que, em nossa terra com exceção talvez de três intelectuais, os nossos escritores conhecem de literatura americana sómente aquela celebradissima tradução do "Côrvo" de Edgard Allan Poe, feita pelo velho Machado de Assis e que, digamos de passagem, fica muito a dever á do sr. Gondim da Fonseca. Decorridos nada menos do que noventa e dois anos de morte do grande poeta do lusco-fusco e do horror, a sua obra continúa para nós desconhecida, servindo, apenas, o funereo grasnar de sua ave símbolo, para ilustrar uma ou outra crônicueta ou ainda um suspirado soneto.

Em nenhum outro país do mundo chegou-se ao pleno imperio da técnica como nos Estados-Unidos. Talvés em qualquer outra parte a máquina não tenha dominado em todos os setôres da vida, esmagando o homem, como nêsse gigantesco país. De tudo isto o nosso povo tem apenas um conhecimento superficial, quando não uma simples suposição.

As grandes virtudes e os não menores defeitos da cultura americana, são ignorados pela nossa

gente. Jamais se poderá compreender ou explicar o episódio dos pioneiros, o desbravamento do extremo oeste, os preconceitos de côr, o ciclo do ouro na California, o ciclo do petróleo e sobretudo essa unidade que muitos sociólogos têm chamado **milagre americano**, dêse que nos limitemos a admirar no "Movietone" o simpático sorriso do Presidente Delano Roosevelt, a oratória nervosa do honorable Cordell Hull, ou ainda o perfil de capripede de Mr. Henry Ford. Cabe aos nossos intelectuais o dever de um profundo conhecimento da realidade americana, para que possam exercer honestamente a missão de nortear o nosso povo para essa aproximação preconizada como uma das necessidades do momento atual. E essa realidade



Senhorita Maria Amelia Tavares, graciosa filha do sr. Gerson Tavares, atualmente em Sta. Catarina, em companhia de seu ilustre irmão tenente-engenheiro-militar Gerson de Sá Tavares



Uma pitoresca fotografia da linda igreja de São Benedito, em Terezina, vendo-se no alto asas triunfantes de um avião

se acha documentada numa literatura rica e expressiva que se impõe á admiração de todo mundo civilizado. Não poderíamos continuar a falar em Norte América, sem conhecermos Emerson, ignorando Walt Whitman — um dos cinco maiores poetas do continente, desconhecendo Berchel-Stowe a escritora que imortalizou a tragédia do negro estadunidense; Jack London, Upton Sinclair (o grande Upton de 100%); Sinclair Lewis (lembram-se de Ana Vickers no cinema?) Dos Passos, o discutido John de "The Big Money", cuja técnica constituiu uma revolução no romance; Dreiser, o grande realista de "Tragédia Americana", Sherwood Anderson que a critica alemã equiparou a Knut Hamsum e que desapareceu em março ultimo; Wilder; Steinbeck, o autor de Homens e Ratos (viram Carícia Fatal no cinema?) e Vinhas da Ira obras de profunda realidade e acentuado sentido humano; Eugene O'Neil, esse revolucionário do teatro contemporânea; Ernest Hemingway o **enfant-terrible** da literatura americana, como o classificaram os burguesísimos e saudosos críticos franceses. Isto

se quizermos fazer abstração de Michael Gold, o terrível Michæl de "Judeus sem Dinheiro" e Pearl Buck, a escritora que nos revelou o espirito novo da China, o-que se torna impossível, apesar de todos os pesares...

Um dos grandes males de que nós brasileiros nos temos resentido, tem sido a monoatividade que caracteriza a nossa vida em todos os setôres: desde a agricultura até a literatura. Tivemos um século de cultura de cana de assucar e de classissimo português; outro de cultura de café e de literatura francesa. Os nossos escritores são riquíssimos de Eça, Ramalho, Camilo, Castilho, Frei Luiz de Souza, Vieira Bernardes, Zola, Anatole, Bazac, Flaubert, Hugo, mas são pauperrimos de conhecimentos sobre as literaturas de língua inglesa, alemã, italiana e até espanhola.

Estamos em pleno período de grandes realizações para a nossa raça. Urge reagir contra os defeitos que têm prejudicado a nossa cultura. O povo aí está querendo saber como são a vida e a organização da grande Democracia do norte. E' preciso dizer á nossa gente o que devemos aprender com os nossos amigos e, ao mesmo tempo, o que temos de melhor do que eles...

Para isso só ha um caminho, que interessa, principalmente aos intellectuais moços — vamos ler êsses americanos.



Prefeitura de Coêlho Neto, em dois aspectos oferecidos especialmente para ATHENAS



Uma pitoresca fotografia da linda igreja de São Benedito, em Terezina, vendo-se no alto asas triunfantes de um avião

se acha documentada numa literatura rica e expressiva que se impõe á admiração de todo mundo civilizado. Não poderíamos continuar a falar em Norte América, sem conhecermos Emerson, ignorando Walt Whitman — um dos cinco maiores poetas do continente, desconhecendo Berchel-Stowe a escritora que imortalizou a tragédia do negro estadunidense; Jack London, Upton Sinclair (o grande Upton de 100%); Sinclair Lewis (lembram-se de Ana Vickers no cinema?) Dos Passos, o discutido John de "The Big Money", cuja técnica constituiu uma revolução no romance; Dreiser, o grande realista de "Tragédia Americana", Sherwood Anderson que a critica alemã equiparou a Knut Hamsum e que desapareceu em março ultimo; Wilder; Steinbeck, o autor de Homens e Ratos (viram Carícia Fatal no cinema?) e Vinhas da Ira obras de profunda realidade e acentuado sentido humano; Eugene O'Neil, êsse revolucionário do teatro contemporânea; Ernest Hemingway o **enfant-terrible** da literatura americana, como o classificaram os burguesísimos e saudosos críticos franceses. Isto

se quizermos fazer abstração de Michael Gold, o terrível Michæl de "Judeus sem Dinheiro" e Pearl Buck, a escritora que nos revelou o espirito novo da China, o que se torna impossível, apesar de todos os pesares...

Um dos grandes males de que nós brasileiros nos temos resentido, tem sido a monoatividade que caracteriza a nossa vida em todos os setôres: desde a agricultura até a literatura. Tivemos um século de cultura de cana de assucar e de classissimo português; outro de cultura de café e de literatura francesa. Os nossos escritores são riquíssimos de Eça, Ramalho, Camilo, Castilho, Frei Luiz de Souza, Vieira Bernardes, Zola, Anatole, Bazac, Flaubert, Hugo, mas são pauperrimos de conhecimentos sobre as literaturas de língua inglesa, alemã, italiana e até espanhola.

Estamos em pleno período de grandes realizações para a nossa raça. Urge reagir contra os defeitos que têm prejudicado a nossa cultura. O povo aí está querendo saber como são a vida e a organização da grande Democracia do norte. E' preciso dizer á nossa gente o que devemos aprender com os nossos amigos e, ao mesmo tempo, o que temos de melhor do que eles...

Para isso só ha um caminho, que interessa, principalmente aos intellectuais moços — vamos lêr êsses americanos.



Prefeitura de Coêlho Neto, em dois aspectos oferecidos especialmente para ATHENAS

DE ASAS FECHADAS...

Padre JOAQUIM DOURADO

Subia do calçamento da grande praça do Liceu Cearense a ardência sufocante do sol da tarde. Faiscavam as pedras imbutidas no chão, escaldando a atmosfera.

Bati á porta do "bungalow" vizinho ao Corpo de Bombeiros Trepadeiras, derramando-se pelas árvores, tentaram amenizar os ardores que vinham do céu ou subiam da terra.

Entreí, o coração ansioso da grande surpresa.

—Quería falar com o Padre Antonio Tomaz.

—Obsequio de entrar. Ele está na casa que o senhor vê lá, no fim...

E a distinta senhora apontou-me um pequeno pavilhão, ao fundo, após o piso de cimento que separa as duas casas.

Sentado numa cadeira de palhinha, um pijame desbotado a lhe cobrir o corpo miúdo e emagrecido, o grande poeta aspirava o ar puro que descia das árvores vizinhas.

Saudei-o numa reverência profunda como se estivesse a cumprir um rito religioso. Ele estendeu a mão magra, e sorriu. Senti, no aperto de mão que lhe dei, a força de músculos fortes. Quasi lhe pedia perdão do mautrato.

Estava ali o homem das estrofes de ouro, dos sonetos maravilhosos, os olhos machucados ainda cheios de luz.

A fronte, baixando sobre as linhas do rosto, revelava o cérebro poderoso onde ainda as idéias faiscavam como chispas. Em todo ele, porém, se descobria a lentidão das cousas que chegam a seu fim. Parecia descansar de um trabalho que lhe dera horas de grandes canseiras.

—Tenho passado noites cheias de dores horripáveis! Noites quasi eternas! Estou a purificar o que é preciso purificar. O médico prometeu curar-me... Não sei... Desejaria ainda viver mais tempo. Mas, a minha vontade não tem vontade...

Arrisquei uma palavra de conforto:

—Não ha dívidas no coração de quem se consagrou por tanto tempo á consolação dos aflitos.

Estará sofrendo, talvez, pelos pecadores; pelo mundo que se move aqui a dois passos; pelos obstinados; pelos que recusam os convites do céu.

Ele sorriu, agradecendo.

Era meu propósito ouvir a historia da sua alma

nos seus dias de grandes tormentos. Escutar-lhe os poemas desconhecidos. Saborear, caídos de sua bôca, os versos que já correram mundo, — frutos que enfeitam a mēsa do rico e a esteira do pobre.

—Não tem feito versos? Soube que já feriu o seu "canto de cisne"...

—Passou o tempo de cantar. Chegou a hora de sofrer. Essa mania, de que tanto falam os que me estimam, apareceu-me na infancia: nasceu com ela. Hoje, só uma cousa me preocupa: o ajuste de contas!...

Um suspiro lhe veio do coração como numa rima feliz á sombra que se lhe via no rosto...

—Quer dizer que o pássaro deixou de cantar. Não cortou mais os céus... Teme-se das alfúras...

—Isto mesmo...

E encolheu-se, como se estivesse de asas fechadas, sem mais poder abri-las.

Perto, no outro quintal, a fronde volamosa de velha mangueira estendia, para o nosso rumo, um dos seus braços folhudos. Nêle, piavam pássaros implumes.

Abracei o feixe de ossos recurvos, que foi o senhor dos ritmos milagrosos, e saí. Fóra cantavam-me, dentro da alma com estridência metálica, um dos ultimos cantos do grande "príncipe", que eu considero o canto de sua velhice:

Quando partimos no verdor dos anos
Da vida, pela estrada florescente,
As esperanças vão conosco, á frente,
E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo e cantando, céleres e ufanos,
Vamos marchando descuidadosamente
E eis que chega a velhice, de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos.

Só, então, enxergamos claramente
Como a existência é rápida e falaz
E vemos que sucede exatamente

O contrário dos tempos de rapaz:
Os desenaganos vão conosco, á frente,
E as esperanças vão ficando atrás.

Vargem Grande, julho de 1941

DE ASAS FECHADAS...

Padre JOAQUIM DOURADO

Subia do calçamento da grande praça do Liceu Cearense a ardência sufocante do sol da tarde. Faiscavam as pedras imbutidas no chão, escaldando a atmosfera.

Bati á porta do "bungalow" vizinho ao Corpo de Bombeiros Trepadeiras, derramando-se pelas árvores, tentaram amenizar os ardores que vinham do céu ou subiam da terra.

Entrei, o coração ansioso da grande surpresa.

—Quería falar com o Padre Antonio Tomaz.

—Obsequio de entrar. Ele está na casa que o senhor vê lá, no fim...

E a distinta senhora apontou-me um pequeno pavilhão, ao fundo, após o piso de cimento que separa as duas casas.

Sentado numa cadeira de palhinha, um pijame desbotado a lhe cobrir o corpo miúdo e emagrecido, o grande poeta aspirava o ar puro que descia das árvores vizinhas.

Saudei-o numa reverência profunda como se estivesse a cumprir um rito religioso. Ele estendeu a mão magra, e sorriu. Sentiu, no aperto de mão que lhe dei, a força de músculos fortes. Quasi lhe pedia perdão do mautrato.

Estava ali o homem das estrofes de ouro, dos sonetos maravilhosos, os olhos machucados ainda cheios de luz.

A fronte, baixando sobre as linhas do rosto, revelava o cérebro poderoso onde ainda as idéias faiscavam como chispas. Em todo ele, porém, se descobria a lentidão das cousas que chegam a seu fim. Parecia descansar de um trabalho que lhe dera horas de grandes canseiras.

—Tenho passado noites cheias de dores horripáveis! Noites quasi eternas! Estou a purificar o que é preciso purificar. O médico prometeu curar-me... Não sei... Desejaria ainda viver mais tempo. Mas, a minha vontade não tem vontade...

Arrisquei uma palavra de conforto:

—Não ha dívidas no coração de quem se consagrou por tanto tempo á consolação dos aflitos.

Estará sofrendo, talvez, pelos pecadores; pelo mundo que se move aqui a dois passos; pelos obstinados; pelos que recusam os convites do céu.

Ele sorriu, agradecendo.

Era meu propósito ouvir a historia da sua alma

nos seus dias de grandes tormentos. Escutar-lhe os poemas desconhecidos. Saborear, caídos de sua bôca, os versos que já correram mundo, — frutos que enfeitam a mēsa do rico e a esteira do pobre.

—Não tem feito versos? Soube que já feriu o seu "canto de cisne"...

—Passou o tempo de cantar. Chegou a hora de sofrer. Essa mania, de que tanto falam os que me estimam, apareceu-me na infancia: nasceu com ela. Hoje, só uma cousa me preocupa: o ajuste de contas!...

Um suspiro lhe veio do coração como numa rima feliz á sombra que se lhe via no rosto...

—Quer dizer que o pássaro deixou de cantar. Não cortou mais os céus... Teme-se das alturas...

—Isto mesmo...

E encolheu-se, como se estivesse de asas fechadas, sem mais poder abri-las.

Perto, no outro quintal, a fronde volamosa de velha mangueira estendia, para o nosso rumo, um dos seus braços folhudos. Nêle, piavam pássaros implumes.

Abracei o feixe de ossos recurvos, que foi o senhor dos ritmos milagrosos, e saí. Fóra cantavam-me, dentro da alma com estridência metálica, um dos ultimos cantos do grande "príncipe", que eu considero o canto de sua velhice:

Quando partimos no verdor dos anos
Da vida, pela estrada florescente,
As esperanças vão conosco, á frente,
E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo e cantando, céleres e ufanos,
Vamos marchando descuidadosamente
E eis que chega a velhice, de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos.

Só, então, enxergamos claramente
Como a existência é rápida e falaz
E vemos que sucede exatamente

O contrário dos tempos de rapaz:
Os desenaganos vão conosco, á frente,
E as esperanças vão ficando atrás.

Vargem Grande, julho de 1941

POESIA HAIKAI

Do Dai — Nipon longinquo, onde as cerejeiras florescem em torno das casas de chá e das casas de amor das geishas de olhos amendoados e quimonos multicôres, a poesia atingiu a mais requintada forma e a mais alta expressão simbólica. Para a estética niponica, a poesia é alguma coisa como as suas porcelanas, os seus bambús e os seus crisantemos: forma, ritmo, e graça. As composições dos poetas desse país encantado, onde os raios do sol nacente se refletem nas neves do

Fuji-Yama, são perfeitas sínteses em que todo um mundo de beleza não excede das trinta e uma sílabas dos "tanks" ou das três linhas do "haiko". E' dessa forma de poesia, sem dúvida a mais delicada de todos os tempos, que hoje damos uma mostra aos nossos leitores, na página que se segue. Aí figuram quatro dessas joias, duas de autoria de Bashô — o príncipe da poesia haikai, — e duas de Yorikito.

(O motivo ornamental da página é de Saraiva).



POESIA HAIKAI

Do Dai — Nipon longinquo, onde as cerejeiras florescem em tórno das casas de chá e das casas de amor das geishas de olhos amendoados e quimonos multicóres, a poesia atingiu a mais requintada fôrma e a mais alta expressão simbólica. Para a estética niponica, a poesia é alguma coisa como as suas porcelanas, os seus bambús e os seus crisantemos: fôrma, ritmo, e graça. As composições dos poetas dêsse país encantado, onde os raios do sol nacente se refletem nas neves do

Fuji-Yama, são perfeitas sínteses em que todo um mundo de belêza não excede das trinta e uma sílabas dos "tanks" ou das três linhas do "haiko". E' dessa fôrma de poesia, sem dúvida a mais delicada de todos os tempos, que hoje damos uma mostra aos nossos leitores, na página que se segue. Aí figuram quatro dessas joias, duas de autoria de Bashô — o príncipe da poesia haikai, — e duas de Yorikito.

(O motivo ornamental da página é de Saraiva).



DE STECCHETTI

Lourenzo Stecchetti, o grande lírico de "Póstumas", como nenhum outro poeta possui o dom de impressionar as sensibílidades requintadas. Quem por aí não se lembra do seu verso de ouro, "Fui feliz um dia e basta"? Traduzi-lo constitue obra difícil e requer um temperamento gemo do seu.

Nesta página publicamos três traduções do seu famoso poema "Quando cadran le foglie" juntamente com o original do mesmo. Deixemos aos nossos leitores o privilegio de escolher entre as três uma para a sua predileção.

Quando cadran le foglie e tu verrai
A cercar la mais croce in camposanto,
In un cantuccio la ritröverai
E molti fior le saran nati acanto.

Cogli allora pé tuoi biondi capelli
I fiori nati dal mio cor. Son quelli

I canti che pensai ma che non serissi
Le parole d'amor che non ti dissi.

Quando as fôlhas caírem e tú fôres
Visitar minha pobre sepultura,
Hás de encontrá-la numa sombra obscura.
Mas cercada de flôres e mais flôres.

Nos teus cabelos de ouro põe, então,
As flôres vindas do meu coração!

São versos que pensei sem escrever.
Frases de amor que não ousei dizer...

(de Guilherme de Almeida)

Quando as fôlhas caírem e tú fôres
Precurar minha cruz no campo santo,
Hás de encontrá-la em lôbreco recanto,
Mas circundada de formosas flôres.

Colhe-as — pois que ainda brotam da meiguice
do peito meu — e enfeita teus cabelos...
...São os poemas que ideei, sem escrevê-los,
As palavras de amor que não te disse.

(tradução literal)

Quando eu entrar as portas misteriosas
Da morte — ninho exul dos desgraçados —
De minha pobre mãe as mãos piedosas
Hão de fechar meus olhos fatigados.

E quando um dia, fôres aos Finados
Verás numa das ruas silenciosas,
O meu, entre outros túmulos calados,
Recoberto de musgos e de rosas.

Colhe essas rosas! E entre mil desvelos,
Tira uma apenas da opulenta mêsse,
E coloca-a a sorrir nos teus cabêlos.

Que essas flôres te falem com meiguice!
—São versos que sonhei sem que escrevesse,
—São palavras de amor que eu não te disse!

(de Danton Vampré)

DE STECCHETTI

Lourenzo Stecchetti, o grande lírico de "Póstumas", como nenhum outro poeta possui o dom de impressionar as sensibiidades requintadas. Quem por aí não se lembra do seu verso de ouro, "Fui feliz um dia e basta"? Traduzi-lo constitue obra difícil e requer um temperamento gemo do seu.

Nesta página publicamos três traduções do seu famoso poema "Quando cadran le foglie" juntamente com o original do mesmo. Deixemos aos nossos leitores o privilegio de escolher entre as três uma para a sua predileção.

Quando cadran le foglie e tu verrai
A cercar la mais croce in camposanto,
In un cantuccio la ritröverai
E molti fior le saran nati acanto.

Cogli allora pé tuoi biondi capelli
I fiori nati dal mio cor. Son quelli

I canti che pensai ma che non serissi
Le parole d'amor che non ti dissi.

Quando as fôlhas caírem e tú fôres
Visitar minha pobre sepultura,
Hás de encontrá-la numa sombra obscura.
Mas cercada de flôres e mais flôres.

Nos teus cabelos de ouro pôe, então,
As flôres vindas do meu coração!

São versos que pensei sem escrever,
Frases de amor que não ousei dizer...

(de Guilherme de Almeida)

Quando as fôlhas caírem e tú fôres
Precurar minha cruz no campo santo,
Hás de encontrá-la em lôbreco recanto,
Mas circundada de formosas flôres.

Colhe-as — pois que ainda brotam da meiguice
do peito meu — e enfeita teus cabelos...
...São os poemas que ideeí, sem escrevê-los,
As palavras de amor que não te disse.

(tradução literal)

Quando eu entrar as portas misteriosas
Da morte — ninho exul dos desgraçados —
De minha pobre mãe as mãos piedosas
Hão de fechar meus olhos fatigados.

E quando um dia, fôres aos Finados
Verás numa das ruas silenciosas,
O meu, entre outros túmulos calados,
Recoberto de musgos e de rosas.

Colhe essas rosas! E entre mil desvelos,
Tira uma apenas da opulenta mêsse,
E coloca-a a sorrir nos teus cabêlos.

Que essas flôres te falem com meiguice!
—São versos que sonhei sem que escrevesse,
—São palavras de amor que eu não te disse!

(de Danton Vampré)

ASPECTOS d e THEREZINA

1) Alguns aspectos de Terezina, capital do vizinho Estado do Piauí, cidade-tetêa, embelezada pela ação dinâmica do prefeito Lindolfo Rego Monteiro. 2) Uma balsa, no Parnaíba, transporte simples e secular do legendário rio cantado por Da Costa e Silva.



ASPECTOS d e THEREZINA

1) Alguns aspectos de Terezina, capital do visinho Estado do Piauí, cidade-tetêa, embelezada pela ação dinâmica do prefeito Lindolfo Rego Monteiro. 2) Uma balsa, no Parnaíba, transporte simples e secular do legendário rio cantado por Da Costa e Silva.



TRECHO DA PARCERIA RIO BRANCO

THEREZINA (PIAUI)



AVENIDA "ANTONIO FREIRE" E TRECHO DA PARCERIA "PIAUI II" - THEREZINA (PIAUI)





A esposa de um guerreiro está sentada perto de sua janela;
 O coração pesado, borda uma rosa branca sobre uma almofada de seda.
 Ela feriu o dedo. Seu sangue corre sobre a rosa branca que se torna uma rosa vermelha.
 Seu pensamento vai encontrar seu bem-amado que está na guerra onde talvez o sangue tenha co-
 nhecido a neve

Percibe o galopar de um cavalo. Seu bem-amado terá regressado, enfim?
 E quando seu coração bate a grandes impulsos dentro de seu peito...
 Ela inclina-se mais sobre a almofada
 a borda de prata suas lágrimas, que circundam a rosa vermelha





A esposa de um guerreiro está sentada perto de sua janela:
 O coração pesado, horda uma rosa branca sobre uma almofada de seda.
 Ela feriu o dedo. Seu sangue corre sobre a rosa branca que se torna uma rosa vermelha.
 Seu pensamento vai encontrar seu bem amado que está na guerra onde talvez o sangue tenha co-
 orido a neve

Percebe o galopar de um cavalo. Seu bem-amado terá regressado, enfim?
 E quando seu coração bate a grandes impulsos dentro de seu peito...
 Ela inclina-se mais sobre a almofada
 a horda de prata suas lágrimas, que circundam a rosa vermelha.



LI-TAI-PO

A poesia nos vein do Oriente, acompanhando a marcha triunfal do sol e as migrações que nos trouxeram a civilização.

Lá, porém, nessas terras milenarias que o astro-condor primeiro visita, ficaram as grandes fontes da poesia eterna. Li-Tai-Pó, o grande poeta chinês que viveu de 702 a 763, é consagrado como o maior lírico de todos os tempos. Ele cantou o vinho, o prazer, as belas mulheres, as águas do Rio Azul, os mistérios dos dragões, o sussurro dos bambús e morreu um dia, completamente embriagado, com o seu pulcrao de vinho erguido num

brinde á luz, quando o sol despontava. Os que o amaram criaram a lenda de que ele havia sido roubado pelos deuses, para os deleitar com as suas canções nas regiões da imortalidade. A sua poesia atravessou o tempo e chegou até nós, com a mesma pujança do seu gênio creador. O "Navio de Flôres" e a "Rosa Vermelha" são as mais famosas composições de Li-Tai-Po. Na página seguinte, publicamos uma tradução da ultima delas, feita por Cesar Borba, sobre a coletanea de Tous-saint, La flaute de jade. O belo motivo ornamental é de SALVIO.

UM INEDITO DE

SEBASTIÃO CORRÊA

(Fragmento de uma novela)

Escuta ! E' o vento !...

Ruge traiçoeiro e sombrio, ameaçando as altíssimas tôres e as arvores que sacudidas violentamente, as fôlhas soltam pelo ar escurecido...

Na feroz conquista da Natureza de súbito batida, parece o vento galopar — furioso monstro — através dos clamores que se erguem da treva como súplicas de paz...

Escuta !... Impetuoso o mar, esbravejando, impávido, proclama a grandeza no máximo da sua cólera implacável; e a branca penedra, na sua resignação tristíssima de predestinada — alvo das brutas ondas ferozes — indiferentemente, a face negra oferece ao osculo insano do insaciado gigante que, bem alto, procura sacudir a espuma de raiva hedionda que o seio lhe revolve.

Ouves ? Ao longe ribomba horrído o trovão ! Ha coriscos riscando as nuvens densas; enegrecidas, e danças macábras pela atmosfera lúgubre, e na floresta os cedros centenários, impelidos por uma força misteriosa, inclinam-se ruidosos ou tombam fragorosamente, partindo, esfacelando as pequeninas árvores.

Tremes ? Meu amôr ha de passar a tempestade ! Chega-te ao meu coração !

Lá fóra estruge, brame e avança a tempestade atroz ! Enrurecido, o mar é como o enjaulado animal, que a juba eriça, e um colossal bramido solta quando a sua ira desperta...

No delírio do pavor, assombrada a floresta, ao tufão impreca, soturnamente, tal como uma alma que, sedenta de pacíficos silêncios, se ergue numa prece e em cheio recebe a vergastada subida do raio e as blasfêmias da surda trovoadas...

—A Natureza geme !... Escuta !

Tremes ? Meu amôr, ha de passar a tempestade ! Chega-te ao meu coração !

Húmidos de prantos, os olhos ergue — transfigurada e dôcemente reza Heloisa, e lá fóra, impetuosa brame, estruge a tempestade...

Constitue tola presunção desdenhar e condenar como falso o que não nos parece verossimil.

Montaigne.

LI-TAI-PO

A poesia nos vein do Oriente, acompanhando a marcha triunfal do sol e as migrações que nos trouxeram a civilização.

Lá, porém, nessas terras milenarias que o astro-condor primeiro visita, ficaram as grandes fontes da poesia eterna. Li-Tai-Pó, o grande poeta chinês que viveu de 702 a 763, é consagrado como o maior lírico de todos os tempos. Ele cantou o vinho, o prazer, as belas mulheres, as águas do Rio Azul, os mistérios dos dragões, o sussurro dos bambús e morreu um dia, completamente embriagado, com o seu pulcero de vinho erguido num

brinde á luz, quando o sol despontava. Os que o amaram criaram a lenda de que ele havia sido roubado pelos deuses, para os deleitar com as suas canções nas regiões da imortalidade. A sua poesia atravessou o tempo e chegou até nós, com a mesma pujança do seu gênio creador. O "Navio de Flôres" e a "Rosa Vermelha" são as mais famosas composições de Li-Tai-Po. Na página seguinte, publicamos uma tradução da ultima delas, feita por Cesar Borba, sobre a coletanea de Tous-saint, La flaute de jade. O belo motivo ornamental é de SALVIO.

UM INEDITO DE

SEBASTIÃO CORRÊA

(Fragmento de uma novela)

Escuta ! E' o vento !...

Ruge traiçoeiro e sombrio, ameaçando as altíssimas tôres e as arvores que sacudidas violentamente, as fôlhas soltam pelo ar escurecido...

Na feroz conquista da Natureza de súbito batida, parece o vento galopar — furioso monstro — através dos clamores que se erguem da treva como súplicas de paz...

Escuta !... Impetuoso o mar, esbravejando, impávido, proclama a grandeza no máximo da sua cólera implacável; e a branca penedra, na sua resignação tristíssima de predestinada — alvo das brutas ondas ferozes — indiferentemente, a face negra oferece ao osculo insano do insaciado gigante que, bem alto, procura sacudir a espuma de raiva hedionda que o seio lhe revolve.

Ouves ? Ao longe ribomba horrído o trovão ! Ha coriscos riscando as nuvens densas; enegrecidas, e danças macábras pela atmosfera lúgubre, e na floresta os cedros centenários, impelidos por uma força misteriosa, inclinam-se ruidosos ou tombam fragorosamente, partindo, esfacelando as pequeninas árvores.

Tremes ? Meu amôr ha de passar a tempestade ! Chega-te ao meu coração !

Lá fóra estruge, breme e avança a tempestade atroz ! Enrurecido, o mar é como o enjaulado animal, que a juba eriça, e um colossal bramido solta quando a sua ira desperta...

No delírio do pavor, assombrada a floresta, ao tufão impreca, soturnamente, tal como uma alma que, sedenta de pacíficos silêncios, se ergue numa prece e em cheio recebe a vergastada subida do raio e as blasfêmias da surda trovoadas...

—A Natureza geme !... Escuta !

Tremes ? Meu amôr, ha de passar a tempestade ! Chega-te ao meu coração !

Húmidos de prantos, os olhos ergue — transfigurada e dôcemente reza Heloisa, e lá fóra, impetuosa breme, estruge a tempestade...

Constitue tola presunção desdenhar e condenar como falso o que não nos parece verossímil.
Montaigne.

O AVIÃO

Ao talentoso jornalista e professor
Nascimento Moraes, um dos brôn-
zes vivos da Atenas Brasileira.

“Sólta as ázas aos céus, meu pássaro gigante!
Nave das amplidões, barco do Firmamento!
—Disse um dia Dumont — move os muse'los
de Atlante!

Arte, ciência, luz, leva, talhando o vênho,

A's nações, e ao Brasil, um abraço estuante
De Glória! Vai levando, — oh! luz! — qual
pensamento!...

Nessas ázas de prata, em teu bôjo ofegante,
Beijos de paz ao Mundo, estímulo ao Talento!”

E o Gênio se elevou nas ázas do Infinito!...

Agora assiste em pranto o furôr inaudito.

Do pérfido petárdo! a chacina sem norte!!!

—Roubára o engenho seu, o instinto belico —
E impréca: “Eras na paz, o meu batél glorioso!
Na guerra eu te maldigo: — oh! pássaro da
morte!”

Maranhão S. Berte 1-6-41

C. PORCIUNCULA DE MORAIS

a/direção de Roy Del Ruth e com um elenco nos
quais figuram proeminentemente Joan Blondell,
Roland Young, Carole Landis, Billie Burke, Den-
nis O'Keefe, Warner e Eddie (Rochester) An-
derson.

Atravessando a vida, sendo designado por
umas tantas iniciais em vez de um nome de ba-
tismo, tem sido, às vezes, embaraçoso para o ator.
Tem havido ocasiões, mencionou êle, em que lhe
têm pedido que diga o seu nome completo; e
êle tem tido dificuldade em se lembrar dêle!

“E' um pouco embaraçoso ter que estar cons-
tantemente provando que uma pessoa não está
“personificando” a si mesma”, disse Warner.

“Mas também há conveniências em atravess-
sar a vida com um prefixo alfabético; “HB” faz-
me pensar que sou uma instituição, e, nestes tem-
pos, a idéia de “permanência” é bastante con-
fortável”.



1) Leocadia, um exemplar alegre da juventude in-
dígena da aldeia Colmeia, filha do capitão Silvano
Velho, chefe da taba. 2) um grupo, vendo-se o
professor Felipe e sua família. 3) Trecho ilumina-
do do Rio Mearim, no lugar denominado Demora

O AVIÃO

Ao talentoso jornalista e professor
Nascimento Moraes, um dos brôn-
zes vivos da Atenas Brasileira.

“Sólta as ázas aos céus, meu pássaro gigante!
Nave das amplidões, barco do Firmamento!
—Disse um dia Dumont — move os muse'los
de Atlante!

Arte, ciência, luz, leva, talhando o vênto,

A's nações, e ao Brasil, um abraço estuante
De Glória! Vai levando, — oh! Luz! — qual
pensamento!...

Nessas ázas de prata, em teu bôjo ofegante,
Beijos de paz ao Mundo, estímulo ao Talento!”

E o Gênio se elevou nas ázas do Infinito!...

.....
Agora assiste em pranto o furôr inaudito.

Do pérfido petárdo! a chacina sem norte!!!

—Roubára o engenho seu, o instinto belico —
E impréca: “Eras na paz, o meu batél glorioso!
Na guerra eu te maldigo: — oh! pássaro da
morte!”

Maranhão S. Berte 1-6-41

C. PORCIUNCULA DE MORAIS

a/direção de Roy Del Ruth e com um elenco nos
quais figuram proeminentemente Joan Blondell,
Roland Young, Carole Landis, Billie Burke, Den-
nis O'Keefe, Warner e Eddie (Rochester) An-
derson.

Atravessando a vida, sendo designado por
umas tantas iniciais em vez de um nome de ba-
tismo, tem sido, às vezes, embaraçoso para o ator-
Tem havido ocasiões, mencionou êle, em que lhe
têm pedido que diga o seu nome completo; e
êle tem tido dificuldade em se lembrar dêle!

“E' um pouco embaraçoso ter que estar cons-
tantemente provando que uma pessoa não está
“personificando” a si mesma”, disse Warner.

“Mas também há conveniências em atravess-
sar a vida com um prefixo alfabético; “HB” faz-
me pensar que sou uma instituição, e, nestes tem-
pos, a idéia de “permanência” é bastante con-
fortável”.



1) Leocadia, um exemplar alegre da juventude in-
dígena da aldeia Colmeia, filha do capitão Silvano
Velho, chefe da taba. 2) um grupo, vendo-se o
professor Felipe e sua família. 3) Trecho ilumina-
do do Rio Mearim, no lugar denominado Demora

Educando o índio maranhense



O prefeito de Barra do Corda, sr. Joaquim Milhomem é um forte elemento civilizador. Aqui vemos, no presente "cliché" alguns aspectos tomados na Aldeia de S. Pedro, colônia de índios mansos, em Barra do Corda. Os alunos do "Escola José Ponifácio" dirigida pelo professor Felipe Bone de Sousa em exercícios de ginástica e marche-marches militares ao som da tambora por eles mesmos fabricadas.

Educando o índio maranhense



O prefeito de Barra do Corda, sr. Joaquim Milhomem é um forte elemento civilizador. Aqui vemos, no presente "cliché" alguns aspectos tomados na Aldeia de S. Pedro, colônia de índios mansos, em Barra do Corda. Os alunos do "Escola José Penifácio" dirigida pelo professor Felipe Bone de Sousa em exercícios de ginástica e marche-marches militares ao som de tambores por eles mesmos fabricados.

VELHO SIBÁ

B. VASCONCELOS

(Da Academia Maranhense de Letras)

Velho Sibá não vai mais à roça... Passam de oitenta os janeiros que lhe sulcam a pele queimada e lhe polvilham os cabelos de cinzas brancas. Quantas derrubadas de matas com os seus braços fortes, enrijados ao sol no amanho anual daquelas terras em redor! Os azeiros contra o fogo das queimadas, em seguida... As semeaduras e as colheitas... As farinhadas festivas... Os bons e os más dias de trabalhos e desditas, de prazeres da carne, de torturas do espírito, de esforços e de lutas com alternativas de vantagens e danos, sem remédio! Antes que reponte o sol, ali o tem sentado naquele tóco de gameleira que ele ainda puzera abaixo há uns dez anos, quem sabe lá!?

Ali o topa...

Ali o deixa...

Debulhando uma espiga de milho para a criação... Tecendo um abano... Torcendo embiras para cordas... Que póde ele ainda fazer?

Mas, o tronco nú e as pelangas em dobras, as calças de remendos e remendos, nunca de mãos atoa. Até parece que velho Sibá se envergonharia de que os seus, voltando do roçado, o surpreendessem em casa **maginando** ou dormindo, sem ao menos vigiar as cousas da palhoça, onde com ele ficaram sempre os dois fedelhos, seus netos, sujos e sem roupas, flexando troiras e às correias pelo pátio.

Mesmo a mulher, velha, mas bem disposta, dá adjutório aos filhos nos plantios, na arranca da mandioca, na apanha do milho, do algodão e do carrapato. Também a Cipriana, a moça da casa, a filha solteira, de quem o impudismo anda se engraçando agora, fazendo-a tremer de irio toda boca da noite...

Todos na faina dos roçados — os filhos, as noras, os netos já taludinhos... Só ele, ele só de gente adulta não caminha mais, vergado para a terra, mãos escalavradas na enxada, na foice e no machado, o corpo picado dos espinhos das veredas!

Ele, só ele!

A espera, todos os dias, daquela gente, para comer e deitar-se...

Enquanto isso, entrelaça as pinóbas de um côco, debulha milho, vigia as crianças...

Os olhos mortos não ajudam de perto e de tão das mãos faz vista para aqueles labôres. Ao longe, sim, vê bem. E está sempre a olhar para longe...

Os dedos leves da Noite por aí não tardam a bordar de estrelas o manto, que há-de cobrir a Natureza adormecida.

Cuida que a sua gente está tardando.

Ah! São eles que chegam, na certa, fazendo a volta da estrada!

O Pedrinho... é mesmo melancia o que ele carrega ao ombro?

A Cipriana, coitada, já estará sentindo os tremores da maleita! Cabrocha bonita, tal e qual a Marocas, quando com ele casou! A velha vem atrás de todos, que as pernas já lhe não são para pressas... O João, bravo rapaz, brinca com a foice



Senhorita Aldeide Lamar, aplicada quartanista do Colégio Rosa Castro

VELHO SIBÁ

B. VASCONCELOS

(Da Academia Maranhense de Letras)

Velho Sibá não vai mais à roça... Passam de oitenta os janeiros que lhe sulcam a pele queimada e lhe polvilham os cabelos de cinzas brancas. Quantas derrubadas de matas com os seus braços fortes, enrijados ao sol no amanho anual daquelas terras em redor! Os aceiros contra o fogo das queimadas, em seguida... As semeaduras e as colheitas... As farinhadas festivas... Os bons e os más dias de trabalhos e desditas, de prazeres da carne, de torturas do espírito, de esforços e de lutas com alternativas de vantagens e danos, sem remédio! Antes que reponte o sol, ali o tem sentado naquele tóco de gameleira que ele ainda puzera abaixo há uns dez anos, quem sabe lá!?

Alí o topa...

Alí o deixa...

Debulhando uma espiga de milho para a criação... Tecendo um abano... Torcendo embiras para cordas... Que póde ele ainda fazer?

Mas, o tronco nú e as pelangas em dobras, as calças de remendos e remendos, nunca de mãos atoa. Até parece que velho Sibá se envergonharia de quê os seus, voltando do roçado, o surpreendessem em casa **maginando** ou dormindo, sem ao menos vigiar as cousas da palhoça, onde com ele ficaram sempre os dois fedelhos, seus netos, sujos e sem roupas, flexando troiras e às correias pelo páteo.

Mesmo a mulher, velha, mas bem disposta, dá adjutório aos filhos nos plantios, na arranca da mandioca, na apanha do milho, do algodão e do carrapato. Também a Cipriana, a moça da casa, a filha solteira, de quem o impaludismo anda se engraçando agora, fazendo-a tremer de frio toda boca da noite...

Todos na faina dos roçados — os filhos, as noras, os netos já taludinhos... Só ele, ele só de gente adulta não caminha mais, vergado para a terra, mãos escalavradas na enxada, na foice e no machado, o corpo picado dos espinhos das veredas!

Ele, só ele!

A espera, todos os dias, daquela gente, para comer e deitar-se...

Enquanto isso, entrelaça as pinóbas de um côco, debulha milho, vigia as crianças...

Os olhos mortos não ajudam de perto e de tão das mãos faz vista para aqueles labôres. Ao longe, sim, vê bem. E está sempre a olhar para longe...

Os dedos leves da Noite por aí não tardam a bordar de estrelas o manto, que há-de cobrir a Natureza adormecida.

Cuida que a sua gente está tardando.

Ah! São eles que chegam, na certa, fazendo a volta da estrada!

O Pedrinho... é mesmo melancia o que ele carrega ao ombro?

A Cipriana, coitada, já estará sentindo os tremores da maleita! Cabrocha bonita, tal e qual a Marocas, quando com ele casou! A velha vem atrás de todos, que as pernas já lhe não são para pressas... O João, bravo rapaz, brinca com a foice



Senhorita Aldeide Lamar, aplicada quartanista do Colégio Rosa Castro

A festa do balão



Nos luxuosos salões do Lítéro-Recreativo Português, a mais linda das festas joaninas se realizou, — a festa do balão, que marcou época em S. Luiz. Damos com o presente “cliché” um aspecto do lindo sarau que esteve verdadeiramente deslumbrante

e assobia... E' êle, todinho, musculoso e trabalhador, mas folgazão... Quem puxa aos seus não degenera !

Velho Sibá assim vai acertando nas ondas curtas e longas de suas recordações... Os tempos de tanta labuta, de folgas, de perigos, de desesperos... A seca dos três oito... As inundações de 29... A alta do algodão daquele ano e festanças de verdade ! A briga com o capitão José Florencio por causa dos porcos... Os dez dias de cadeia pela surra que deu no Juca da Mundica, porque bêbedo, “tomou gosto” com a Marocas... A terça que quase o matou em 89... não fôsse o seu Antonio, boticário ! A peste do alastrim, que lhe queria levar a família toda ! O braço quebrado

no rôdêio do gado do coronel Carlos Souza... Quanta canseira, quanto reboiço, quanto desatino naquela sua vida de tantos anos !

E nêsse mexer de lembranças vindas de tão longe, velho Sibá nem deu pelos que primeiro se aproximaram.

—Bênção papai...

—Bênção, vovô Sibá !

—Bôa noite, tio Sibá !

E iam de porta a dentro do casebre, com as melancias, as achas de lenha, uma lata d'água...

Por fim, a velha Marocas, parando cansada, pondo no ombro o velho uma das mãos, perguntou-lhe pausadamente, ofegante:

—Ah ! velho, fez o abano que eu lhe pedi ?

A festa do balão



Nos luxuosos salões do Lítéro-Recreativo Português, a mais linda das festas joaninas se realizou, — a festa do balão, que marcou época em S. Luiz. Damos com o presente “cliché” um aspecto do lindo sarau que esteve verdadeiramente deslumbrante

e assobia... E' êle, todinho, musculoso e trabalhador, mas folgazão... Quem puxa aos seus não degenera !

Velho Sibá assim vai acertando nas ondas curtas e longas de suas recordações... Os tempos de tanta labuta, de folgas, de perigos, de desesperos... A seca dos três oito... As inundações de 29... A alta do algodão daquele ano e festanças de verdade ! A briga com o capitão José Florencio por causa dos porcos... Os dez dias de cadeia pela surra que deu no Juca da Mundica, porque bêbedo, “tomou gosto” com a Marocas... A terça que quase o matou em 89... não fôsse o seu Antonio, boticário ! A peste do alastrim, que lhe queria levar a família toda ! O braço quebrado

no rôdeio do gado do coronel Carlos Souza... Quanta canseira, quanto reboiço, quanto desatino naquela sua vida de tantos anos !

E nêsse mexer de lembranças vindas de tão longe, velho Sibá nem deu pelos que primeiro se aproximaram.

—Bênção papai...

—Bênção, vovô Sibá !

—Bôa noite, tio Sibá !

E iam de porta a dentro do casebre, com as melancias, as achas de lenha, uma lata d'água...

Por fim, a velha Marocas, parando cansada, pondo no ombro o velho uma das mãos, perguntou-lhe pausadamente, ofegante:

—Ah ! velho, fez o abano que eu lhe pedi ?

PASSAGEM RANCA

Um grupo de gentis senhorinhas da cidade sertaneja. 2) Crianças no dia de sua Primeira Comunhão. 3) Grupo de colegiais e pessoas gradas, em frente ao convento de N. S. da Piedade, no dia do aniversário de governo do dr. Paulo Ramos.



Velho Sibá abre a bôca, deixando á mostra uns restos de cacos de dentes e sem dizer nada, estende o abano. Ele tambem fizera qualquer coisa, um abano...

Não ia mais á roça...

O alastrim deu no povoado e não reparou nêlê...

Caíu do cavalo outro-dia e o cavalo nem sequer se espantou...

Zê Florencio estava a criar porcos de outra banda do mundo...

O Juca estava a pagar os malfeitos no Purgatório...

Velho Sibá, naquela existência parada, monótona, infecunda, por vezes se escondia como que

não querendo que achassem demais na lufalufa das tarefas ou nas risadas dos folguêdos...

Melancólico e silencioso, sabe que bem pouco de agora lhe interessa e é bem pouco interessado naqueles ermos...

Riu-se até, com escandalo de todos, quando lhe contaram da prisão do João, numa cachaçada em S. Raimundo...

—Menino vadio! foi o que soube dizer, coçando a cabeça, sem poder dissimular a vontade de rir... Bem que se lembrava das suas!

—Menino vadio! repetiu, pensativo, como se em surdina lhe cantassem aos ouvidos lembranças e saudades!

PASSAGEM RANCA

Um grupo de gentis senhorinhas da cidade sertaneja. 2) Crianças no dia de sua Primeira Comunhão. 3) Grupo de colegiais e pessoas gradas, em frente ao convento de N. S. da Piedade, no dia do aniversário de governo do dr. Paulo Ramos.



Velho Sibá abre a bôca, deixando á mostra uns restos de cacos de dentes e sem dizer nada, estende o abano. Ele tambem fizera qualquer coisa, um abano...

Não ia mais á roça...

O alastrim deu no povoado e não reparou nêlê...

Caíu do cavalo outro-dia e o cavalo nem sequer se espantou...

Zê Florencio estava a criar porcos de outra banda do mundo...

O Juca estava a pagar os malfeitos no Purgatório...

Velho Sibá, naquela existência parada, monótona, infecunda, por vezes se escondia como que

não querendo que achassem demais na lufalufa das tarefas ou nas risadas dos folguedos...

Melancólico e silencioso, sabe que bem pouco de agora lhe interessa e éle bem pouco interessava naqueles ermos...

Riu-se até, com escandalo de todos, quando lhe contaram da prisão do João, numa cachaçada em S. Raimundo...

—Menino vadio! foi o que soube dizer, coçando a cabeça, sem poder dissimular a vontade de rir... Bem que se lembrava das suas!

—Menino vadio! repetiu, pensativo, como se em surdina lhe cantassem aos ouvidos lembranças e saudades!

Galeria

Na vilazinha de Nijni Novgorod, em que êle nasceu em 1869, foi registrado com o nome simplório de Alexei, filho de Máximo Pechkoff. Dez anos depois êle era aprendiz de sapateiro. No mo-



mento em que batia nas longas tilas de sola, sentia dentro de si uma ansia de distancias não vencidas de ascensão não definida. Não seria sapateiro. Sentio-se atraído pelo desenho. A fome não consentiria porém taes requintes estéticos para o pequeno aldeão. Vieram os anos seguintes e as profissões sucessivas: 1880 — Moço de cosinha; 1883 — Padeiro; 1884 — carregador; 1885 — Empregado de pastelaria; 1886 — Corista de um mamembe de saltibancos; 1887 — Vendedor de maçãs. A vida era dura. A luta se lhe deparava ingloria e a morte seria o aniquilamento, o não-ser, a grande paz. As tilas estavam despidas de folhas e o vento andava solto naquele inverno triste de 1888, quando o jovem Alexei tentou o suicidio. Passou a crise. 1890 o viu como escrevente de advogado. O seu genio creador já exigia forma definida para os seus símbolos. Em 1892 o ferre viário Alexei Máximovitde Pechkov com o nome de Máximo Gorki com que seria amado pela humanidade, publicando o seu romance "Raskasi", ingressava na galeria dos gênios. Ele tinha apenas 23 anos...

O resto é conhecido: "Konovaloff", "Stepe", "Angustia", "Um leitor", "Vagabundos", "Thomas Gordico", "Os Orloff" e vinte livros mais

ELEGIA

EM MEMÓRIA DA CONFIDENTE

Eu queria demais a essa bôa menina.
Com a sua, foi tambem um pouco de minha alma.
E não a acompanhei! Não porque não quisesse...
Vi de longe o cortejo, occulto rumo esquina.
Tudo quanto eu pensava era em fôrma de prece.
Depois, quando, com a noite, ela ficou em calma,
na ilha de solidão que a todos apavora,
a sombra tutelar dos ciprestes silentes,
entrei no campo-santo, exaustos e pensativo...
Procurei-a, depressa, entre os mortos recentes:
eu era por ali como um fantasma vivo...
E quando dei, por fim, com a sua sepultura,
não pude acreditar que tivessem coragem
de deixar no abandono, em tão feia paragem,
a graça, a inteligência, a bondade, a ternura...

Voltei-me para o céu, num gesto desvairado,
e saiu-me da bôca, em louco desafio,
todo o meu desespero ha muito recalçado...

O éco nem respondeu, se ouviu minha insolência,
E o céu deu-me a impressão de um túmulo vazio...

Talvez houvesse em tudo a dôr da mesma ausência.

Pús-me então a dizer seu nome, com doçura,
como quem diz um verso evocando o passado,
um verso que se reza enquanto se murmura,
e foi como se alguém me houvesse consolado...

Seu espirito bom veio até mim nessa hora:
só êle me traria êsse alívio da Altura...

Não lhe levei sequer nem uma flôr singela:
só lágrimas das mais sentidas que hei chorado,
lágrimas que arranquei do coração para ela...
Para ela, a quem entrego o meu destino, agora,
como entregára, em vida, a minha desventura...

CLEOMENES CAMPOS

enriquecendo o patrimônio da cultura universal.

Para êle a luta, a prisão, a Siberia, a dença e finalmente a morte, sem que aquela inquietação e aquela ancia de distancias não vencida, e ascensão não definida, algum dia se houvessem acalmado, dentro do seu grande coração.

(O desenho da página é de J. Figueiredo).

Galeria

Na vilazinha de Nijni Novgorod, em que êle nasceu em 1869, foi registrado com o nome simplório de Alexei, filho de Máximo Pechkoff. Dez anos depois êle era aprendiz de sapateiro. No mo-



mento em que batia nas longas tiras de sola, sentia dentro de si uma ansia de distancias não vencidas de ascensão não definida. Não seria sapateiro. Sentio-se atraído pelo desenho. A fome não consentiria porém taes requintes estéticos para o pequeno aldeão. Vieram os anos seguintes e as profissões sucessivas: 1880 — Moço de cosinha; 1883 — Padeiro; 1884 — carregador; 1885 — Empregado de pastelaria; 1886 — Corista de um mamembe de saltibancos; 1887 — Vendedor de maçãs. A vida era dura. A luta se lhe deparava ingloria e a morte seria o aniquilamento, o não-ser, a grande paz. As tilias estavam despidas de folhas e o vento andava solto naquele inverno triste de 1888, quando o jovem Alexei tentou o suicídio. Passou a crise. 1890 o viu como escrevente de advogado. O seu genio creador já exigia forma definida para os seus símbolos. Em 1892 o ferreirião Alexei Máximovitche Pechkov com o nome de Máximo Gorki com que seria amado pela humanidade, publicando o seu romance "Raskasi", ingressava na galeria dos gênios. Ele tinha apenas 23 anos...

O resto é conhecido: "Konovaloff", "Stepe", "Angustia", "Um leitor", "Vagabundos", "Thomas Gordico", "Os Orloff" e vinte livros mais

ELEGIA

EM MEMÓRIA DA CONFIDENTE

Eu queria demais a essa bôa menina.
Com a sua, foi tambem um pouco de minha alma.
E não a acompanhei! Não porque não quisesse...
Vi de longe o cortejo, occulto rumo esquina.
Tudo quanto eu pensava era em fôrma de prece.
Depois, quando, com a noite, ela ficou em calma,
na ilha de solidão que a todos apavora,
a sombra tutelar dos ciprestes silentes,
entrei no campo-santo, exaustão e pensativo...
Procurei-a, depressa, entre os mortos recentes:
eu era por ali como um fantasma vivo...
E quando dei, por fim, com a sua sepultura,
não pude acreditar que tivessem coragem
de deixar no abandono, em tão feia paragem,
a graça, a inteligência, a bondade, a ternura...

Voltei-me para o céu, num gesto desvairado,
e saiu-me da bôca, em louco desafio,
todo o meu desespero ha muito recalçado...

O éco nem respondeu, se ouviu minha insolência,
E o céu deu-me a impressão de um túmulo vazio...

Talvez houvesse em tudo a dôr da mesma ausência.

Pús-me então a dizer seu nome, com doçura,
como quem diz um verso evocando o passado,
um verso que se reza enquanto se murmura,
e foi como se alguém me houvesse consolado...

Seu espirito bom veio até mim nessa hora:
só êle me traria êsse alívio da Altura...

Não lhe levei sequer nem uma flôr singela:
só lágrimas das mais sentidas que hei chorado,
lágrimas que arranquei do coração para ela...
Para ela, a quem entrego o meu destino, agora,
como entregára, em vida, a minha desventura...

CLEOMENES CAMPOS

enriquecendo o patrimônio da cultura universal.

Para êle a luta, a prisão, a Siberia, a cênica e finalmente a morte, sem que aquela inquietação e aquela ancia de distancias não vencida, e ascensão não definida, algum dia se houvessem acalmado, dentro do seu grande coração.

(O desenho da página é de J. Figueiredo).

O quinto aniversário do governo maranhense



ATENAS RENDE AQUI UMA EXPRESSIVA HOMENAGEM A S. EXCIA. O SR. DR. PAULO RAMOS, INTERVENTOR FEDERAL, POR MOTIVO DO TRANSCURSO DO QUINTO ANIVERSÁRIO DE SEU GOVERNO, COMEMORADO EM 15 DE AGOSTO, FORMULANDO OS MELHORES VOTOS DE INÚMERAS PROSPERIDADES A S. EXCIA. PELO FELIZ EVENTO

O quinto aniversário do governo maranhense



ATENAS RENDE AQUI UMA EXPRESSIVA HOMENAGEM A S. EXCIA. O SR. DR. PAULO RAMOS, INTERVENTOR FEDERAL, POR MOTIVO DO TRANSCURSO DO QUINTO ANIVERSÁRIO DE SEU GOVERNO, COMEMORADO EM 15 DE AGOSTO, FORMULANDO OS MELHORES VOTOS DE INÚMERAS PROSPERIDADES A S. EXCIA. PELO FELIZ EVENTO

CANÇÕES NOTURNAS DO VIAJOR

(WANDERERS NACHTLIEDS)

DE GOETHE



Johann Wolfgang von Goethe, dentre os gênios da poesia, destaca-se pela sua facilidade em poetar com a simplicidade das flores campestres ou com a profundidade do engenho filosófico de sua raça. O seu gênio que com tanta intensidade se revelou no *Fáusto*, se eleva aos altiplanos líricos, quando ele então essas belas canções populares alemães, que hoje vivem na boca das louras camponesas de Thuringia e das crianças que, quando a guerra não flagela a Europa, dançam as suas danças típicas, nas margens lendárias do Reno, sonhando com *Siegfried*, o herói que desafiou os deuses, *Brunhilda*, a mais linda de todas as *Wal-kiras*, *Lohengrin*, o cavaleiro do Monte Saluat e todos os heróis das lendas do Santo Graal.

Dentre as canções populares, cujo sentido encerra a grandiosidade do pensamento do genial mestre de Weimar, destacam-se as Canções Noturnas do Viajor, que aqui apresentamos aos nossos leitores, em primorosas traduções da Sra. Amélia de Rezende.

Sobre todos os cimos
há paz,
e sobre os cumes
leve sopro
siquier perceberás...
Calam os pássaros na mata.
Espera, pois, e, em breve;
Também descansarás.

Em grande serenidade
imóvel descansa o mar,
e, em angústia mira, o nauta,
a água em torno do olhar.
Em redor nem uma aragem!
Da morte a triste expressão!
Nenhuma onda se agita
na vastíssima amplitude!

Jubiloso

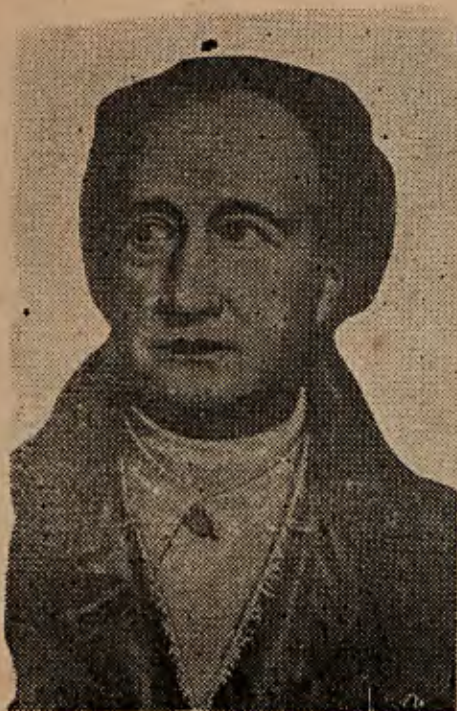
ou infeliz.
em saudade
infinita,
receioso em ti a dor
prestes a dominar,
com anseios de céu
ou torturas de morte
só conhece a ventura
a alma que sabe amar.

Tu, que moras na mansão celeste,
Tú, que apagas o penar e a dor
Cujas presenças são duplamente doces
A quem duplamente já sofreu...
Cançado estou da agitação da vida!
De que vale a lágrima ou o prazer?
Serena paz,
Serena paz,
Vem acalmar o peito meu!

CANÇÕES NOTURNAS DO VIAJOR

(WANDERERS NACHTLIEDS)

DE GOETHE



Johann Wolfgang von Goethe, dentre os gênios da poesia, destaca-se pela sua facilidade em poetar com a simplicidade das flores campestres ou com a profundidade do engenho filosófico de sua raça. O seu gênio que com tanta intensidade se revelou no *Fáusto*, se eleva aos altiplanos líricos quando ele então essas belas canções populares alemães, que hoje vivem na boca das louras camponesas de Thuringia e das crianças que, quando a guerra não flagela a Europa, dançam as suas danças típicas, nas margens lendárias do Reno, sonhando com *Siegfried*, o herói que desafiou os deuses, *Brunhilda*, a mais linda de todas as *Walkiras*, *Lohengrin*, o cavaleiro do Monte Saluat e todos os heróis das lendas do Santo Graal.

Dentre as canções populares, cujo sentido encerra a grandiosidade do pensamento do genial mestre de Weimar, destacam-se as Canções Noturnas do Viajor, que aqui apresentamos aos nossos leitores, em primorosas traduções da Sra. Amélia de Rezende.

Sobre todos os cimos
há paz,
e sobre os cumes
leve sopro
siquier perceberás...
Calam os pássaros na mata.
Espera, pois, e, em breve;
Também descansarás.

Em grande serenidade
imóvel descansa o mar,
e, em angústia mira, o nauta,
a água em torno do olhar.
Em redor nem uma aragem!
Da morte a triste expressão!
Nenhuma onda se agita
na vastíssima amplidão!

Jubiloso

ou infeliz.
em saudade
infinita,
receioso em ti a dôr
prestes a dominar,
com anseios de céu
ou torturas de morte
só conhece a ventura
a alma que sabe amar.

Tu, que moras na mansão celeste,
Tú, que apagas o penar e a dôr
Cujas presenças são duplamente doces
A quem duplamente já sofreu...
Cançado estou da agitação da vida!
De que vale a lágrima ou o prazer?
Serena paz,
Serena paz,
Vem acalmar o peito meu!

CARTA A PAULO BENTES

ALFREDO DE ASSIS

(Da Academia Maranhense de Letras)

Os teus versos, poeta, eu osento ndo, e sinto.
Em palavras me falam transparentes

Os teus versos
Que versos não parecem,
Tão outros se apresentam
Os que sempre me deram
Emoções
Persamentos;
Dos que sempre trouxeram
Ao meu ser
Enlevado

A excelsa linguagem
De almas inconfundíveis:
Os sonhos e as tristezas
De corações sublimes.

Dêsses versos "modernos",
Uma grande harmonia
Se evolva, produzindo em meu espírito
A sensação de um mundo
De paisagens não vistas
Entre as outras
Dos outros
Paisagistas.

Entendo-os, e me alegre.
(Há muitos, infinitos, em jornais,
Em revistas, em livros
Do feitio
Dos teus,
E que jamais consegui traduzir).
Facilmente compreendo
Os versos de "Porongo",

E eleva-se minha alma
Quando os leio,
Libelula feliz
Levada ao brando embalo
De uma brisa aromada.
E a libelula sobe
Através
De um gorgeio...

E' que há neles,
Da amazonas terra brasileira
Tão cheio de mistérios na opulência
Da seiva tropical a glória dos teus rios
Em supremo fulgor manifestada.
Nêles passam tens rios dominando,

E simultaneamente refletindo
Imagens e sinais
Da vida ribeirinha.

Os teus versos, tão simples
E tão vivos a um tempo,
Evocam-me formosos quadros
Inesquecíveis,
Qual seja o vespertino
Das águas que adormecem
Beijando as canaranas...
Quanto outros me lembram mesmo agora!

Moitas de mururés, enfeitadas
De pássaros contentes,



JOSÉ ROCHA, nosso devotado amigo, cujo aniversário transcorreu no dia 11 de agosto corrente José Rocha que é conceituado Inspetor Geral no Maranhão, da Empresa Construtora Universal Ltda. de S. Paulo recebeu festivos parabens naquela data, também, muito cara aos que trabalham em

ATHENAS

CARTA A PAULO BENTES

ALFREDO DE ASSIS

(Da Academia Maranhense de Letras)

Os teus versos, poeta, eu osento ndo, e sinto.
Em palavras me falam transparentes

Os teus versos
Que versos não parecem,
Tão outros se apresentam
Os que sempre me deram
Emoções
Persamentos;
Dos que sempre trouxeram
Ao meu ser
Enlevado

A excelsa linguagem
De almas inconfundíveis:
Os sonhos e as tristezas
De corações sublimes.

Dêsses versos "modernos",
Uma grande harmonia
Se evolva, produzindo em meu espírito
A sensação de um mundo
De paisagens não vistas
Entre as outras
Dos outros
Paisagistas.

Entendo-os, e me alegre.
(Há muitos, infinitos, em jornais,
Em revistas, em livros
Do feitio
Dos teus,
E que jamais consegui traduzir).
Facilmente compreendo
Os versos de "Porongo",

E eleva-se minha alma
Quando os leio,
Libelula feliz
Levada ao brando embalo
De uma brisa aromada.
E a libelula sobe
Através
De um gorgeio...

E' que há neles,
Da amazonas terra brasileira
Tão cheio de mistérios na opulência
Da seiva tropical a glória dos teus rios
Em supremo fulgor manifestada.
Nêles passam tens rios dominando,

E simultaneamente refletindo
Imagens e sinais
Da vida ribeirinha.

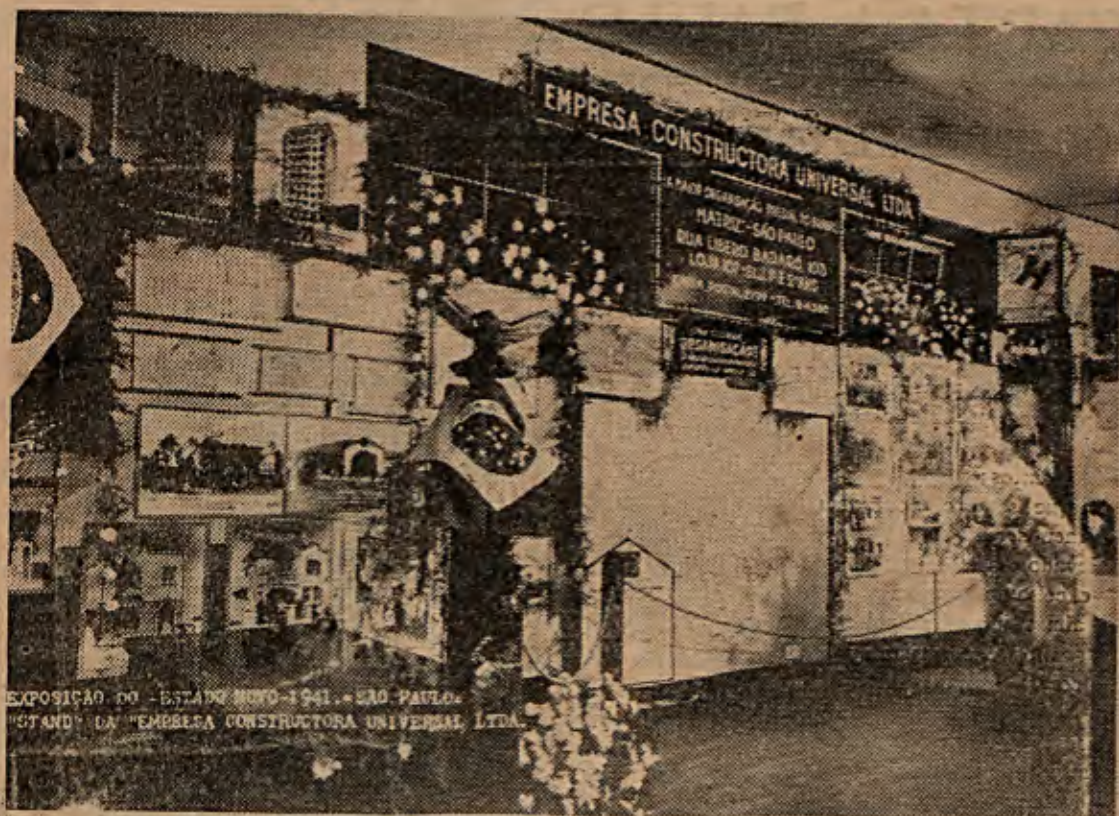
Os teus versos, tão simples
E tão vivos a um tempo,
Evocam-me formosos quadros
Inesquecíveis,
Qual seja o vespertino
Das águas que adormecem
Beijando as canaranas...
Quanto outros me lembram mesmo agora!

Moitas de mururés, enfeitadas
De pássaros contentes,



JOSÉ ROCHA, nosso devotado amigo, cujo aniversário transcorreu no dia 11 de agosto corrente José Rocha que é conceituado Inspetor Geral no Maranhão, da Empresa Construtora Universal Ltda. de S. Paulo recebeu festivos parabens naquela data, também, muito cara aos que trabalham em

ATHENAS



"Stand" da Empresa Construtora Universal Ltda., de S. Paulo, a maior organização de sorteios prediais da America do Sul, na Exposição do Estado Novo, recentemente realizada na capital bandeirante. A Empresa Construtora tem o seu escritório nesta capital á rua dr. Tarquinio Lopes, 232, sendo seu representante nêste Estado, o nosso confrade José A. dos Santos Rocha

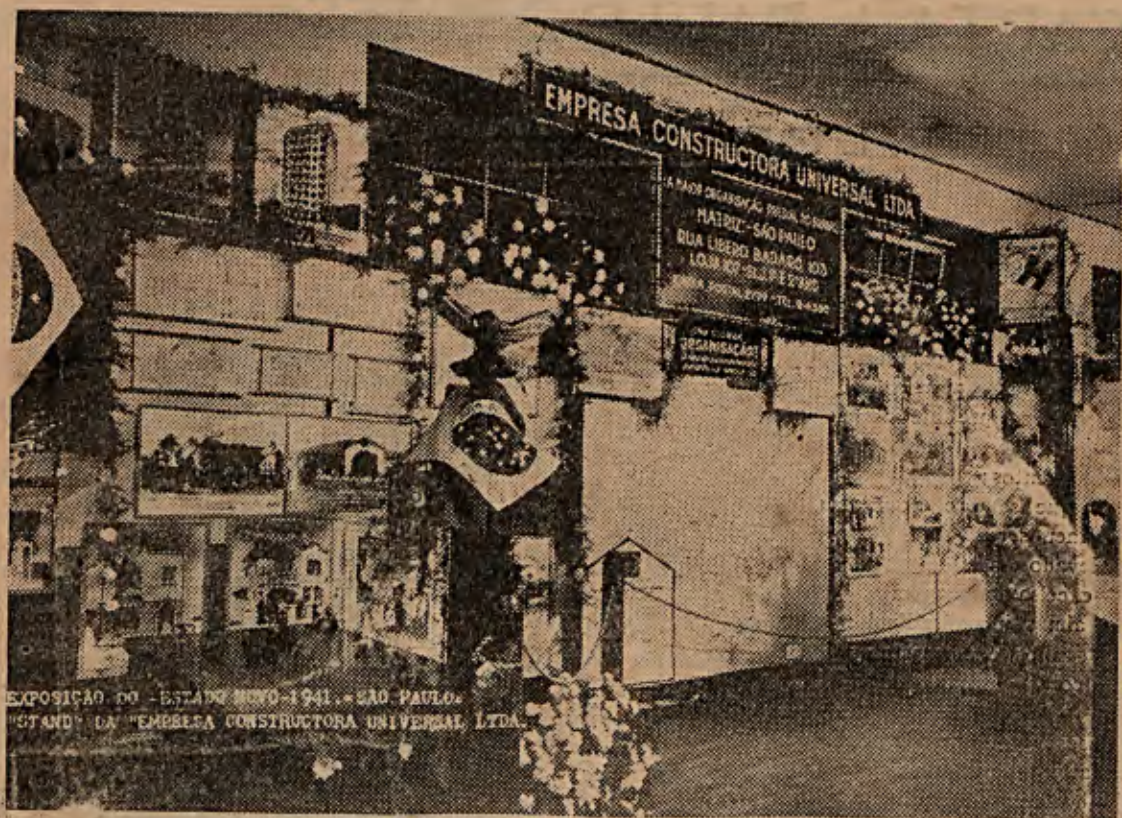
Vão boiando, seguindo
Ao léu da correnteza...

As névoas matinais
Pouco a pouco, do sol á claridade,
Esgarçam-se...
Dess'arte
Deixam ver as distâncias...
Através das clareiras se entremostam
Estirões e volteios... Fôge a bruma.
Que esplendor
Sôbre a mata, nas ondas, céus em fóra,
Por sôbre tudo
Em suma!

Os teus versos, tão claros,
Representam-me os vôos
Das aves duplicando-se no espelho
Murmuroso, por onde
As igaras deslizam
Vendo o fundo das águas
Perto da ribanceira,
Ou vendo unicamente

A espessidão
Do abismo...

Chegam dos tējupares
Não distantes
Aos rios
Vozes de humano acento.
Chegam também dos ninhos
Murmúrios,
Turturinos,
Melopéias...
Perfumes trás o vento para as margens,
E rumores da selva,
E gritos de animais...
O Amazonas soberbo é um mundo de epopéias.
Surgem, erguendo espumas, nêsse mundo,
Igaritês guerreiras...
Sons de inubias derramam-se...
Com êles, silvos de fleças,
Longos... E êsse mundo agita-se
Envolvido no amavio
De lendas virginais.



"Stand" da Empresa Construtora Universal Ltda., de S. Paulo, a maior organização de sorteios prediais da América do Sul, na Exposição do Estado Novo, recentemente realizada na capital bandeirante. A Empresa Construtora tem o seu escritório nesta capital á rua dr. Tarquinio Lopes, 232, sendo seu representante nêste Estado, o nosso confrade José A. dos Santos Rocha

Vão boiando, seguindo
Ao léu da correnteza...

As névoas matinais
Pouco a pouco, do sol á claridade,
Esgarçam-se...
Dess'arte
Deixam ver as distâncias...
Através das clareiras se entremostrom
Estirões e volteios... Fôge a bruma.
Que esplendor
Sôbre a mata, nas ondas, céus em fóra,
Por sôbre tudo
Em suma!

Os teus versos, tão claros,
Representam-me os vãos
Das aves duplicando-se no espelho
Murmuroso, por onde
As igaras deslizam
Vendo o fundo das águas
Perto da ribanceira,
Ou vendo unicamente

A espessidão
Do abismo...

Chegam dos tējupares
Não distantes
Aos rios
Vozes de humano acento.
Chegam também dos ninhos
Murmúrios,
Turturinos,
Melopéias...
Perfumes trás o vento para as margens,
E rumores da selva,
E gritos de animais...
O Amazonas soberbo é um mundo de epopéias.
Surgem, erguendo espumas, nêsse mundo,
Igarités guerreiras...
Sons de inubias derramam-se...
Com êles, silvos de flechas,
Longos... E êsse mundo agita-se
Envolvido no amavio
De lendas virginais.



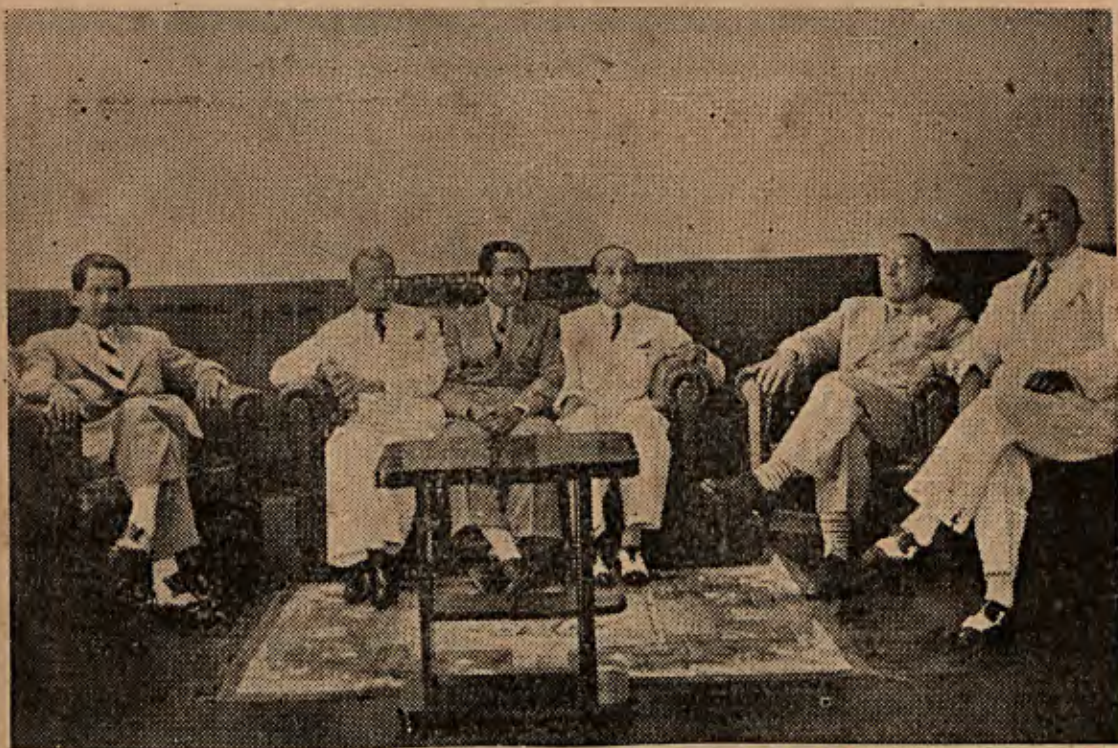
Um aspecto tomado no Departamento Administrativo, no dia em que ali se comemorou o segundo aniversário de instalação desse importante órgão da Pública Administração

Nos teus versos
 (Porisso é que eles atingiram
 Prontamente minh'alma),
 Deslumbrado entrevejo
 O brasileiro encanto dos teus rios,
 Ou nas horas ardentes,
 Quando o sol
 Nêles fulgura, laminando-os
 De ouro,
 Ou nas horas
 Das noites mais sombrias,
 Ou quando a lua nêles
 Vaidosa se retrata,
 E com eles ondeia
 Laminando-os
 De prata...

Vejo-os também desmarginados,
 Em formidáveis
 Correrias, monstros famintos
 Galopando e devorando
 Em fúria acesa
 Tudo se alarma em torno,
 Alarma inútil cresce!
 A fúria e a fome
 Dos tôrvos monstros
 Vão comendo

A terra! A terra imbele
 E' a presa!
 E nêsse exício vão levando
 Roças bonitas,
 A opulência das plantações,
 E o gado em susto
 Foge. A maromba ao longe
 Se ergue. A maromba
 Há de salvá-lo!

Porém um dia
 A alma divina
 Da Natureza acóde
 A terra. Chega, e depressa
 Dôce inclina ao seu domínio
 A alma
 Da guerra!
 E brandos
 Como aquêles que arrependidos
 Fôram perdoados,
 Mansos lá vão de novo
 Os belos rios cantando
 A chama eterna,
 O gênio estético,
 Sobranceiro às estrelas,
 Da Força geradora
 Do Universo.



Um aspecto tomado no Departamento Administrativo, no dia em que ali se comemorou o segundo aniversário de instalação desse importante órgão da Pública Administração

Nos teus versos
 (Porisso é que eles atingiram
 Prontamente minh'alma),
 Deslumbrado entrevejo
 O brasileiro encanto dos teus rios,
 Ou nas horas ardentes,
 Quando o sol
 Nêles fulgura, laminando-os
 De ouro,
 Ou nas horas
 Das noites mais sombrias,
 Ou quando a lua nêles
 Vaidosa se retrata,
 E com eles ondeia
 Laminando-os
 De prata...

Vejo-os também desmarginados,
 Em formidáveis
 Correrias, monstros famintos
 Galopando e devorando
 Em fúria acesa
 Tudo se alarma em torno,
 Alarma inútil cresce!
 A fúria e a fome
 Dos tôrvos monstros
 Vão comendo

A terra! A terra imbele
 E' a presa!
 E nêsse exício vão levando
 Roças bonitas,
 A opulência das plantações,
 E o gado em susto
 Foge. A maromba ao longe
 Se ergue. A maromba
 Há de salvá-lo!

Porém um dia
 A alma divina
 Da Natureza acóde
 A terra. Chega, e depressa
 Dôce inclina ao seu domínio
 A alma
 Da guerra!
 E brandos
 Como aquêles que arrependidos
 Fôram perdoados,
 Mansos lá vão de novo
 Os belos rios cantando
 A chama eterna,
 O gênio estético,
 Sobranceiro às estrelas,
 Da Força geradora
 Do Universo.

A beleza dos rios o indizível
Sortilégio
Que há nêles !

Não por causa diversa
(Tão cheio
Da harmonia dos rios; da Amazônia
O teu estro se expande).
E' que soubeste,
Dizer ao imigrante,
Chamamando-o
Para o afã desbravador,
Obscuro afã glorioso,
Que as águas da tua terra
Cantam as lindas águas.
"Melodias tão lindas",
Que deixam, perpassando,
"Uma suavidade encantadora
dos ritmos".

Ditosa
A lira em que soubeste
Na exaltação do amor
E da saudade,
A luz de novilúnio
E plenilúnio

De mil recordações,
Cantar como êles cantam;
Cantar como cantaste
Nos teus versos "modernos",
Os versos de "Porongo,

Os versos de "Porongo,
Tão alheios
De muitos
Da mesma tessitura...
Porque há nêles
A flôr do sentimento
E a luz
Da inspiração.
Não tiveram nascido
Se o talento
Pedido os não houvera
Ao coração.

Só isso é que me explica
O encantamento dos meus sentidos
Quando os li.

Porisso
E' que os terei comigo,
No convívio daqueles



Este é um aspecto da chegada a S. Luiz do novo diretor da S. Luiz-Terezina, dr Archer, que ora está a frente de nossa ferrovia, desenvolvendo grandes atividades em um programa administrativo de grandes vantagens para o nosso Estado

A beleza dos rios o indizível
Sortilégio
Que há nêles !

Não por causa diversa
(Tão cheio
Da harmonia dos rios; da Amazônia
O teu estro se expande).
E' que soubeste,
Dizer ao imigrante,
Chamamando-o
Para o afã desbravador,
Obscuro afã glorioso,
Que as águas da tua terra
Cantam as lindas águas.
"Melodias tão lindas",
Que deixam, perpassando,
"Uma suavidade encantadora
dos ritmos".

Ditosa
A lira em que soubeste
Na exaltação do amor
E da saudade,
A luz de novilúnio
E plenilúnio

De mal recordações,
Cantar como êles cantam;
Cantar como cantaste
Nos teus versos "modernos",
Os versos de "Porongo,

Os versos de "Porongo,
Tão alheios
De muitos
Da mesma tessitura...
Porque há nêles
A flôr do sentimento
E a luz
Da inspiração.
Não tiveram nascido
Se o talento
Pedido os não houvera
Ao coração.

Só isso é que me explica
O encantamento dos meus sentidos
Quando os li.

Porisso
E' que os terei comigo,
No convívio daqueles



Este é um aspecto da chegada a S. Luiz do novo diretor da S. Luiz-Terezina, dr Archer, que ora está a frente de nossa ferrovia, desenvolvendo grandes atividades em um programa administrativo de grandes vantagens para o nosso Estado

A MARCHA DO GAZOGÊNIO



O gasogênio está se impondo em nosso meio como sendo o combustível mais econômico e mais nacionalista. A quando da passagem do sr. general Mascarenhas de Moraes foram feitas perante a. excia. impressionantes demonstrações do gasogênio aplicado a caminhões. O "cliché" dá-nos um aspecto dessas demonstrações

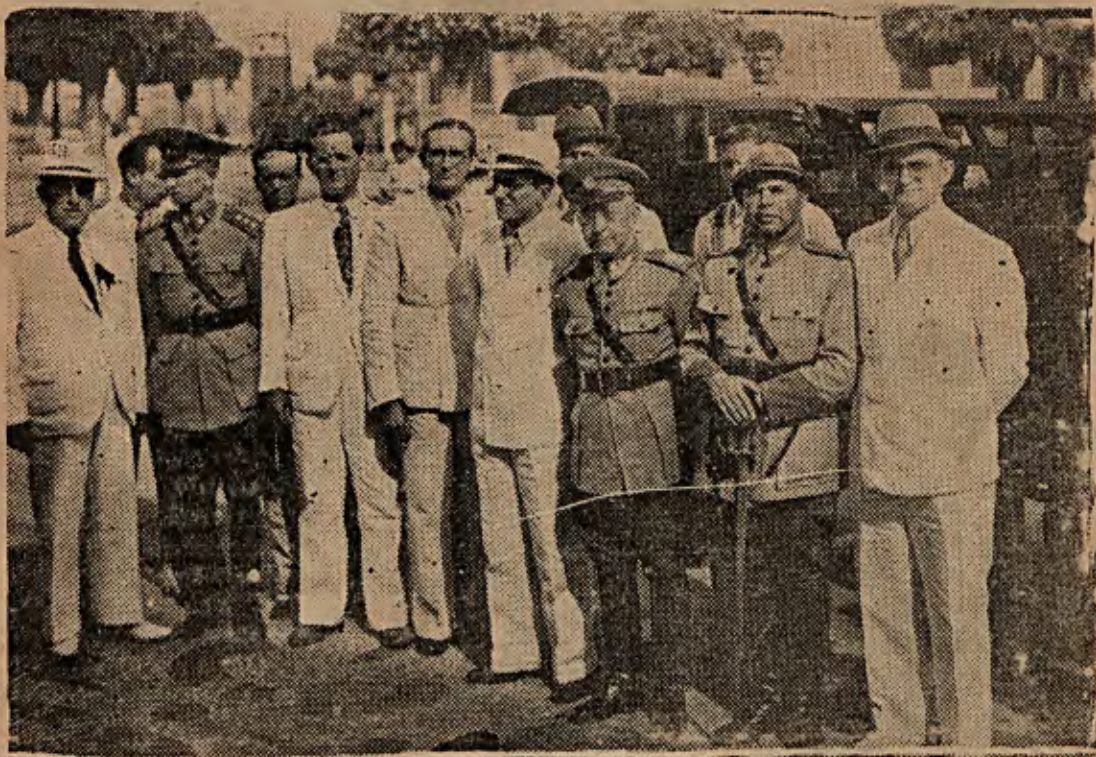
Que até hoje me têm sido os companheiros
Mais amáveis. Quero,
Ouvi-lo outras vezes
A falar-me
No **Amanhecer**, no sol
Que vem surgindo
Medrosamente
A espiar por cima
Do imóvel arvorêdo;
Na **Chuvinha Bôa**
Que fez o capinzinho verde
Nascêr, logo aspirando
A espiar mais alto
Que o rogado de milho;
Na **Casa Velha**, que lembra
Os tempos da escravaria,
Com o velho engenho,

Com o riozinho brilhando á lua,
Perdida no ermo plena
De sombras; e mais
Na **Lancha Cauré**, tôda vibrante,
Rebocando canôas
Rumorosas
Do vozeio, da alegria
Da rude caboclada;
E mais...

Na singeleza
E fôrma estranha
Dos versos de "Porongo",
Uma fonte encontrei serena
E pura
De perene beleza.

Agradeço o presente relumbrante.

A MARCHA DO GAZOGÊNIO



O gasogênio está se impondo em nosso meio como sendo o combustível mais econômico e mais nacionalista. A quando da passagem do sr. general Mascarenhas de Moraes foram feitas perante a. excia. impressionantes demonstrações do gasogênio aplicado a caminhões. O "cliché" dá-nos um aspecto dessas demonstrações

Que até hoje me têm sido os companheiros
 Mais amáveis. Quero
 Ouvi-lo outras vezes
 A falar-me
 No **Amanhecer**, no sol
 Que vem surgindo
 Medrosamente
 A espiar por cima
 Do imóvel arvorêdo;
 Na **Chuvinha Bôa**
 Que fez o capinzinho verde
 Nascer, logo aspirando
 A espiar mais alto
 Que o rogado de milho;
 Na **Casa Velha**, que lembra
 Os tempos da escravaria,
 Com o velho engenho,

Com o riozinho brilhando á lua,
 Perdida no ermo plena
 De sombras; e mais
 Na **Lancha Cauré**, tôda vibrante,
 Rebocando canôas
 Rumorosas
 Do vozeio, da alegria
 Da rude caboclada;
 E mais...

Na singeleza
 E fôrma estranha
 Dos versos de "Porongo".
 Uma fonte encontrei serena
 E pura
 De perene beleza.

Agradeço o presente relumbrante.

A Moda em Revista



Vestido simples para passeio, em seda listada, lindos, magníficos para destacar a formosura de nossas patricias

A Moda em Revista



Vestido simples para passeio, em seda listada, lindos, magníficos para destacar a formosura de nossas patricias



Grça, elegância eis o encanto destes modelos, três "peças" magnificas para as nossas leitoras



Grça, elegância eis o encanto destes modelos, três "peças" magníficas para as nossas leitoras



Três lindos modelos, última novidade de ATHENAS a suas leitoras. São lindos vestidos de passeio, o primeiro, em albanê estampado todo enfeitado a ponto; o segundo, o do centro, feita de lino estampado; e o da direita em Rhodia estampado de cerejas



Três lindos modelos, última novidade de ATHENAS a suas leitoras. São lindos vestidos de passeio, o primeiro, em albanê estampado todo enfeitado a ponto; o segundo, o do centro, feita de linho estampado; e o da direita em Rhodia estampado de cerejas

como um soldado diante de seu superior, e medindo as palavras, com as mãos fechadas, uma na outra.

—Alice, eu te agradeço a lição. Passei a ver em ti a mulher que ainda não veria nunca se continuasse teu amante. Inoculaste-me um vírus, mas tu mesma me curaste. Entrei, hoje, abatido, em tua casa. Vou sair dela completamente modificado. Sinto-me vexado comigo mesmo e humilhado diante de ti.

—Humilhado?

—Não porque não me queres mais para teu amante, mas porque reconheço que me salvaste quando estava em tuas mãos prejudicar-me, aniquilar-me sob todos os aspectos.

E estendendo-lhe a dextra:

—Minha querida amiga, minha inesquecível Adélia, muitas felicidades e crê-me em todos os tempos, teu amigo sincero.

—Adélia, sem perceber:

—Então, não há rompimento...

—Não, minha amiga. Não! Terás sempre sempre a minha amizade, a minha gratidão.

—Esta casa será tua meu querido Artur, em todos os tempos...

—Por enquanto não te posso dizer o mesmo porque não tenho casa. Moro numa república de caixeiros e despachantes, mas quando a tiver, entrarás nela como entras na tua própria casa. Verá, então, o quanto ficaste, pela tua sinceridade, dentro de mim!

Alguns anos depois... Seis horas de uma manhã clara e agradável de junho.

No portão largo do sítio "Belo Horizonte" no Caminho Grande uma mulher de pé, entendia-se com uns compradores de frutas. Era uma mulher simpática, de fôrmas esculturais. Alta, esbelta, roliça, de quadris largos e cintura fina. O rosto e os olhos encantavam. O rosto bem moldado. Os olhos languídos. O vento que passava levemente desenhava-lhe as pernas e o ventre, através do vestido leve, de chita estampada. Os cabelos castanhos, pardos, desalinhavados, bem mostravam que ela havia pouco, se levantara. Mas aquele desalinhado do cabelo, e do casaco, meio desabotoado, lhe davam mais graça e faziam tentadora. Uma nesga do còlo a descoberto e o pescoço torneado despertavam certo interesse aos ricos da vizinhança, que passando a cumprimentavam com intimidade, e paravam para lhe dizer graças de bom vizinho. Naquela manhã, o coronel João Peixoto foi o último a passar:

—Então, Carolina, como vai o Artur? Ainda está no quente? Por que não vender as frutas?



MARIA DE JESUS, a graciosa Mairy, filhinha do casal Bernardino Cunha e Mirtes Pereira da Cunha completou seis lindas primaveras no dia 23 deste mês.

Foi uma festa de aleluias que inundou de imensas alegrias o lar de seus queridos pais e os corações de seus diletos avós — nosso presado amigo sr. João Alves Junior Pereira e d. Gracinha Pereira.

—Está cansado de trabalhar. Só o capinzal lhe dá muito que fazer. Contudo! Precisa de dormir mais um pouco. O sr. não acha?

—Mas trabalha tu.

—E' possível. Mas trabalho em casa, á minha vontade. Ajudo a cosinha, faço doces para a nossa sobremesa, coso meus vestidos, concerto meus chapéus, arrumo os seus livros e o papelório das casas comerciais que ele prepara, e ainda tenho tempo de cantar e de dormir.

—Porque não lhes exiges uma empregada?

—A empregada sou eu. E eu bem que podia cosinhar. Ele é que não quer. Festa de minha-

como um soldado diante de seu superior, e medindo as palavras, com as mãos fechadas, uma na outra.

—Alice, eu te agradeço a lição. Passei a ver em ti a mulher que ainda não veria nunca se continuasse teu amante. Inoculaste-me um vírus, mas tu mesma me curaste. Entrei, hoje, abatido, em tua casa. Vou sair dela completamente modificado. Sinto-me vexado comigo mesmo e humilhado diante de ti.

—Humilhado?

—Não porque não me queres mais para teu amante, mas porque reconheço que me salvaste quando estava em tuas mãos prejudicar-me, aniquilar-me sob todos os aspectos.

E estendendo-lhe a dextra:

—Minha querida amiga, minha inesquecível Adélia, muitas felicidades e crê-me em todos os tempos, teu amigo sincero.

—Adélia, sem perceber:

—Então, não há rompimento...

—Não, minha amiga. Não! Terás sempre sempre a minha amizade, a minha gratidão.

—Esta casa será tua meu querido Artur, em todos os tempos...

—Por enquanto não te posso dizer o mesmo porque não tenho casa. Moro numa república de caixeiros e despachantes, mas quando a tiver, entrarás nela como donas na tua própria casa. Verá, então, o quanto ficaste, pela tua sinceridade, dentro de mim!

Alguns anos depois... Seis horas de uma manhã clara e agradável de junho.

No portão largo do sítio "Belo Horizonte" no Caminho Grande uma mulher de pé, entendia-se com uns compradores de frutas. Era uma mulher simpática, de fôrmas esculturais. Alta, esbelta, roliça, de quadris largos e cintura fina. O rosto e os olhos encantavam. O rosto bem moldado. Os olhos languídos. O vento que passava levemente desenhava-lhe as pernas e o ventre, através do vestido leve, de chita estampada. Os cabelos castanhos, pardos, desalinhavados, bem mostravam que ela havia pouco, se levantara. Mas aquele desalinho do cabelo, e do casaco, meio desabotoado, lhe davam mais graça e faziam tentadora. Uma nesga do cós a descoberto e o pescoço torneado despertavam certo interesse aos ricos da vizinhança, que passando a cumprimentavam com intimidade, e paravam para lhe dizer graças de bom vizinho. Naquela manhã, o coronel João Peixoto foi o último a passar:

—Então, Carolina, como vai o Artur? Ainda está no quente? Por que não vender as frutas?



MARIA DE JESUS, a graciosa Mairy, filha do casal Bernardino Cunha e Mirtes Pereira da Cunha completou seis lindas primaveras no dia 23 deste mês.

Foi uma festa de aleluias que inundou de imensas alegrias o lar de seus queridos pais e os corações de seus diletos avós — nosso presado amigo sr. João Alves Junior Pereira e d. Gracinha Pereira.

—Está cansado de trabalhar. Só o capinzal lhe dá muito que fazer. Contudo! Precisa de dormir mais um pouco. O sr. não acha?

—Mas trabalha tu.

—E' possível. Mas trabalho em casa, á minha vontade. Ajudo a cosinha, faço doces para a nossa sobremesa, coso meus vestidos, concerto meus chapéus, arrumo os seus livros e o papelório das casas comerciais que ele prepara, e ainda tenho tempo de cantar e de dormir.

—Porque não lhes exiges uma empregada?

—A empregada sou eu. E eu bem que podia cosinhar. Ele é que não quer. Festa de minha-



Eis aqui uma relíquia preciosa: o prelo em que Humberto de Campos iniciou a sua carreira nas letras. E' dono dessa preciosidade o sr. Juvenio Magalhães, residente neste Estado, no local S. Benedito, municipio de Vargem Grande. Devemos esta fotografia aos cuidados do escritor Padre Joaquim de Jesus Dourado

E ela ficou, no portão a olhar a pretinha que se afastava quasi de carreira. E de si para si:

—Coitada de d. Adélia! Nem um só de seus amantes ficou com ela!

A's suas joias já se fôram todas... E os móveis tão bonitos!...

E' por isto que se diz que preso, e doente não tem amigos... Quando deixei a sua casa com o sr. Artur, ela me disse:

—Artur é um miserável. Vai ver o que te espera com um homem sem dinheiro. Mas eu gostava de seu Artur. E foi ela mesma contando-me as suas caricias que me fez gostar d'ele. E agora — não a estou servindo? Corra a vontade de seu Artur já lhe comprei muita coisa, que não nos serve para nada. Só para encher a casa! Enfim, quando nos casarmos já estaremos com a casa arrumada para as visitas!

O sinal principal de estreiteza do espírito é de julgar ligeiramente todas as cousas. — XXX



Coelho Neto é um município que prospera. Vê-se aqui, em dois aspectos, o prédio do "Mercado Público" inaugurado este ano, com a presença do dr. Jaime Brito, representante do exmo. sr. Intendente Federal

mãos assim. E não quer a minha pele tostada pelo calor do fogo. Que é que o sr. pensa? Sou uma mulatinha de luxo!

E' enquanto conversava, Carolina vendia frutas, frangos, ovos, verduras e dava ordem aos empregados do sítio, três rapagões que, de carreira, atendiam o seu chamado.

—O coronel João Peixoto afasta-se para tomar o carro e Carolina dá de cara com uma pretinha, a Feliciano, da casa de Adélia. Trazia-lhe um bilhete. Adélia tomou-o das mãos da pretinha e leu, com sofreguidão.

—Espera aí...

E apressou o passo para casa. Momentos depois voltava com um envelope que entregou a Feliciano.

—Vai depressa!



Eis aqui uma relíquia preciosa: o prelo em que Humberto de Campos iniciou a sua carreira nas letras. E' dono dessa preciosidade o sr. Juvenio Magalhães, residente neste Estado, no local S. Benedito, municipio de Vargem Grande. Devemos esta fotografia aos cuidados do escritor Padre Joaquim de Jesus Dourado

E ela ficou, no portão a olhar a pretinha que se afastava quasi de carreira. E de si para si:

—Coitada de d. Adélia! Nem um só de seus amantes ficou com ela!

A's suas joias já se fôram todas... E os móveis tão bonitos!...

E' por isto que se diz que preso, e doente não tem amigos... Quando deixei a sua casa com o sr. Artur, ela me disse:

—Artur é um miserável. Vai ver o que te espera com um homem sem dinheiro. Mas eu gostava de seu Artur. E foi ela mesma contando-me as suas caricias que me fez gostar d'ele. E agora — não a estou servindo? Corra a vontade de seu Artur já lhe comprei muita coisa, que não nos serve para nada. Só para encher a casa! Enfim, quando nos casarmos já estaremos com a casa arrumada para as visitas!

O sinal principal de estreiteza do espirito é de julgar ligeiramente todas as cousas. — XXX



Coelho Neto é um município que prospera. Vê-se aqui, em dois aspectos, o prédio do "Mercado Público" inaugurado este ano, com a presença do dr. Jaime Brito, representante do exmo. sr. Intendente Federal

mãos assim. E não quer a minha pele tostada pelo calor do fogo. Que é que o sr. pensa? Sou uma mulatinha de luxo!

E' enquanto conversava, Carolina vendia frutas, frangos, ovos, verduras e dava ordem aos empregados do sítio, três rapagões que, de carreira, atendiam o seu chamado.

—O coronel João Peixoto afasta-se para tomar o carro e Carolina dá de cara com uma pretinha, a Feliciano, da casa de Adélia. Trazia-lhe um bilhete. Adélia tomou-o das mãos da pretinha e leu, com sofreguidão.

—Espera aí...

E apressou o passo para casa. Momentos depois voltava com um envelope que entregou a Feliciano.

—Vai depressa!

STRITO S. NITARIO

ANTONIO DE BALSAS

dr. Almir Menezes,

e da esquerda para a

val Amaral, guarda-sa-

gos Veloso, assistente;

o, microscopista; Cori-

assistente e José Cha-



RELLES & CIA.

ZEM DE FERRAGENS,
TAS, ARTEFACTOS NA-
VAES E MIUDEZAS

permanente de maie-
para construcções — Fer-
para lavoura — Cha-
cobre, zinco, ferro, esta-
chumbo — Telhas de fer-
manizadas — Oleos, Verni-
ntas, Graxas, Arame liso,
as, Louças de Ferro es-
maltado e alumnio

FERRAGENS EM GERAL

farpado em rolos de 320
502 metros (metragem
garantida)

TAS «YPIRANGA»

NTARIOS
DISTRIBUIDORES

ESTE ESTADO

egr. — ZECARVALHO

Joachim Tavora, 173
Maranhão — C. Postal, 93

LIVRARIA MODERNA

— DE —

GUIMARAES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.
1220 — Caixa Postal, 97 — S.
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros esco-
lares, direito, medicina e conta-
bilidade.

Livros em branco, de todos os
formatos, Romances de todos os
estyls, Livros de Historias para
Crianças. Grande variedade em
papeis, jornaes, encadernação,
apergaminhado, de seda, gelati-
nado, desenho, etc. Blocos diver-
sos, Caixas de papel, Cartões
em branco

Artigos para escriptorio e escola-
res. Artigos proprios para
— presentes —

Visitae a LIVRARIA MODERNA

STRITO S. NITARIO

ANTONIO DE BALSAS

dr. Almir Menezes,

e da esquerda para a

val Amaral, guarda-sa-

gos Veloso, assistente;

o, microscopista; Cori-

assistente e José Cha-



RELLES & CIA.

ZEM DE FERRAGENS,
TAS, ARTEFACTOS NA-
VAES E MIUDEZAS

permanente de maie-
para construcções — Fer-
para lavoura — Cha-
cobre, zinco, ferro, esta-
chumbo — Telhas de fer-
manizadas — Oleos, Verni-
ntas, Graxas, Arame liso,
as, Louças de Ferro es-
maltado e alumnio

FERRAGENS EM GERAL

farpado em rolos de 320
502 metros (metragem
garantida)

TAS «YPIRANGA»

NTARIOS
DISTRIBUIDORES

ESTE ESTADO

egr. — ZECARVALHO

Joachim Tavora, 173
Maranhão — C. Postal, 93

LIVRARIA MODERNA

— DE —

GUIMARAES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.
1220 — Caixa Postal, 97 — S.
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros esco-
lares, direito, medicina e conta-
bilidade.

Livros em branco, de todos os
formatos, Romances de todos os
estyls, Livros de Historias para
Crianças. Grande variedade em
papeis, jornaes, encadernação,
apergaminhado, de seda, gelati-
nado, desenho, etc. Blocos diver-
sos, Caixas de papel, Cartões
em branco

Artigos para escriptorio e escola-
res. Artigos proprios para
— presentes —

Visitae a LIVRARIA MODERNA

NOVA MARCA



NOVA MARCA



